Norma J. Collins

Volume 2

Retratos dos PIONEIROS

Detalhes inspiradores da vida dos primeiros adventistas

Título original em inglês:
HEARTWARMING STORIES OF ADVENTIST PIONEERS – BOOK 2

Copyright © da edição em inglês: Review and Herald, Hagerstown, EUA.
Direitos internacionais reservados.

Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-000 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição: 3 mil exemplares
2011

Editoração: Neila D. Oliveira e Michelson Borges
Programação Visual: Fábio Fernandes
Capa: Vera Diniz e Fábio Fernandes
Imagens de Capa: A.F.C.

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Collins, Norma J.
Retratos dos pioneiros : detalhes inspiradores da vida dos primeiros adventistas, vol. 2 / Norma J. Collins ; tradução César Luís Pagani. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2011.

Título original: Heartwarming stories of adventist pioneers : book 2.
Bibliografia.

1. Adventistas do Sétimo Dia – Biografia
I. Título.

10-14225 CDD-248.24092

Índices para catálogo sistemático:

1. Adventistas do Sétimo Dia : Biografia
248.24092

EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Tipologia: Bell MT STD 11/13 – 10654/25275 – ISBN 978-85-345-1374-6

Sumário

Uma palavra ao leitor 7

1. *Leonard Hastings*: O Pregador do Campo de Batatas 10
2. *Maude Sisley Boyd*: Uma Legítima Pioneira 15
3. *Ellen G. White* (parte 1): Ela Trabalhou Sozinha 18
4. *Ellen G. White* (parte 2): A Visão de Salamanca 31
5. *Ellen G. White* (parte 3): O Chamado Para a Austrália 37
6. *Ellen G. White* (parte 4): A Volta à América 48
7. *Frederick Wheeler*: O Primeiro Pastor Ordenado a Pregar Sobre o Sábado 60
8. *Anna Knight*: Missionária na Índia e no Sul dos Estados Unidos 65
9. *Nathaniel D. Faulkhead*: Sociedades Secretas 85
10. *Stephen Nelson Haskell*: Um Homem de Ação 89
11. *Hetty Hurd*: Uma Mulher Necessária 105
12. *Stephen e Hetty Hurd Haskell*: Unindo as Vidas na Obra de Deus 108
13. *Marian Davis*: Uma Extraordinária Produtora de Livros 120
14. *Alma Baker McKibbin*: Autora dos "Livros com Cordões de Sapato" 129
15. *Stephen Smith*: O Testemunho Indesejável no Baú 149
16. *John Loughborough* (parte 1): O Jovem Pregador 155
17. *John Loughborough* (parte 2): Olá, Califórnia! 177

Bibliografia 191

Agradecimentos

A James R. Nix, que me animou e motivou por meio de seu livro.
A Kenneth H. Wood, por seu proficiente ensino e exemplo através dos anos.
A Jocelyn Fay, por sua amizade e encorajamento.
A Jeanette Johnson, por me auxiliar no caminho para a preparação dos dois volumes intitulados Retratos dos Pioneiros.
A Penny Estes Wheeler, por sua paciência e competência ao longo de todo o processo de revisão.
À Review and Herald e à Casa Publicadora Brasileira pela publicação do livro.

Uma Palavra ao Leitor

O volume 2 de *Retratos dos Pioneiros* é continuação do volume 1, com outros pioneiros ocupando a cena. O resultado é uma série de dois volumes com nova visão desses abnegados pioneiros que despenderam a vida, saúde, dinheiro – fortuna até – na divulgação das três mensagens angélicas.

Esses pioneiros realizaram um trabalho zeloso a fim de conquistar pessoas para o reino de Deus. Eles nos deixaram um legado permanente no fato de suas obras os seguirem. Homens e mulheres foram e são levados a Cristo mediante a lembrança dos sacrifícios desses pioneiros.

Na abertura das reuniões *evangelísticas*, Tiago White frequentemente usava um cântico que apreciava muito: "Você Verá Seu Senhor Voltar." Algumas das histórias mais repetidas daqueles dias começam com o pastor White caminhando entre os bancos do lugar de reuniões ou prédio escolar, cantando:

"Você verá seu Senhor retornando,
Você verá seu Senhor retornando,
Você verá seu Senhor retornando,
Em poucos dias mais.
Ouça o som da música,
Ouça o som da música,
Ouça o som da música,
Que ecoa pelo ar."

Os sentimentos dessa canção e mesmo suas palavras ressoam no volume dois.

A palavra "adventista" era usada nos primeiros dias para designar alguém que pregava e cria na breve volta de Jesus. Isso aconteceu muito tempo antes da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia e de ser o termo adotado genericamente para identificar aqueles que acreditavam que o segundo advento de Cristo estava próximo.

No volume 2, você conhecerá Anna Knight, uma moça que se apaixonou por Jesus. Ao mesmo tempo, ela aprendeu sobre o sábado e quis, mais do que qualquer coisa, ser batizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para isso, viajou 615 km. Como era a única adventista da

família, ela frequentemente passava o sábado memorizando a lição da Escola Sabatina ou lendo revistas cristãs que tinha à mão.

Depois você terá novas percepções da vida de N. D. Falkhead, da Austrália, um homem de estreitos vínculos com a maçonaria e outras sociedades secretas.

O pastor S. N. Haskell aparece neste volume, juntamente com Hetty Hurd Haskell, sua segunda esposa. O casal trabalhou durante mais de 20 anos espalhando a mensagem do evangelho. Você ficará com a respiração suspensa ao ler sobre seu excitante trabalho no trato com o movimento da carne santa, no encontro campal de Indiana, em 1900.

E vai sentir o sofrimento da Sra. White em sua luta para manter a promessa feita ao marido de levar avante a obra de propagação da mensagem do evangelho. E isso ela fez, não somente nos Estados Unidos, como também na Europa e na Austrália. Marian Davis, secretária da Sra. White, mostra como a obra da Sra. White era feita e o que aconteceu num certo dia, quando uma janela foi deixada aberta.

Através dessas e outras histórias, você aprenderá sobre as privações, os sofrimentos e as alegrias que nossos heróis tiveram, ao procurar viver em harmonia com a vontade de Deus. Alegremente, eles seguiram a direção divina, fazendo seu melhor para espalhar a notícia da breve volta de Jesus para levar Seus filhos ao lar celestial que Ele está preparando para eles.

Enquanto observa a vida desses consagrados homens e mulheres de Deus, é minha mais sincera esperança que você seja levado a reconsagrar a vida ao serviço de Cristo – seu melhor Amigo –, que morreu para que você pudesse viver para sempre com Ele.

Minha oração para todos nós é que também estejamos confiantes em seguir nosso Salvador e dispostos a fazer o que Ele nos pedir e ir aonde nos mandar. Oro para que cada um de nós permaneça firme até Jesus voltar nas nuvens de glória para nos levar para o lar eterno.

Norma J. Collins

Em memória

do pastor Arthur L. White (1907-1991),
amigo e mentor que
me apresentou aos
pioneiros adventistas.

CAPÍTULO 1

Leonard Hastings:
O Pregador do Campo de Batatas

Grande agitação se propagava por toda parte, enquanto os milerites se empenhavam em contar ao maior número possível de pessoas as boas-novas de que Jesus voltaria à Terra em breve. Porém, a maioria não lhes deu muita atenção, acreditando serem eles ignorantes e iludidos. Apesar disso, eles tentaram mostrar através de sua vida que realmente acreditavam que Jesus retornaria à Terra em 22 de outubro de 1844, a fim de levar os salvos para o Céu.

Um dos que fielmente transmitiu as boas-novas e advertências foi Leonard Hastings, um fazendeiro de New Hampshire. Sua principal ocupação era apascentar e cuidar do gado que vinha de Massachussets no verão. Além disso, ele cultivava o suficiente para atender às necessidades de sua família e obtinha renda extra através da venda da safra de batatas. A família Hastings vivia nas proximidades de New Ipswich, o centro de uma comunidade milerita que se estendia por cerca de 16 km. Leonard Hastings, que era líder do grupo local, estava firme em sua convicção sobre o breve retorno de Cristo.

Na primavera de 1844, Hastings cultivou um grande campo de batatas. Elas cresceram bem e estavam prontas para a colheita no outono. Mas Hastings achou que seria negação de sua fé colhê-las. Afinal de contas, Jesus viria em poucas semanas mais e ele não teria necessidade delas. Quando se espalhou a notícia de que Hastings não iria colher as batatas, alguns de seus vizinhos se ofereceram para fazê-lo por ele e colocar a colheita em seu celeiro. Mas Hastings estava seguro de que não iria precisar delas e, não as colhendo, estaria proclamando sua fé em que Jesus viria realmente em 22 de outubro.

"Não", disse ele, "quero que esse campo de batatas pregue minha fé na breve volta do Senhor."

"Ele é um tolo", comentavam os vizinhos entre si.

Outros diziam por trás: "Ele vai se lamentar. As batatas vão apodrecer no solo."

Leonard Hastings, porém, não foi afetado pela descrença deles. Juntamente com outros mileritas, ele demonstrava por suas ações o que havia descoberto nos estudos bíblicos. Esperava o breve retorno de Cristo e ansiava por ele. Durante o dia e a noite de 22 de outubro, Hastings e outros crentes vigiaram e esperaram. Quando, afinal, os relógios assinalaram meia-noite e Jesus não veio, eles ficaram arrasados. Vinte e dois de outubro de 1844 tornou-se conhecido como o Grande Desapontamento.

Mas o que aconteceu com os crentes mileritas após o desapontamento e enquanto eles continuaram a pesquisar as Escrituras para compreender a razão de Cristo não ter vindo naquele dia? Aqueles que não fizeram suas colheitas passaram fome? O que aconteceu à plantação de batatas do Sr. Hastings? As batatas realmente apodreceram no solo?

Não! Nenhum dos mileritas padeceu fome, nem mesmo o Sr. Hastings. Ele havia dito que desejava que as batatas pregassem sua fé em Jesus. Como se constatou posteriormente, suas batatas fizeram melhor trabalho de pregação do que ele próprio poderia ter feito.

O outono de 1844 foi moderado e as batatas de Hastings ficaram no solo até novembro. Quando finalmente as colheu, verificou que eram as melhores que ele já havia cultivado. Todavia, seus vizinhos, que haviam colhido as batatas na época costumeira, não se deram tão bem. Uma geada atingiu a Nova Inglaterra naquele ano, danificando quase toda a safra de batatas colhida dentro do prazo. Mas as que não foram colhidas não se perderam. Assim, o Sr. Hastings conseguiu um grande suprimento de batatas para sua família, bem como para aqueles vizinhos que o haviam chamado de tolo.

Uma recompensa extra veio na primavera seguinte, quando chegou a época de plantar batatas mais uma vez. Muitos dos vizinhos e conhecidos de Hastings o procuraram para comprar sementes de batatas, a fim de plantá-las em seus campos e jardins. Por causa do escasso abastecimento, as sementes de batatas foram vendidas por cinco dólares o alqueire [cerca de 36 litros] – um preço altíssimo. Aquilo que as pessoas pensavam que iria causar muitas dificuldades a Leonard Hastings tornou-se grande bênção para ele – e também para seus vizinhos.

Por volta de 1847, Hastings e sua esposa ainda não haviam se encontrado pessoalmente com Tiago e Ellen White, embora houvessem trocado alguma correspondência. Ao que parece, a primeira carta foi escrita por Tiago White a Elvira Hastings, porquanto dizia: "Tudo o que sei a seu respeito é o que vocês escreveram no *Day-Dawn*. [...] Quando encontro algo bom, desejo que todos os fiéis desfrutem disso. Essa é minha justificativa ao me dirigir a vocês nesta ocasião e incluir essas duas visões."

Tiago havia recebido recentemente cópias do panfleto que José Bates o havia ajudado a publicar. Esse material apresentava a visão de Ellen White confirmando a verdade do sábado. Juntamente com ele, Tiago remeteu um exemplar do panfleto escrito em 1846 contendo as primeiras visões de Ellen.

Em 1849, quando Tiago e Ellen White fizeram uma visita à família Hastings, encontraram-nos em "profunda aflição". Elvira Hastings veio ao seu encontro com lágrimas, dizendo: "O Senhor enviou vocês até nós num tempo de grande necessidade!" O problema era que o filho do casal, de oito semanas de idade, chorava continuamente. Nada confortava o pequeno e nem aliviava a dor que causava seu sofrimento. A própria Elvira estava em mau estado de saúde e havia chegado ao limite de suas forças.

Examinando a situação, Tiago e Ellen White sugeriram orar pela cura da mãe e do filho. Eles se ajoelharam e seguiram as instruções de Tiago 5:14 e 15, sobre a oração pelos enfermos. Usando um pouco de óleo, ungiram o bebê e, enquanto oravam, o pequenino aquietou-se e logo adormeceu. Elvira e seu filho foram curados, e a paz e a energia reinaram novamente naquele lar.

O Sr. e Sra. Hastings ficaram muito agradecidos. Ellen White também sentiu que seu tempo passado com aquela família havia sido muito precioso. Ela e Elvira tinham muita afinidade. Ellen escreveu posteriormente: "O coração da irmã Hastings [estava] ligado ao meu como o de Davi com Jônatas. Nossa união não foi prejudicada enquanto ela viveu."

Cerca de um ano mais tarde, em 1850, os White foram informados da morte súbita de Elvira Hastings. Ela estava com 42 anos de idade apenas. Ao que tudo indicou, ela morreu por rompimento do apêndice.

Ellen White escreveu a Leonard Hastings: "As notícias da morte de sua esposa foram opressivas para mim. Quase não pude acreditar e dificilmente posso acreditar agora. Deus deu-me uma visão no último

sábado à noite, a qual passo a escrever: "[...] Vi que ela estava selada, que ressurgiria ao ouvir a voz de Deus e estaria com os 144.000. Vi que não precisaríamos lamentar por ela; ela estaria descansando no tempo de tribulação, e tudo o que deveríamos lastimar era sermos privados de sua companhia. Vi que sua morte resultaria em bem."

Que mensagem confortadora deve ter sido para Leonard Hastings e seus quatro filhos. Ellen White se lembrava frequentemente dos filhos de Hastings, escrevendo-lhes pequenas notas, alegres e maternais, animando-os a entregar o coração e a vida a Jesus.

Leonard Hastings trabalhou nas comissões de nomeações e de auditoria quando a Associação da Nova Inglaterra foi organizada, em 1870, e foi vice-presidente da Sociedade Missionária e de Tratados da Nova Inglaterra, New Ipswich, New Hampshire. Ele morreu em 1882.

Detalhes

A lavoura de batatas de Leonard Hastings não foi a única a pregar um sermão.

Silas Guilford, cunhado de Guilherme Miller, havia se mudado de Dresden, Nova York, para as proximidades de Oswego, Nova York, e plantara um campo de batatas com mais de 48.000 m², na primavera de 1844. Quando 22 de outubro de 1844 foi fixado como o dia em que Jesus voltaria, Silas e outros fazendeiros deixaram suas batatas no solo como testemunho de sua fé na vinda do Senhor. A neve chegou mais cedo em Oswego naquele ano, cobrindo as lavouras de batatas e permanecendo durante todo o inverno.

Quando a primavera chegou derretendo a neve, Silas disse à sua esposa que iria até o campo de batatas para ver se algumas delas haviam sobrevivido ao inverno.

"Ó, Silas", ela disse, "temos sido motivo de chacotas na cidade. Se as pessoas o virem cavando o terreno, começarão tudo de novo. Não faça isso. Além do mais, você sabe que as batatas congeladas no inverno apodrecem."

"Bem, Irving e eu vamos apenas dar uma olhadela", replicou ele (Irving, seu filho, era o jovem que havia cavalgado 25 km desde Dresden, Nova York, até a casa de Guilherme Miller, seu tio, para convidá-lo a falar a seus vizinhos sobre Jesus).

Irving disse que seu pai fincou o forcado no terreno descongelado e encontrou, logo na primeira elevação, batatas firmes e bonitas. Elas

não ficaram congeladas e não encontraram nenhuma com sinais de podridão. Noutra elevação aconteceu o mesmo. E assim por diante.

Muito animado, Silas Guilford enviou Irving de volta para casa a fim de buscar os outros rapazes. Eles voltaram correndo e levaram forcados e pás. Escavaram o campo e encontraram uma impressionante safra de maravilhosas batatas. Conseguiram 4,50 dólares por alqueire [antiga medida de cereais correspondente a 36,37l]. A venda das batatas proporcionou dinheiro suficiente para Silas Guilford liquidar sua hipoteca e fazer um bom pé-de-meia. Não há dúvida de que Deus honra a fé dos Seus seguidores.

CAPÍTULO 2

Maude Sisley Boyd:
Uma Legítima Pioneira

Os estranhos entraram timidamente na tenda de reuniões de Battle Creek, no sábado seguinte ao dia em que foi organizada a Associação Geral, no mês de maio de 1863. Ellen White os reconheceu como a família que havia observado em visão. Ela também viu alguns deles como futuros servidores na causa de Deus. A Sra. White inclinou-se para o marido e lhe sussurrou animadamente aos ouvidos: "Tiago, você vê aquela mulher com os filhos? Eles vieram da Inglaterra para poder guardar o sábado."

Umas poucas semanas antes, a Sra. White havia tido uma visão sobre essa família, enquanto eles ainda estavam na Inglaterra. Ela os viu estudando a Bíblia e buscando ajuda de vários pastores e obreiros bíblicos, enquanto procuravam entender o significado do quarto mandamento.

Um breve intervalo no programa lhe deu a oportunidade de pedir à família que viesse à plataforma. Ela estava ansiosa por ver todo o auditório dando boas-vindas aos recém-chegados à América.

Ellen White mencionou vários incidentes da vida dessa família inglesa. Ela sabia da morte do pai; havia-lhe sido mostrado que a morte tinha sido causada por medicamentos receitados pelo médico, os quais eram "muito poderosos". No encerramento de seu breve discurso, a Sra. White destacou que todos aqueles filhos um dia seriam servidores na causa de Deus.

Maude, uma das meninas da família, estava com 16 anos quando começou a trabalhar no departamento de composição da Review and Herald. Ela dizia que o pastor Tiago e a Sra. White sempre lembravam aos servidores que, enquanto eles se ocupavam do trabalho mecânico de preparar literatura para distribuição, estavam pregando a mensagem do terceiro anjo tão certamente como o pastor no púlpito. Maude e seus companheiros de trabalho aprenderam a apreciar o privilégio de trabalhar na causa de Deus, fosse qual fosse a maneira indicada.

Em setembro de 1868, Maude Sisley, uma legítima pioneira, assistiu à primeira reunião campal adventista do sétimo dia em Wright, Michigan. Quando o plano de dízimos começou a ser aceito pelos membros da igreja em Battle Creek, ela foi uma das primeiras a devolvê-lo. Também foi fundadora da primeira sociedade de tratados, uma organização que teve início em South Lancaster, Massachussets, sob a direção de S. N. Haskell.

Tão entusiasmada era Maude em partilhar sua fé que decidiu unir-se a outra jovem, Elsie Gates, como parceira no trabalho de literatura. Implantando seu quartel-general em Newark, Ohio, elas alugaram um sótão por 0,50 centavos de dólar por mês. As duas tiveram meses felizes trabalhando em Newark, onde viviam com cerca de 25 centavos de dólar por semana.

Maude era membro da igreja havia dez anos e ponderava com frequência se estaria disposta a fazer qualquer coisa que seu Senhor requeresse dela. Pensava sobre o que significaria isso. Então, numa tarde, curvada em oração, ouviu distintamente uma voz perguntar-lhe: "Você está disposta a fazer *qualquer coisa* que o Senhor desejar?"

Com esse pensamento, veio-lhe a profunda impressão de que o Senhor iria lhe pedir que fizesse algo que ela não desejava fazer.

Ajoelhando-se ali mesmo, sobreveio-lhe o pensamento de que não havia feito uma entrega tão completa quanto supunha. Parecia-lhe não poder dizer as palavras: "Sim, Senhor, farei tudo o que me pedir."

Em seu coração, ela sabia que estava perante o Juiz do Universo. A menos que pudesse dizer com certeza que fazer a vontade dEle era o que ela queria, seu destino estava selado. Maude orou e chorou, mas não lhe veio qualquer alívio da certeza de condenação. Finalmente, por volta da meia-noite, ela confessou: "Ó, Senhor Jesus, Eu O amo, sim O amo. Mas não posso fazer uma entrega completa com minhas próprias forças. Contudo, Jesus, *eu desejo que o Senhor faça isso por mim.*"

Imediatamente uma profunda paz inundou sua alma. Ela continuou em oração por toda a madrugada e então dormiu profundamente até o raiar do dia.

Naquela manhã, ela recebeu uma carta da Associação Geral convidando-a a viajar à Suíça, a fim de auxiliar o pastor J. N. Andrews na obra de publicação na Basileia. Ela tinha certeza de que não teria aceitado o convite se o anjo do Senhor não a houvesse visitado na noite anterior.

Consequentemente, em 1877, Maude Sisley se tornou a primeira mulher adventista do sétimo dia solteira chamada para servir num campo missionário estrangeiro. Trabalhando com J. N. Andrews, um legítimo pioneiro, ela aprendeu a compor numa língua que não conhecia, produzindo o primeiro panfleto adventista do sétimo dia em italiano. Dois anos mais tarde, ela foi chamada a Southampton, Inglaterra. Seus serviços eram necessários como instrutora bíblica e J. N. Andrews tornou-se seu conselheiro.

Cerca de dois anos depois, ela retornou aos Estados Unidos, onde se casou com o viúvo C. L. Boyd, presidente da Associação de Nebraska. Juntos, eles realizaram uma obra pioneira na região Nordeste, onde ele foi presidente da Associação Pacífico-Norte.

Maude e seu marido fizeram parte do primeiro grupo de missionários enviados à África, em 1887. Em razão de problemas de saúde, tiveram que retornar aos Estados Unidos em 1891, deixando parte de seus corações numa pequena sepultura, onde [a filha deles] Ethel descansa até que Jesus venha. O pastor Boyd faleceu em 1898 e está sepultado na Carolina do Norte.

Após a morte do marido, Maude visitou sua irmã Nellie (Sra. G. B. Start), na Austrália. Sua mãe, então com 79 anos e conhecida como vovó Sisley, viajou com ela. Maude lecionou no Avondale College e posteriormente serviu como instrutora bíblica em Nova Gales do Sul e Victoria. Depois de voltar para a América, ela trabalhou por mais 17 anos como instrutora bíblica nos sanatórios de Loma Linda e Glendale, na Califórnia.

Em 1922, a Sra. Boyd escreveu para o instituto de jubilação da Associação Geral e explicou-lhes que ela não necessitava da ajuda financeira que lhe estavam dando. Eles responderam que concordavam em suspender os pagamentos, mas garantiram que se ela necessitasse de dinheiro em qualquer tempo, ficariam felizes em reiniciar a concessão do benefício.

Quando Maude estava com 76 anos de idade, foi preciso substituí-la por alguém mais jovem. De boa vontade, ela pediu demissão. Agora estava pronta para a aposentadoria e pediu que sua pensão mensal fosse reduzida. Porém, ela não se recolheu à sua cadeira de balanço na varanda de casa. Por muitos anos, ela despendeu de quatro a cinco horas por dia visitando e estudando a Bíblia com os pacientes do sanatório.

Maude Sisley Boyd morreu em 1937, com a idade de 86 anos. Seguramente, suas obras a seguem.

CAPÍTULO 3

Ellen G. White (parte 1): Ela Trabalhou Sozinha

Em pé, à cabeceira do leito de morte de seu marido, em 1881, Ellen ternamente tomou a mão dele entre as suas e lhe disse: "Tiago, meu querido, querido esposo, através dos anos você sempre cuidou de todos os negócios, os conduziu e os desenvolveu em novos empreendimentos para o Senhor. Hoje eu prometo a você ser uma pioneira. Se você entendeu minhas palavras, aperte um pouco minha mão." Embora não pudesse falar, Tiago White colocou a mão entre as mãos da esposa. Pouco tempo depois, fechou os olhos e morreu.

Mediante a guia divina e Sua graça mantenedora, Ellen White cumpriu a promessa feita ao esposo. No começo da obra de Deus na Europa, Ellen empregou dois anos ali testemunhando de Deus, ensinando e animando os crentes. Foi também pioneira da obra na Austrália, despendendo cerca de dez anos nesse país. Tanto além-mar quanto nos Estados Unidos, ela estava constantemente atendendo compromissos para falar nas várias reuniões campais e comissões e para aconselhar sobre as diferentes fases da obra de Deus, que se expandia rapidamente. Obedecendo à instrução divina, tornou-se um instrumento na localização de propriedades para escolas, sanatórios, hospitais e igrejas.

Ao mesmo tempo em que fazia tudo isso, ela também escrevia cartas de aconselhamento pessoal, artigos e livros, buscando cumprir a promessa feita ao marido, de que ela própria seria uma pioneira.

***

Mas vamos voltar a Battle Creek e aos dias que se seguiram à morte de Tiago White.

Um pequeno grupo de homens foi falar com Ellen White sobre um memorial para a tumba de seu esposo. Eles pretendiam colocar uma coluna partida, significando que sua obra havia sido interrompida e que ninguém mais poderia continuá-la em seu lugar. A reação da Sra. White havia sido imediata e firme: "Jamais! Jamais! Ele fez sozinho o trabalho de três homens. Nunca uma coluna despedaçada será colocada em sua sepultura!"

A.F.C.

Ela sugeriu, então, que colocassem uma coluna inteira, um monumento perfeito, pois Tiago havia completado sua obra. Ela sabia que, ao som da trombeta de Deus, seu esposo "veria seu Senhor voltando".

A Fazenda dos White no Colorado

Depois de haver sepultado seu amado esposo no belo Cemitério de Oak Hill, Ellen estava precisando imediatamente de repouso. Ela pensou que sua casa nas montanhas do Colorado seria o melhor lugar para se recuperar, agora que estava viúva. Suas noras Mary e Emma a acompanharam. As três passaram alguns dias em Boulder, com os pais de Emma, os McDearmons. Então Ellen e Mary seguiram para a "Fazenda White", que ficava próxima de Rollinsville.

Mary Clough, sobrinha de Ellen, havia adquirido uma propriedade completa, com uma pequena cabana, obtendo seu título de propriedade em 1873. Tiago White comprou-a de Mary, em 1876. Com o passar dos anos, ele acrescentou mais 160 acres [medida agrária equivalente a 4.046,84 m² cada um] e aumentou a cabana. Essa era a "Fazenda White", onde Ellen esperava encontrar descanso e conforto. Mas o lugar não era o mesmo sem Tiago. É verdade que ela conseguia dormir melhor ali e sua saúde pareceu melhorar, mas não era capaz de escrever.

Para todo lugar que olhava, ela se lembrava dos tempos felizes e sossegados que passara com Tiago. Agora Ellen se sentia solitária. Embora soubesse que os caminhos de Deus são sempre os melhores, as belas montanhas do Colorado para ela haviam perdido seu encanto.

Ellen estava dividida entre retornar à sua nova casa em Battle Creek, onde se sentia confortável durante o inverno, ou ir para a Califórnia para descansar e tentar recuperar suas forças e energia. A Califórnia foi

finalmente preferida, por causa da carga de responsabilidades que certamente teria se fosse para Battle Creek.

Califórnia

Em 2 outubro de 1881, a Sra. White embarcou num pequeno trem ruidoso e fumacento, no qual ela e Tiago costumavam viajar juntos, deixando o Colorado e suas lembranças para trás. Chegou a Sacramento a tempo de assistir ao culto de abertura de uma reunião campal, em 13 de outubro. A despeito de sua condição física precária, ela falou quase todas as noites nas reuniões.

Ainda sem condições de se ocupar com um ativo programa de redação, ela empregou a maior parte do tempo, no fim de 1881 e início de 1882, visitando várias igrejas na Califórnia. Grande parte das viagens para essas igrejas era feita de carruagem, com Ellen White como condutora e o irmão Harmon à frente em sua carroça. Ellen descreveu a viagem de 56 km de Healdsburg a Santa Helena:

"A estrada através do Knight's Canyon, sempre perigosa para o viajante inexperiente, torna-se intransitável na estação chuvosa. [...] Eu não me atrevia a olhar nem para a direita e nem para a esquerda a fim de contemplar o cenário, mas, segurando firmemente as rédeas e guiando meu cavalo pela estreita passagem, eu seguia o nosso líder. Qualquer descuido ali teria sido fatal. Houvesse nosso cavalo se desviado do caminho, teríamos sido lançados no escarpado precipício, desfiladeiro abaixo."

Depois de visitar várias igrejas durante muitos meses, Ellen decidiu fazer de Healdsburg seu lar. Ela e Tiago tinham uma pequena fazenda em West Dry Creek Road, a cerca de 5 km de Healdsburg. Ali ela dispunha de todas as conveniências de que necessitava. Poderia criar uma vaca e galinhas, e as frutas e vegetais eram baratos. E o melhor de tudo era que ela poderia ser feliz ali, e era o lugar onde gostaria de morar. Para ela, isso era um arranjo temporário. Ela estava tentando ver se sua saúde resistiria. Se necessário, Ellen poderia se dirigir ao Sanatório de Santa Helena. Enquanto isso, ela moraria no "Rancho dos White", em Healdsburg.

No ano seguinte, ela se mudou para mais perto da cidade, comprando uma casa de dois andares na Rua Powell. Seu recém-adquirido pomar produziu abundantemente ameixas e peras, que ela conservava para seu próprio uso e para aqueles em necessidade. Ela declarou que esse trabalho era um descanso para sua mente estafada. Deus proveu-lhe

uma bênção extra na renda que ela recebia da locação de quartos vagos, para trabalhadores da construção do novo colégio.

Cura Milagrosa

Enquanto em viagem de pregações para Oakland, em agosto, Ellen ficou muito doente. Depois de várias semanas, foi internada no Sanatório de Santa Helena, mas não teve melhora. Ela pediu a seu filho Willie que a levasse para casa em Healdsburg, onde estava programada uma reunião campal na Califórnia, a ter início em outubro. Ellen esperava estar forte o suficiente para dar seu testemunho.

Chegou o primeiro sábado da reunião campal e ela ainda não era capaz de deixar seu leito. Apesar de tudo, pediu a Willie que lhe providenciasse lugar na grande tenda, colocando sua cadeira especial onde ela pudesse ouvir o pregador. Talvez o fato de apenas estar ali e ser capaz de ouvir o pregador lhe trouxesse ânimo. Ellen se sentou em sua cadeira, fraca e extremamente pálida.

J. H. Waggoner, editor do *Signs of the Times*, era o orador principal. Quando ele terminou sua mensagem, a Sra. White pediu a Willie para ajudá-la a ir até o púlpito. Ela pretendia dizer umas poucas palavras ao povo. Mais tarde, ela escreveu que pensara, na ocasião, ser essa sua derradeira mensagem. Colocando ambas as mãos sobre o púlpito, ficou ali por alguns minutos tentando falar. "De repente, senti um poder vir sobre mim como um choque elétrico. Ele passou por todo o meu corpo até a cabeça. As pessoas disseram que viram claramente o sangue afluindo aos meus lábios, orelhas, faces e fronte."

Todos os olhares se voltaram para ela. Um dos líderes da comunidade, o Sr. Montrose, levantou-se e exclamou: "Estamos vendo um milagre realizado diante de nossos olhos. A Sra. White está curada!"

A voz de Ellen tornou-se mais forte e ela deu um testemunho tal, como eles nunca haviam ouvido antes. Ela fez um apelo àqueles que quisessem servir a Deus e exortou aos que haviam vagado longe de Deus a reconsagrar a vida ao Pai celestial. Muitos, no grande auditório, atenderam ao chamado.

Em razão de haver estado gravemente enferma por dois meses, foi como se ela houvesse ressuscitado dentre os mortos. Essa cura pública e miraculosa marcou uma mudança para melhor em sua condição física. Ellen foi capaz de retomar seu trabalho pelo Senhor com renovada energia e dedicação. Ela declarou: "Isso não pode ser atribuído à imaginação. As pessoas

viram minha debilidade e muitos observaram que, pelas aparências, eu era uma candidata à sepultura. Quase todos os presentes notaram as mudanças que tiveram lugar em mim, enquanto eu estava me dirigindo a eles. [...] Testifico a todos os que leem estas palavras que o Senhor me curou."

De Volta ao Trabalho

Ellen retomou seu preparo de escritos e sermões. Depois de assistir aos encontros campais no Leste, ela chegou a Battle Creek em tempo para a reunião campal de Michigan e a sessão da Associação Geral. Nesse encontro, foi tomado um voto recomendando a republicação dos *Testemunhos*, em quatro volumes. Seus escritos sobre a vida de Cristo, como publicados em *Espírito de Profecia*, volumes 2 e 3, deviam ser republicados num só volume. Marian Davis, uma jovem que se havia unido a ela como assistente literária, em 1879, foi designada para ajudar no projeto de publicação.

Concluindo seu trabalho em Battle Creek, a Sra. White voltou para casa a tempo de passar a véspera de Ano Novo (1884) em Healdsburg, onde se sentiu feliz em participar da reunião da Escola Sabatina. Ela ficou satisfeita por ver que havia sido preparada uma programação apropriada para fazer dos feriados um tempo inesquecível para os jovens e as crianças.

O Grande Conflito é Impresso

No outono de 1884, finalmente ficou pronto o volume 4 do *Spirit of Prophecy – The Great Controversy Between Christ and Satan.* A Pacific Press e a Review and Herald publicaram cinco mil exemplares simultaneamente. A primeira edição foi totalmente vendida na costa oeste no fim do ano.

Com o livro *O Grande Conflito* impresso, a Sra. White ficou livre para aceitar alguns convites urgentes de reuniões campais que lhe haviam sido feitos. Durante a reunião do Maine, ele teve algumas horas livres para visitar sua irmã gêmea Elizabeth, que estava incapacitada por causa de um reumatismo. A visita foi muito feliz para as duas, mas Ellen ficou triste por ter que deixar a irmã naquele estado de dolorosa incapacidade.

A Campal de Michigan

A reunião campal de Michigan, em 1884, foi muito maior do que se esperava. A tenda principal, com seus 24 metros de largura por 36,5 de comprimento, estava cercada por numerosas barracas. Quase

200 tendas e pavilhões de algodão foram dispostos em forma de arruamento, para que as famílias pudessem ser facilmente alojadas. Aproximadamente 1.800 pessoas se instalaram nas tendas e residências próximas. Um trem especial levou 240 estudantes e servidores do sanatório de Battle Creek. Em várias oportunidades, de 200 a 350 pessoas atenderam aos apelos de Ellen White e foram à frente para orar.

Dudley Marvin Canright

O Espírito do Senhor esteve profusamente presente na reunião campal de Michigan em 1884, e o pastor Dudley Canright arrependeu-se (novamente) de sua apostasia. Ele confessou e se arrependeu de seus amargos sentimentos contra Ellen White, em razão dos testemunhos diretos que ela fora obrigada a lhe enviar. Infelizmente, poucos anos mais tarde, ele abandonou definitivamente a Igreja Adventista.

As notícias não surpreenderam a Sra. White. Pouco tempo antes, ela havia tido um sonho no qual lhe fora mostrado Canright num velho mas robusto navio viajando em mares bravios. Vendo um navio mais suntuoso próximo, ele decidiu que esse era mais confiável para levá-lo seguro ao seu destino. Foi-lhe dito que o madeiramento desse navio estava apodrecido e comido por cupins; que se ele se transferisse para esse barco, estaria destinado à destruição. A despeito das repetidas advertências, ele saltou da embarcação onde estava e se dirigiu ao navio mais atraente.

Ao cabo de alguns meses, Canright estava pregando para outra denominação. Contrariamente às suas promessas de despedida, de que seus melhores amigos estavam entre os adventistas e de que ele nunca se oporia a eles, logo se tornou um implacável inimigo da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ele fez tudo o que estava ao seu alcance para lançar descrédito sobre Ellen White e a Igreja Adventista.

Uma Missionária na Europa

Durante a sessão da Associação Geral de 1884, a comissão diretiva da Missão Europeia Central fez um convite a Ellen White, para que passasse algum tempo na Europa a fim de beneficiar os novos crentes com sua experiência pessoal como mensageira do Senhor.

No início, a Sra. White não pôde ver claramente como iria à Europa. Ela não apenas estava ficando mais velha, como tinha também de considerar seu estado de saúde. Enquanto orava sobre o assunto, não conseguia obter um sim ou um não como resposta.

Chegou o tempo em que deveria ser tomada uma decisão. Willie viajou de Oakland a Healdsburg para ficar alguns dias com a mãe. Tentando ajudá-la a tomar uma decisão, ele sugeriu que sua mãe se recordasse dos tempos passados, quando ela andava pela fé sob as mais desanimadoras condições e dependia da luz que tinha no momento.

Então, ela sentiu que deveria confiar no juízo dos irmãos da Associação Geral. Suas malas já estavam feitas – por via das dúvidas – e ela voltou com Willie para Oakland. Ali foi convidada a falar aos membros da igreja no sábado à tarde. Enquanto ela hesitava, vieram-lhe à mente as palavras de Jesus: *"A Minha graça te basta."*

Essas palavras a animaram e seus temores se desvaneceram; todavia, a fraqueza física continuava. Porém, quando se levantou para falar, ela sentiu os eternos braços divinos a sustentá-la e recebeu força física e clareza mental para falar com poder as palavras que o Senhor lhe dava. Daquele tempo em diante, sua coragem aumentou e ela se sentiu segura com relação à viagem a fazer.

O convite para ir à Europa também incluía o filho de Ellen White, W C. White, sua esposa Mary e a filhinha Ella. Sara McEnterfer foi escolhida para ser a dama de companhia e assistente da Sra. White. Enquanto os viajantes tomavam seus assentos no trem para o leste, Ellen sentiu plena certeza de que estava em harmonia com a vontade de Deus. Sua paz a envolveu e ela encontrou descanso em Jesus. Ela estava com 57 anos e essa era sua vigésima quinta viagem de uma costa a outra dos Estados Unidos.

Seu navio, o S. S. Chephalonia, devia deixar o porto de Boston no sábado à tarde, de forma que eles precisavam embarcar na sexta-feira à tarde a fim de se instalar e estar prontos quando o sábado chegasse. Ao pôr do sol, todo o grupo se reuniu na cabine de Ellen para o culto. Uma semana depois eles aportaram em Liverpool.

Após uma viagem agitada através das turbulentas águas do Canal Inglês, eles viajaram de trem para a Basileia, Suíça, onde foram recebidos pelo pastor B. L. Whitney, presidente da Missão Suíça. Foram então levados para a casa publicadora, onde se encontraram com muitos servidores. O setor de impressão estava localizado no andar térreo e, quando a Sra. White entrou no salão, ela observou que a impressora estava em operação. Destacou que já tinha visto aquela máquina antes e que o salão lhe era bastante familiar.

Dois jovens lhe foram apresentados. Durante os cumprimentos, ela lhes perguntou: "Onde está o outro?"

"Que outro?", perguntou Whitney.

"Há um homem mais velho aqui e eu tenho uma mensagem para ele."

Foi-lhe explicado que o chefe da impressão havia ido até a cidade a negócios. Dez anos antes, em Battle Creek, foi mostrado a Ellen White o trabalho feito nesse setor de impressão, juntamente com o chefe que supervisionava os servidores ali. Essa breve informação produziu renovada coragem em todos os que estavam ligados à obra na Basileia.

Começa a Obra da Sra. White na Europa

Foi dado à Sra. White um apartamento no edifício da casa publicadora, e desse quartel-general ela expandiu suas atividades às cidades circunvizinhas, às vilas e a outros países nos dois anos seguintes. Logo após sua chegada, ela se reuniu com o Concílio Europeu das Missões Adventistas do Sétimo Dia. Planejou-se então um instituto bíblico e o evangelismo público, e foram discutidos os problemas característicos da Europa.

Em certa ocasião, reuniu-se um grupo a fim de considerar novos planos para o avançamento da obra em vários países. Daniel Bourdeau propôs que a França e a Itália não fossem agregadas à Missão Suíça, mas se tornassem uma associação separada, usando os próprios recursos para construir sua sede. Ellen White viu que isso levaria a discórdia e a atritos na obra. Dividiria seus interesses e debilitaria a obra como um todo.

Enquanto ela falava em termos gerais, não mencionando nomes, Daniel Bourdeau se levantou subitamente e, irritado, tomou as observações da Sra. White como dirigidas pessoalmente a ele. Ele não participou mais da reunião o resto do dia e fez suas malas para ir embora.

Sentindo que precisava falar com Daniel mais uma vez, mas que não se atreveria a pensar que pudesse, por causa de seu "espírito desafiador e obstinado", a Sra. White começou a andar de um lado para o outro em angústia. Ela sabia que precisava fazer um esforço, porque lhe parecia que Bourdeau estava numa luta de vida ou morte com os poderes do mal. Orou pedindo orientação e então convidou não apenas Daniel e sua esposa para virem a seu quarto, mas também seu irmão A. C. Bourdeau, bem como B. L. Whitney, S. H. Lane e W. C. White.

Ela começou a falar diretamente a Daniel, mas ele a interrompeu. Disse que a Sra. White havia ferido seus sentimentos, que sentia que os outros estavam contra ele e que gostaria de vê-la em particular. Em termos bem

diretos ela lhe pediu para ficar quieto, pois tinha uma mensagem divina para ele. Bourdeau se acalmou um pouco e então ela falou, transmitindo-lhe "uma mensagem como eu jamais desejaria dar a um mortal".

Energicamente ela insistiu com ele para não deixar o edifício até que o poder de Satanás sobre sua mente e coração fosse rompido. Todos se ajoelharam e oraram. Ela disse que Daniel "orou mui debilmente por si mesmo". Uma terrível luta estava tendo lugar em Daniel Bourdeau, mas ele não parecia se render inteiramente a Deus. Parecia que seu corpo e alma estavam divididos. O sábado estava a poucas horas de seu início.

Ellen White temia que Daniel não comparecesse naquela noite à reunião planejada especialmente para os pastores e as esposas. Bourdeau não era o único cujos planos prediletos haviam sido postos de lado, mas parecia ser o único verbalmente hostil. Por exemplo, A. A. John, da Inglaterra, não conseguiu aprovação para seu plano de manter grandes encontros – com despesas elevadas – nos lugares onde havia riqueza concentrada durante a temporada de férias. Esse era um projeto oneroso que trazia pouca esperança de sucesso verdadeiro. E havia outros.

Mas, para surpresa de Ellen, Daniel foi à reunião. Lemos o episódio no diário dela:

"O Espírito do Senhor repousou sobre mim e eu orei por luz e graça do Céu. [...] Seu Espírito manifestou-Se em grande medida na reunião. Corações foram quebrantados perante Ele.

"O irmão Daniel Bourdeau livrou-se dos grilhões de Satanás e rendeu sua vontade ao Senhor. Satanás julgava ter obtido a vitória sobre esse irmão, mas foi fragorosamente derrotado. Os anjos de Deus estavam na reunião e o poder do Senhor foi sentido."

Na reunião do sábado à noite, Ellen deu um testemunho de encorajamento aos presentes, dentre os quais se achava Martha Bourdeau, esposa de A. C. Bourdeau:

"Jesus ama você. Por que envolver sua alma com nuvens negras? Por que andar no fogo da incredulidade? Venha como você está, impotente e sem esperança.

"Minha irmã, não tem você todo estímulo para ganhar confiança? Tem você se empenhado não apenas para crer em Cristo, mas para viver diariamente como Sua discípula?"

Martha é a mulher triste, desanimada, que Ellen White descreve nas páginas 116 e 117 de *Caminho a Cristo*. Ela caminhava com tristeza por um belo jardim. Vagando pelo caminho, achou-se num emaranhado

de roseiras bravas e espinhos. Ela via apenas que o jardim se tornava feio pelos espinhos; não via as rosas, os lírios, os cravos que ela poderia ter apanhado para sua alegria e a dos outros.

Na manhã de domingo, houve muitas respostas animadoras ao testemunho da Sra. White, incluindo a de Martha Bourdeau. Ela prometeu que daquela hora em diante confiaria em Deus. Decidiu-se a não mais andar na escuridão. Lançaria fora suas dúvidas e falaria tão somente do amor de Jesus, seu Salvador.

Servindo na Escandinávia

Os White partiram rumo à Escandinávia em 6 de outubro. Não era a melhor ocasião para viajar rumo ao norte, pois o frio era muito intenso ali. Mas, em razão de ter contemplado muitos anos antes em visão a condição de muitas das igrejas, a Sra. White sentiu que deveria ir para lá o mais rápido possível.

Tanto Willie como Mary faziam parte do grupo, embora sua filhinha houvesse ficado na Basileia com Sara McEntenfer, dama de companhia da Sra. White. As reuniões foram realizadas em Copenhagen, onde Ellen White falou cinco vezes. Então foram para a Suécia. Ficaram vários dias em Estocolmo, visitando os membros e participando de reuniões.

Em Cristiania (hoje Oslo), na Noruega, ficaram na casa de A. B. Oyen, um pastor enviado de Battle Creek para traduzir os livros de Ellen White. Permaneceram duas semanas na Noruega participando de reuniões. A maior parte delas foi em Cristiania, onde uma nova casa publicadora estava sendo construída. Ali Ellen White falou no Good Templars' Hall, bem como em outros recintos públicos. Em Drammen, cidade localizada a cerca de 48 quilômetros de Cristiania, os membros alugaram o maior salão que puderam encontrar, o qual comportava 700 pessoas assentadas.

Não havia plataforma para os oradores. Assim sendo, os homens levaram seis mesas de cervejaria de outro salão para montar a plataforma. Outra mesa foi colocada no alto dessa plataforma para servir de púlpito, e os degraus de acesso a ela foram feitos com cadeiras e banquetas. A Sra. White observou: "Duvidamos que o salão ou as mesas de cervejaria tenham servido para tão bom uso antes. As pessoas vinham e ocupavam os assentos, as galerias e a sala de espera, e ouviam com toda atenção enquanto eu lhes falava do amor de Cristo e de Sua vida de sacrifícios."

Quando sua viagem à Escandinávia estava chegando ao fim, W. C. White convenceu-se de que deveria assistir à sessão da Associação Geral de 1885, que teria início em 18 de novembro, em Battle Creek. Ele finalmente falou sobre o assunto com sua mãe, e ela também se convenceu de que era isso o que ele deveria fazer. Willie faria um relatório completo perante a assembleia acerca da obra na Europa e como as necessidades do campo poderiam ser atendidas. Dois dias mais tarde, ele embarcou na balsa que fazia a travessia do Mar do Norte rumo à Inglaterra. De Liverpool, ele viajou para Nova York e de lá foi de trem até Battle Creek, devendo retornar dois meses depois à Europa.

A Última Reunião em Cristiania

Willie saiu numa sexta-feira, e no sábado pela manhã Ellen White se encontrou com a congregação em Cristiania. Durante aquela semana, ela havia escrito um testemunho de 16 páginas para a igreja local, e o pastor A. B. Oyen havia traduzido a maior parte dele na Noruega. No sábado à noite, ele leu essa porção para a igreja. Na noite seguinte, ela se reuniu com a congregação para o culto final no Good Templars' Hall.

Ela achava que poderia sair do recinto sem ser notada, durante o entoar do último hino. Mas quando ia tomar sua carruagem, viu que muitas pessoas a estavam esperando. Com afeto, lágrimas e expressões de gratidão eles se despediram, pedindo que retornasse no futuro. Mais tarde, ela lamentou por não ter ficado no *hall* para cumprimentar todos eles. Antes do amanhecer do dia seguinte, Ellen estava na estação ferroviária, onde estava presente grande número de crentes para lhe proporcionar uma amável despedida.

A viagem de volta a Basileia levou quatro dias. Eles estiveram fora por seis semanas e viajaram mais de quatro mil quilômetros. Porém, não havia tempo para um bom descanso, pois ela estaria viajando em menos de uma semana depois para a Itália.

Itália

No 58º aniversário de Ellen White, no dia 26 de novembro, ela se achava num trem rumo a Torre Pellice. Ela estava havia pouco tempo na Europa e já tinha trabalhado com afinco na Inglaterra, Suíça, Dinamarca, Noruega e Suécia. Sua próxima parada seria na Itália. Mary White, sua nora, a acompanhava nessa viagem, enquanto Ella [a neta] permanecia em Basileia com Sara McEnterfer.

A Sra. White passou cerca de três semanas na Itália, atendendo a compromissos de pregação, aconselhando aqueles que enfrentavam dificuldades, bem como tratando com os que se opunham à pregação da mensagem do advento. Embora estivessem felizes pelo tempo despendido com a assistência aos crentes na Itália, tanto ela quanto Mary ficaram contentes em retornar ao seu lar temporário na Basileia.

De Novo na Basileia

Era quase Natal quando elas chegaram a Basileia. Mary White mostrava-se animada por estar novamente com a filha Ella. Na véspera do Natal, uma nevasca cobriu a cidade. Ellen achava que o grande parque defronte à casa publicadora era a mais bela paisagem de inverno que ela já havia visto. Enquanto caminhava pelo parque com Mary e a neta, observava os esforços da pequena Ella tentando jogar bolas de neve em sua mãe e na avó. Uma vez que a menina tinha apenas quatro anos, elas não corriam qualquer perigo. Como se deliciavam com o frio, o ar puro e a neve cintilante!

Em fevereiro, quando Willie retornou a Basileia, vindo da sessão da Associação Geral, em Battle Creek, trouxe Marian Davis com ele. Ela passaria muito tempo na Europa reunindo e organizando os escritos da Sra. White para o *Spirit of Profecy*, volume um, tratando da história do Antigo Testamento. Esse volume se tornou finalmente o livro *Patriarcas e Profetas*.

De Volta ao Lar

Em 1887, no fim de sua missão de dois anos na Europa, Ellen White retornou aos Estados Unidos. W. C. White tinha de tratar de alguns negócios nesse país. Assim, ele e a esposa Mary, com as duas filhas, Ella e a pequena Mabel, que havia nascido em 1º de novembro de 1886, viajaram para a América com a Sra. White. Mary ficou doente, apresentando sintomas de tuberculose, e era vital que fosse levada ao Dr. Kellogg, no sanatório de Battle Creek, o mais rapidamente possível. Quando desembarcaram em Nova York, Ellen White dirigiu-se à reunião campal na Nova Inglaterra.

Mary e suas filhinhas, acompanhadas por outras pessoas que chegavam cedo para assistir à sessão da Associação Geral em novembro, foram diretamente para Battle Creek. Tão logo chegou, Mary fez uma

consulta com o Dr. John Harvey Kellogg e foi imediatamente internada. Havia realmente contraído tuberculose.

Depois da reunião campal, Ellen viajou para Healdsburg, onde planejava passar o inverno. Uma nuvem sombria pairou sobre a família, pois Mary não estava melhorando como se esperava. A Sra. White teve oportunidade de visitar Burrough Valley, Califórnia. Depois de experimentar seu clima moderado, pensou que ele seria um bom lugar para Mary se recuperar. Talvez a nora se sentisse melhor ali. Com a ajuda da Sra. McOmber, Willie levou Mary para Burrough Valley. Depois de atender a um compromisso numa reunião campal em Nevada, Ellen viajou para Burrough Valley para estar com Mary. Ela esperava poder passar alguns meses ali e talvez escrever algumas páginas.

Mas Burrough Valley, embora belo, não concorria para a saúde de sua querida Mary. De lá ela foi levada para Boulder, Colorado, mas sua saúde continuava a declinar. A essa altura parecia que não viveria muito tempo mais. Willie estava a seu lado quando ela morreu, no dia 18 de junho de 1890, com a idade de 33 anos. Suas filhinhas Ella e Mabel estavam respectivamente com 8 e 3 anos.

A breve existência de Mary havia sido frutífera e cheia de realizações. Ela tinha sido não somente esposa e mãe, mas escritora, editora e obreira da casa publicadora. Seu funeral teve lugar no tabernáculo de Battle Creek, em 25 de junho, e ela descansa no jazigo da família no cemitério de Oak Hill.

Uma Legítima Filha Para Ellen White

Ellen White e sua nora Mary dedicaram profundo amor e afeição uma à outra. Antes de seu casamento com Willie White, Mary trabalhava na Review and Herald, em Battle Creek. Depois das núpcias, Willie foi chamado para ser gerente da nova casa publicadora, a Pacific Press Association, em Oakland, Califórnia. Ali Mary trabalhou como assistente de Tiago White, que era o editor da *Signs of the Times*. Sua dedicação à causa de Deus, bem como sua amável personalidade, tornaram-na querida de seus sogros. Ela e Ellen desfrutaram muitos bons e maus momentos. A Sra. White frequentemente se referia a ela como "nossa querida Mary".

CAPÍTULO 4

Ellen G. White (parte 2): A Visão de Salamanca

Salamanca, Nova York, era o lugar da reunião no estado da Pensilvânia em 1890. Embora estivesse muito gripada, a Sra. White foi cumprir seu compromisso de pregação. Na noite de segunda-feira, sua cabeça estava tão congestionada que ela mal podia manter-se em pé. Todavia, sentiu o sustentador poder de Deus sobre si. Ela falou sobre a necessidade de fé, de amar a Deus supremamente e ao próximo como a si mesmo. Ellen não podia se lembrar de nada do que dissera. Mas os ouvintes lhe disseram: "O poder de Deus estava sobre você."

Ela escreveu: "Eu sabia que as palavras do Senhor Jesus haviam alcançado o povo. Muitos falaram do auxílio que receberam das palavras ditas. Eu lhes disse para darem graças não a mim, mas a Deus. [...] Somente Ele deveria ser louvado. Eu era apenas um instrumento em Suas mãos."

Cansada e doente, Ellen tentou retornar ao quarto onde estava. Mas tantas pessoas a detiveram e pediram orientação e conselho que mais de uma hora se passou antes que ela pudesse fechar a porta atrás de si.

Seu diário revela que ela se ajoelhou ao lado de sua cadeira, abatida pela dor, por causa da jornada e pelos compromissos que tinha de cumprir. Mas, antes que pudesse proferir uma palavra em oração, o aposento se encheu de uma luz suave e prateada, e a dor, desânimo e desapontamento desapareceram. Ellen se sentiu confortada e cheia de esperança, enquanto a paz de Cristo a inundava. A presença de Jesus foi sentida no quarto. Agora ela podia compreender melhor o significado das palavras de Jacó, quando disse: "Na verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia. [...] Quão temível é este lugar! É a Casa de Deus, a porta dos Céus" (Gênesis 28:16, 17).

O Céu realmente parecia muito próximo e seu coração se encheu de gozo e felicidade. Não quis dormir. Desejava tão somente estar com Jesus e comer do maná celestial. Ela escreveu: "Que noite foi essa para minha alma! Cada respiração era uma oração mesclada de louvor a Deus."

Em visão, naquela noite, Deus lhe mostrou muitas coisas concernentes à obra de publicações. Na manhã seguinte, ela não teve tempo para escrever o que lhe fora mostrado em visão, mas pôs a data de 4 de novembro em seu diário e escreveu: "Eu ansiava estar onde pudesse escrever as coisas que me foram mostradas na noite passada." Ellen deixou um espaço em branco no diário, a fim de preenchê-lo com a narrativa da visão quando tivesse tempo.

Quando W. C. White e A. T. Robinson foram ao quarto dela na manhã seguinte, esperavam encontrá-la abatida, a ponto de ser forçada a abandonar o restante da viagem e retornar a Battle Creek. Em vez disso, se depararam com ela sorrindo alegremente, cheia de gozo e alegria, sem nenhum cansaço e desespero. Ela havia sido curada e estava pronta a continuar a viagem para a Virgínia. A Sra. White conversou por breves momentos com eles sobre a experiência da noite anterior, dizendo desejar falar-lhes acerca de algumas coisas que lhe haviam sido apresentadas. Então continuou falando a respeito do restante de sua viagem, e nada mais foi dito sobre a noite anterior. Seguiram, então, viagem para a Virgínia naquele dia.

No espaço em branco em que havia marcado 4 de novembro, ela mais tarde escreveu que passou a noite inteira em comunhão com Deus. Parecia-lhe estar em diferentes lugares dando testemunhos de reprovação e advertência. Numa cena, parecia-lhe estar em Battle Creek, presente a um concílio de pastores e representantes dos escritórios da Review and Herald. Havia um espírito de hostilidade enquanto os planos eram mostrados e recomendados aos presentes. Os homens pareciam dispostos a aprovar táticas que eram não apenas insensatas, mas inspiradas pelo próprio Satanás. Se os planos fossem adotados, seria criada uma situação péssima que traria desonra a Deus ou a Sua obra.

Mais tarde, em vários outros lugares em seu diário, ela se referiu à visão, mas não foi capaz de escrevê-la totalmente até voltar para sua casa em Battle Creek.

Chegando de trem em Sands (hoje Stanley), Virgínia, tiveram alguns dias para relaxar antes do início dos encontros. Um dos destaques era

uma viagem a Luray para ver as famosas cavernas. Ela comentou que "dar uma descrição dessa cena é simplesmente impossível. É maravilhosa, extremamente magnificente para ser descrita". Eles gastaram uma hora e meia nas cavernas. Então voltaram tranquilamente para seus aposentos em Sands.

A Sra. White falou muitas vezes nessas reuniões de Sands, e na quinta-feira, 20 de novembro, ela teve outra visão. Quando as reuniões em Virgínia terminaram, o pequeno grupo seguiu para os encontros do Brooklyn, Nova York. Várias visões lhe foram dadas durante esse tempo, que estavam relacionadas com aquela de Salamanca, Nova York. Ela registrou essas visões em seu diário durante novembro e dezembro, falando de coisas que lhe haviam sido mostradas relativamente à obra de publicações e às atitudes daqueles que tinham responsabilidades nessa área.

Uma porção especial da visão de 3 de novembro causou vívida impressão sobre a mente da Sra. White. Referia-se à parte que desejava relatar a W. C. White e A. T. Robinson. Escreveu sobre ela em várias partes de seu diário, e então com mais detalhes provavelmente enquanto estavam em Brooklyn.

A Sessão da Associação Geral de 1891

Quinta-feira, 5 de março de 1891, marcou a abertura da sessão da Associação Geral, na cidade de Battle Creek. Ellen White foi solicitada, sempre que pudesse, a encontrar-se com os participantes nas reuniões matutinas. Ela se propôs a estar ali cada manhã para dar uma palestra. Escreveu para os amigos que nessas reuniões eram evidentes a presença e o trabalho do Espírito Santo nos corações. Sobre a reunião de 7 de março, Urias Smith escreveu:

"A irmã White falou sobre a importância de pregar a Palavra e sobre o perigo de encobrir e manter em plano secundário as distintivas características de nossa fé, sob a alegação de que assim o preconceito seria evitado. Se nos foi confiada uma mensagem especial, como cremos, essa deve ir avante independentemente da referência aos costumes ou preconceitos do mundo, e não ser regida por uma política de temor ou pavor. Alguns a receberão e serão santificados por ela, embora multidões a ela se oponham e rejeitem. Mas ela tem de prosseguir até que toda a Terra seja iluminada por sua glória."

A. T. Robinson, que estivera em Salamanca, por ocasião da visão de 3 de novembro de 1890, notou um ponto na palestra da Sra. White que lhe pareceu significativo. Por três vezes ela tentou relatar o que lhe havia sido mostrado em Salamanca, mas cada vez seus pensamentos pareciam desviar-se para outra direção. Na terceira vez em que ela tentou se referir àquela reunião, disse quase com impaciência: "Terei mais a dizer sobre isso uma outra vez."

Mais tarde, naquele sábado de 7 de março, o pastor O. A. Olsen, presidente da Associação Geral, pediu a Ellen White que fosse ao encontro matinal de pastores no domingo. Em resposta, ela disse que não tinha planos de estar lá, que havia feito sua parte e que deixaria o restante com ele. Olsen então decidiu que ele e W. W. Prescott dariam início ao encontro naquela manhã.

Todavia, na manhã seguinte bem cedo, a Sra. White despertou com a certeza de que deveria ir ao encontro de pastores e transmitir a mensagem que o Senhor lhe havia dado cerca de três meses antes, em Salamanca. Enquanto W. C. White e dois companheiros passavam pela casa de sua mãe, eles viram luzes. O pastor White disse que faria uma parada ali para ver se sua mãe estava doente. A Sra. White estava ocupada escrevendo, mas disse-lhe que havia sido despertada por um anjo às três horas da madrugada. O anjo lhe disse para ir à reunião e relatar as coisas mostradas em Salamanca. Ela estivera escrevendo por cerca de duas horas.

Willie White acompanhou a mãe até o Tabernáculo, onde a reunião já estava em andamento e os pastores em oração. Após o término das orações e do cântico de um hino, o pastor Olsen viu a Sra. White assentada ali com um maço de manuscritos nas mãos. Visto não esperar que ela viesse, Olsen teve certeza de que o Senhor lhe havia dado algo especial para a reunião. Ele a convidou a ir à frente e ela declarou que o Senhor a havia impressionado sobre ser agora o tempo de partilhar algumas coisas que lhe haviam sido mostradas em novembro do ano anterior.

Na visão de 3 de novembro, em Salamanca, seu Guia a levou a um concílio onde certos homens estavam reunidos num encontro secreto. Um deles ergueu um exemplar do *American Sentinel*, uma revista que defendia o sábado, e disse que as palavras "Adventista do Sétimo Dia" deviam ser retiradas das páginas do periódico e que nada deveria ser dito sobre o sábado. Foram feitas observações contrárias aos princípios de fé mantidos pelos adventistas do sétimo dia, e

insistiu-se que se essas e outras medidas fossem tomadas, homens de influência do mundo aceitariam a revista, ela se tornaria popular e um trabalho mais amplo seria feito através dela. Ellen White prosseguiu dizendo que lhe haviam sido dadas várias visões relativas à obra de publicações e aos homens não consagrados que estavam em posições de responsabilidade nessa área.

Na visão que havia tido, os homens começaram a desenvolver uma política para tornar a *Sentinel* um sucesso mundano, eliminando referências aos adventistas do sétimo dia. A Sra. White declarou que essa política era o primeiro dentre muitos passos errados, e que os princípios ensinados na *American Sentinel* eram a "própria suma e substância da defesa do sábado".

Suas palavras surpreenderam alguns dos presentes naquele domingo de manhã. No encerramento de suas observações, o pastor A. F. Ballenger se pôs em pé. Ele disse ao grupo que estivera presente à reunião da noite anterior até tarde, e que a Sra. White a havia descrito exatamente como tinha acontecido. Ele confessou que se postara do lado errado da questão, mas agora tomava a posição do lado certo. Lágrimas fluíram de muitos olhos e foram feitas confissões das ideias errôneas.

Ellen White estava surpresa em pensar que a reunião que lhe fora mostrada três meses antes havia sido realizada naquela mesma noite.

O pastor Robinson disse que "jamais se esqueceria do olhar de perplexidade estampado no rosto daquela querida senhora, enquanto ela olhava para o irmão Ballenger e exclamava: 'Na última noite!' Outros relataram que ela repetia espantada: 'Na última noite! Na última noite!'"

Quando o pastor Ballenger se assentou, Clement Eldridge ergueu-se para falar. Disse que após o término da reunião na noite anterior, alguns dos líderes haviam se reunido em sua sala nos escritórios da Review. Eles fecharam a porta e discutiram o assunto que a Sra. White lhes havia apresentado. Afirmou que ela havia dado um quadro mais preciso da reunião do que ele mesmo o faria. Ele confessou que na noite anterior achava estar certo, mas, após ouvir o testemunho da Sra. White, pôde ver que estava equivocado.

Outros que estavam presentes na reunião de domingo à noite admitiram que essa reunião jamais deveria ter sido realizada. Agora eles podiam ver em que haviam errado.

O. A. Olsen, presidente da Associação Geral, estava totalmente por fora do assunto. Ele não sabia sobre o que a Sra. White estava falando. Nada conhecia a respeito da reunião secreta que ela havia descrito.

Uma declaração relativa a essa experiência foi firmada por seis preeminentes pastores, e diz:

"A narrativa dessa visão causou profunda e solene impressão sobre a grande congregação dos pastores adventistas do sétimo dia presentes naquela reunião matinal. Quando ouviram aqueles que haviam sido reprovados pela errônea conduta tomada no concílio confessarem que tudo o que a Sra. White havia dito era verdade em cada detalhe, constataram que o selo da inspiração divina havia sito posto sobre aquela visão e testemunho. O poder e a solenidade daquela reunião causaram forte impressão sobre a mente dos presentes, que não seria esquecida tão cedo."

(Ver *Ellen G. White: The Lonely Years*, páginas 466-482 para mais detalhes dessa experiência.)

CAPÍTULO 5

Ellen G. White (parte 3): O Chamado Para a Austrália

O ano de 1891 trouxe uma solicitação muito urgente dos oficiais da Associação Geral para que Ellen White passasse algum tempo no novo campo da Austrália. Eles achavam que isso seria uma grande bênção para a causa e – se ela tivesse luz nesse sentido – estava convidada a viajar para a Austrália no outono. Ficou acertado que seu filho W. C. White a acompanharia. Durante semanas ela orou por guia e luz sobre o que deveria fazer, mas não houve resposta. Fazer uma mudança como essa seria um grande sacrifício, mas ela iria prontamente se pudesse ter certeza de que era a vontade de Deus.

No entanto, a despeito de suas orações, Deus permaneceu em silêncio. Ela não recebeu luz quanto a ir ou não ir.

Finalmente ela decidiu partir. Juntamente com seu filho W. C. White e alguns assistentes e auxiliares, saíram de São Francisco no dia 12 de novembro de 1891. Cerca de 25 amigos se reuniram para se despedir deles. O pastor G. B. Starr e sua esposa já estavam em Honolulu, esperando por eles. O plano era estarem fora por cerca de dois anos. Com isso em mente, Willie tomou uma difícil decisão que achava ser do melhor interesse de suas filhas: ele deixaria Ella e Mabel aos cuidados da Srta. Mary Mortensen, em sua própria casa em Battle Creek.

Após chegar à Austrália, Ellen mal havia posto os pés na terra e já começara a experimentar os primeiros sintomas de uma grave e debilitante enfermidade. A despeito disso, as sessões da Associação estavam em curso e ela começou a trabalhar imediatamente. Ela não somente atendeu a vários compromissos para falar, mas também aconselhou muitos indivíduos e comissões. Enquanto isso, ela e suas companheiras de viagem precisavam de um lugar para ficar, e a procura de uma casa se tornou a principal preocupação.

Em Preston, encontraram uma bela casa de alvenaria com nove cômodos. Era pequena para sete adultos, mas acharam que poderiam morar ali. Alugaram a casa sem mobília por seis meses, e passaram os dias seguintes comprando mobília e outros itens domésticos necessários. Essa casa ficava oito quilômetros distante da cidade, por isso era necessário comprar um cavalo e uma carroça. Seus auxiliares logo deram um jeito no jardim e no quintal. Com um pouco de água a mais, as flores desabrocharam e cresceram, e a Sra. White ficou muito feliz. Ela escreveu: "Dálias, as mais formosas, estão em plena floração, e as fúcsias também florescem. Nunca as vi florescer como aqui. Os gerânios Lady Washington, em grandes buquês de riquíssimas cores, são um deleite para meus olhos."

Quanto à Sra. White, ela começou a se sentir mal durante uma sessão da Associação. Sua dor aumentou e ela ficou totalmente limitada em suas atividades. Nessa ocasião, ela escreveu a S. N. Haskell: "Estou agora escrevendo sobre a vida de Cristo, e tenho desfrutado grande conforto e bênção em meu trabalho. Talvez eu tenha ficado sem poder andar a fim de realizar esse trabalho há tanto tempo abandonado."

Sua doença era um grave ataque do que provavelmente fosse uma artrite reumatoide, a mesma enfermidade de que sua irmã gêmea sofria. Cada semana sua dor aumentava. Mas ela continuava escrevendo, embora se mostrasse impaciente com sua fraqueza. Ellen tinha ido para a Austrália como a mensageira do Senhor para ministrar ao povo. Como faria isso se seu prolongado sofrimento limitava-lhe as atividades físicas?

Consequentemente, ela passou a ver o sofrimento como parte do plano divino. Lembrava-se de que Deus jamais havia falhado com ela. Começou a entender que as preciosas experiências tinham decorrido como "fios de ouro" em meio à severa aflição.

Falando de seu trabalho sobre a vida de Cristo, ela escreveu a O. A. Olsen, presidente da Associação Geral, em Battle Creek, dizendo: "Tremo de medo para não apoucar o grande plano de salvação mediante palavras inadequadas."

À medida que sua enfermidade piorava, ela não podia pôr os pés no chão sem sentir grande angústia. Os quadris e a região lombar doíam e latejavam muito. O braço direito, do cotovelo para baixo, era a única parte do corpo livre de dor. Ela não podia se deitar por mais de duas horas por vez; então tinha de trocar de posição. Os médicos disseram

que Ellen nunca mais andaria. Mas ela havia sido dotada, desde a meninice, de uma generosa medida de perseverança. Isso aconteceu muitas vezes em sua existência. Quando as coisas pareciam impossíveis, ela continuava tentando até conseguir seu objetivo.

Para que ela pudesse escrever, seus auxiliares colocavam travesseiros na cadeira. Eles fixavam nela uma armação acolchoada onde Ellen White pudesse apoiar os braços, e com um travesseiro de borracha sob eles. Desse modo, ela podia escrever sobre uma superfície rígida posta em seu colo. Algumas vezes ela tinha condições de trabalhar assim por algumas horas, antes de precisar mudar de posição. Tudo isso era feito enquanto ela estava sofrendo intensa dor.

A despeito de sua enfermidade, ela ainda descobria maneiras de realizar seu sonho de levar esses testemunhos recebidos de Deus para o povo australiano. Ela também tinha conselhos a dar a indivíduos e a instituições, à medida que o Senhor lhe comunicava luz. Como resultado de tudo isso, escrever sobre a vida de Cristo teve progresso lento.

Em 1892, depois de muitos meses de aflição, durante os quais ela e os médicos fizeram tudo o que sabiam para curá-la, Ellen White pediu para ser ungida. Foi durante esse calmo tempo de meditação sobre oração pelos doentes que ela escreveu o que provavelmente foi a base do capítulo intitulado "Oração Pelos Doentes", do livro *A Ciência do Bom Viver.*

Em 20 de maio de 1892, os pastores A. G. Daniells e senhora, G. C. Tenney e senhora, e os irmãos Stockton e Smith foram até a casa de Ellen para ungi-la. Para eles foi uma ocasião muito especial poderem reunir-se em torno da cadeira da Sra. White e orar fervorosamente por sua cura.

Ela ficou "aliviada, mas não curada", e sentiu-se feliz por esperar que o Senhor operasse em seu favor.

A doença começou a ceder e, embora fosse uma recuperação lenta, permitiu que ela andasse mais facilmente e retomasse de modo gradual o seu trabalho. Isso queria dizer mais viagens, mais palestras e reuniões de comissões, mas não escrever tanto.

À Procura de um Terreno Para a Escola

Foi em novembro de 1893 que começou realmente a procura por uma propriedade adequada para a escola. Eles queriam um grande lote

de terra, com solo fértil e a preço baixo. Em virtude da depressão econômica na América, os salários da Sra. White e de W. C. White foram suspensos e havia dificuldade em se conseguir recursos.

Muitas foram as orações para a aquisição do local certo e pelo preço justo, e também por generosos doadores para tornar realidade a futura escola. Eles precisavam de uma terra fértil que proporcionasse boas colheitas para sustento da família escolar. W C. White escreveu para seu amigo C. H. Jones, da Pacific Press: "Estamos planejando comprar um grande lote de terra, mas mal podemos conseguir o suficiente para ir e vê-lo."

Vários locais foram inspecionados, mas a propriedade de Brettville, em Dora Creek, foi a que melhor atendeu às necessidades e à carteira. Cerca de 1.500 acres [cada acre equivale a 4.046,84 m^2] podiam ser obtidos por 4.500 dólares. Foi assinado um contrato e pago um sinal para segurar o negócio até que a propriedade pudesse ser mais detidamente inspecionada pelos servidores de Melbourne.

Em resultado de um apelo da Sra. White, publicado na contracapa da *Review*, a família de L. N. Lawrence, às suas próprias custas, mudou-se de Michigan para a Austrália com o propósito de ajudar a obra nesse país, em tudo quanto fosse necessário. Eles alugaram uma pequena casa em Dora Creek, e quando os líderes da igreja foram olhar a terra, os Lawrence lhes ofereceram hospedagem. Na semana seguinte, Ellen White uniu-se ao grupo. Ela não podia esperar para ver o que estava acontecendo.

Embora chamada de *creek* [riacho], Dora Creek era um estreito e profundo rio que margeava a região de Brettville. A inspeção preliminar da propriedade foi totalmente favorável. Mas havia uma "mosca no unguento", na forma de um perito do governo, o Sr. A. H. Benson, que havia examinado a terra a pedidos. Ele dizia que ela era "muito pobre, ácida, arenosa, argilosa, um pântano paupérrimo com diferentes espécies de melaleuca [planta nativa da Austrália]". O terreno todo era "ácido, exigindo emprego de cal e drenagem".

Para reforçar seu desdém ao que considerava uma terra pobre e estéril, ele destacou: "Se um *bandicoot* (um roedor do tamanho de um coelho) fosse cruzar essa área de terra, teria que levar seu almoço com ele."

Mas Ellen White não concordou com o perito do governo. Ela não podia ver como uma terra em que cresciam árvores do tamanho daquelas

existentes no terreno poderia ser de baixa qualidade. Enquanto o pessoal da inspeção percorria o terreno, Ellen assentou-se num tronco, pensando no que poderia ser feito. Não via nada de negativo na aquisição do terreno. Os homens retornaram de sua inspeção com melhor impressão do que tinham antes. Eles acharam que certas áreas do terreno eram melhores do que tudo o que tinham visto noutros lugares, e deram sua aprovação.

A comissão discutiu todos os riscos até tarde da noite, e a maioria de seus membros achou que aquele era o lugar certo. Eles também estavam cientes da atitude positiva da Sra. White a respeito do potencial do terreno. Então votaram adquiri-lo por 4.500 dólares.

Embora houvessem tomado um voto, eles queriam gastar mais um dia para explorá-lo um pouco mais, só para mais segurança. Naquela manhã, antes de deixarem a casa onde estavam hospedados, em Dora Creek, eles se ajoelharam para pedir a guia divina. Ellen White sentiu-se impressionada a pedir a Deus algum tipo de sinal especial, ou evidência que lhes mostrasse estarem seguindo Sua instrução.

Estava com eles o pastor Stephen McCullagh, que sofria dos pulmões e garganta. Ele estava ficando cada vez pior e parecia não haver solução para seu caso. A Sra. White escreveu para O. A. Olsen sobre essa experiência:

"Enquanto estávamos todos curvados em oração, o Senhor colocou sobre mim o peso de orar pelo irmão McCullagh, para que ele pudesse ser abençoado, fortalecido e curado. Esse foi um tempo bendito e o irmão McCullagh disse que o problema de sua garganta foi resolvido e que ele tem melhorado desde então."

Falando posteriormente sobre sua experiência, o pastor McCullagh disse ter tido a sensação de um choque elétrico passando por seu corpo. Sua tosse cessou e ele logo recuperou seu peso e energia normais. Ele viveu ainda mais 34 anos.

Enquanto caminhavam pela propriedade naquela quinta-feira, os membros da comissão ficaram convencidos de que Brettville era o lugar certo para a nova escola.

As orações prosseguiram para que, se esse fosse realmente o lugar certo, os obstáculos fossem removidos e o caminho liberado. Foi assinado um contrato e dada uma entrada. No mês seguinte, eles deviam fazer um pagamento de 1.400 dólares. O restante seria pago em dois anos ou quitado a qualquer momento.

A Terra

Stephen Belden casou-se com Sara, uma das irmãs de Ellen White, que morreu de tuberculose em 1868. Ele se casou novamente e, com sua esposa, engajaram-se numa missão voluntária na Austrália. Ellen se reencontrou com ele logo após sua chegada a Sydney. Enquanto ela e os homens discutiam como a terra poderia ser melhorada e obtidas boas colheitas, Ellen citou Stephen como um homem que "lavraria a terra e a trabalharia integralmente, fazendo uma colheita de milho mais produtiva para a escola".

Houve muitos que disseram a Stephen que seria perda de tempo tentar tirar alguma coisa daquele solo, e que ele não deveria nem mesmo se preocupar com isso. Mas Stephen estava determinado a lhes mostrar o que podia ser feito. Ele se ofereceu para ir até a escola, na época certa, e ensinar-lhes como trabalhar a terra.

Quanto mais Ellen olhava a terra, mais se admirava do baixo preço que haviam pago por ela. Em sua mente, ela imaginava campos de alfafa e milho e canteiros de morangos. Lá, imaginava, o terreno produziria boas batatas e todos os tipos de frutas brotariam sobre aquela pequena elevação. Ellen tinha tudo isso em mente. Ela escreveu sobre uma luz especial que lhe havia sido dada em várias ocasiões: "Da terra que eu estava observando fora dito que, depois de bem arada e totalmente cultivada, produziria colheita abundante. Tendo-me sido esse assunto apresentado várias vezes, estou mais que convencida de que esse é o lugar certo para a escola."

Todavia, outra experiência confirmaria a localização.

"Antes de visitar Cooranbong, o Senhor me deu um sonho. Nele, fui transportada para a terra que estava à venda em Cooranbong. Muitos de nossos irmãos foram convidados a visitar a terra, e eu sonhei que estava andando naquele terreno. Cheguei até onde havia um sulco com cerca de 25 cm de profundidade e 1,80 m de comprimento. Dois irmãos que estavam familiarizados com o solo rico de Iowa estavam parados diante do sulco e disseram: 'Esta não é uma terra boa; o solo não é favorável.' Mas Alguém que tem falado frequentemente em conselho [...] disse: 'Falsas testemunhas têm sido trazidas para esta terra.'"

No dia seguinte, enquanto a Sra. White estava caminhando pela propriedade, ela viu um sulco arado, como aquele visto no sonho. Havia dois homens ali e eles estavam dizendo as mesmas palavras de crítica que ela ouvira no sonho.

O Projeto da Escola se Torna Realidade

Houve altos e baixos, avanços e retrocessos enquanto a construção progredia. Mas, no dia 28 de abril de 1897, a Escola Avondale de Servidores Cristãos foi inaugurada, literalmente cortada da floresta. A pedra fundamental do primeiro edifício, Bethel Hall, foi lançada por Ellen White, em 5 de outubro de 1896. A escola abriu suas portas com dez estudantes e quatro professores. Mas, no fim do primeiro semestre, sessenta estudantes podiam chamá-la de sua escola.

Em 1911, o nome do colégio foi mudado para Australasian Missionary College; em 1964, nova mudança: Avondale College. E o resto, como se diz, é história.

O Desejado de Todas as Nações é publicado

Na última parte do verão de 1897, Marian Davis escreveu a Willie White: "A Irmã White parece inclinada a escrever e eu não tenho dúvidas de que ela nos trará muitas e preciosas coisas. Espero [...] colocá-las em um livro. Há uma coisa, no entanto, que nem mesmo o mais competente editor poderia fazer, isto é, preparar o manuscrito antes de ele ser escrito."

Ellen White escreveu uma pungente anotação em seu diário, em 1897: "Escrevendo sobre a vida de Cristo, sou bastante exigida. Esqueço-me de respirar como deveria. Não consigo suportar a intensidade dos sentimentos que me sobrevêm enquanto penso no que Cristo sofreu em nosso mundo."

Por volta do fim de março de 1898, o último manuscrito foi enviado ao editor. Durante todo o tempo o projeto foi conhecido como a *Vida de Cristo*, e se supunha que esse seria seu título.

Entretanto, as sugestões começaram a ser dadas por várias pessoas, tanto na Austrália como na América. W. C. White disse que não queria dizer muito sobre o título, mas pensava que alguns títulos eram "muito mais apropriados do que os melhores dentre aqueles que nos haviam sido recomendados". Em outras palavras, mesmo alguns dos mais sugestivos não eram lá essas coisas!

Os editores reduziram sua lista para "O Desejado de Todas as Nações" e o "Desejado de Todas as Épocas", ambos baseados em Ageu 2:7, ARC: "e virá o Desejado de todas as nações". Depois de muitas considerações o título foi escolhido. Seria *Desire of Ages*, "O Desejado de Todas as Nações", em português.

Algumas vezes os autores recebem o primeiro exemplar de seu livro que sai das impressoras. Mas, nesse caso, Ellen White não ficou com o primeiro livro. Um jovem impressor, Roy Bernard, era o encarregado da máquina na qual o livro foi impresso. Roy estava noivo de uma jovem por nome Minnie Hunter. Ele pensou que o primeiro exemplar seria um presente muito especial de noivado, para uma garota muito especial – sua Minnie. Quando o primeiro livro saiu da impressora de Roy, ele seguiu sua pista através de todo o processo de acabamento. Depois que o exemplar finalizado saiu do acabamento, Roy o apanhou e correu até o escritório para pagar por seu ansiado presente.

Naquela noite Roy deu à sua futura esposa o primeiro exemplar da primeira edição de *O Desejado de Todas as Nações.*

É lógico que Ellen White recebeu um dos primeiros exemplares. De modo figurativo, os sinos repicaram e os assobios soaram enquanto ela punha o livro sobre seu coração, aspirando o aroma da tinta e do couro da nova encadernação. Afinal, o livro sobre a vida de Cristo havia saído. Ellen segurou o livro junto ao peito por alguns minutos antes de folhear suas páginas, lembrando-se de todos os longos anos exigidos até alcançar aquele momento.

Sua mente voltou até 1858, quando havia escrito o volume 1 do *Spiritual Gifts*, o primeiro manuscrito oriundo da visão do grande conflito. Das 219 páginas desse pequeno livro, mais de 50 centralizavam-se em Cristo. Em 1876 e 1877, Ellen White reescreveu e ampliou sua narrativa da vida e obra de Cristo, de forma a incluir mais de 640 páginas no *Spirit of Prophecy*, volumes 2 e 3. Então, em 1890, ela expandiu ainda mais a história. Agora estava em suas mãos o resultado de todos aqueles anos de trabalho. Esse foi citado como um dos mais belos livros – se não o mais belo – já escritos sobre a vida de Cristo.

A Primeira Reunião Campal na Austrália

Ocorreu outro começo no campo missionário da Austrália – a primeira reunião campal. Programada para ter início na sexta-feira, 5 de janeiro de 1894, em Brighton, prometia ser grande. Houve tantos pedidos de reservas que a comissão teve que comprar e alugar dezenas de barracas a mais do que haviam planejado. Quando a Sra. White chegou, havia mais de cem barracas, hospedando quinhentas pessoas. O interesse e o entusiasmo foram sem precedentes.

O cuidadoso e metódico arranjo das barracas e terrenos impressionou os muitos visitantes não adventistas que se concentravam para as reuniões. Eles se reuniram na tenda principal para ouvir Ellen White falar de temas como os dez mandamentos, a observância do sábado e a segunda vinda de Cristo.

Mas nem todos apreciaram as reuniões. Muitos delinquentes juvenis conhecidos como *larrikins* [desajustados], na Austrália, cometeram atos de vandalismo e maldade, até mesmo destruindo barracas. Os guardas procuraram evitar danos ao máximo. Parecia a esses brigões que a Sra. White era a pessoa mais importante ali, e eles não gostavam de pessoas preeminentes ou importantes. Tramando aplicar uma travessura, decidiram que seria uma boa brincadeira derrubar a tenda, com ela dentro.

Infelizmente para eles, um dos membros da gangue jactou-se de seu plano. A conversa vazou e chegou aos ouvidos dos encarregados da campal e a polícia foi chamada. A cidade designou um alto e corpulento policial irlandês católico para ser o guarda da tenda da Sra. White.

Ela ouviu sobre o plano, mas não se preocupou sobre o que poderia ocorrer. Os anjos a haviam protegido muitas vezes de acidentes, violência e ódio, e ela não via qualquer razão para temer agora. Mas para agradar àqueles que estavam preocupados com sua segurança, ela aceitou a presença do policial fora de sua tenda.

Ele patrulhava a área de olho nos arruaceiros, mas os rapazes não apareceram. Alguns dos mais jovens guardas do acampamento advertiram os membros da gangue a não tentarem qualquer coisa, porque a cidade havia enviado um policial.

Ele andava de um lado para o outro, com olhar vigilante. Poucos minutos após a meia-noite, ele pensou ter captado algo com sua visão periférica, mas achou que era sua imaginação, pois não viu nada fora de ordem. A escuridão envolveu a tenda erguida pacificamente em meio às árvores.

Quando ele se dirigiu a outra parte do acampamento, viu repentinamente um raio de luz incidindo sobre a tenda da Sra. White. Apanhando firmemente seu cassetete, ele observou que gradualmente a luz assumia a forma de um anjo. Sua reação foi automática: dobrou os joelhos e fez o sinal da cruz.

Apavorado, o policial irlandês católico observou o anjo por vários minutos. Então, lentamente, ele se levantou e saiu de lá. Deus estava

protegendo Sua serva muito bem, sem o seu auxílio. Retornando à delegacia, seu relatório foi aceito sem questionamento.

O policial queria conhecer a mulher que estava sendo guardada por um anjo. Ele queria ouvir o que essa senhora tinha a dizer. No dia seguinte, ele retornou ao acampamento e, na grande tenda, ouviu uma pregação que jamais havia escutado antes. E quanto mais ouvia, mais interessado ficava.

Ele aceitou Jesus como seu Salvador e foi batizado. Não resta dúvida de que Deus permitiu que o policial visse o anjo, porque Ele sabia que isso era a chave para criar interesse no evangelho. O homem convertido deu baixa de sua corporação e mudou-se para uma vila próxima, onde se tornou ativo membro leigo na igreja. O testemunho que dava de seu Salvador era tão notável que muitos outros também encontraram uma nova vida em Cristo.

Uma Recém-Chegada Entra em Ação

Uma das auxiliares de Ellen White, sua sobrinha May Walling, quis retornar para os Estados Unidos. Willie sugeriu a sua mãe, que estava passando algum tempo em Granville, Nova Gales do Sul, que ela considerasse a Srta. May Lacey para o lugar de May Walling. A Sra. White ficou favoravelmente impressionada durante sua entrevista com a jovem, e a Srta. Lacey voltou com ela para Cooranbong. A Sra. White sentiu que May Lacey seria adequada como sua companhia.

A mãe de Willie White logo percebeu por que ele estava tão interessado em ter a Srta. Lacey em sua equipe. Ele havia conhecido May na escola bíblica, em Melbourne, e se apaixonara por ela. Sua amizade progrediu até o casamento, e Ellen estava tão feliz quanto Willie com essa possibilidade. As bodas aconteceram na casa de May, na Tasmânia. Ela havia nascido na Índia, num lugarejo próximo de Calcutá, onde seu pai era comissário britânico de polícia. Após sua aposentadoria, a família se estabeleceu na Tasmânia. Colportores haviam levado as boas-novas de salvação a eles, e toda a família havia se unido à igreja.

A cerimônia de casamento foi realizada na casa da noiva, com a presença da família e uns vinte amigos. O Sr. Palfryman, um pastor metodista e velho amigo da família Lacey, celebrou as bodas, e a Sra. White fez a oração de compromisso e consagração.

Depois da ceia nupcial, a noiva arrumou as malas e foi com o marido à reunião de uma comissão! À noitinha, eles embarcaram num trem

rumo a Launceston, onde se reuniram com dezessete recém-batizados observadores do sábado.

Enquanto isso, Willie mandou buscar suas duas filhas, agora com 13 e 8 anos de idade, que ainda estavam em Battle Creek. Foi um reencontro feliz de Willie com suas meninas. Eles foram calorosamente recebidos na Austrália, onde ficariam pelos próximos cinco anos. Após o encontro com sua nova mãe, as meninas prontamente gostaram dela. Mabel resumiu seus sentimentos nestas palavras:

"Quando ouvi que papai se casara com alguém de apenas 21 anos de idade, pensei que iria conhecer uma mulher pequenina. Mas não esperava ver uma mulher alta e grande. Eu disse para mim mesma: Papai escolheu alguém a quem eu possa amar e respeitar."

E May também gostou das duas meninas.

Um ano depois, nasceram gêmeos idênticos para Willie e May. Ellen White teve o privilégio de lhes dar os nomes: Herbert Clarence e James Henry. Quando tinham cerca de oito meses de idade, a família se mudou para Cooranbong e viveu temporariamente numa pequena casa atrás da residência de Ellen White, em Sunnyside. Willie estava construindo uma casa do outro lado da estrada.

Não levou muito tempo para os meninos Henry e Herbert perceberem que quando a charrete da vovó parava em frente à sua varanda, isso significava um passeio pela estrada. Ellen descreve um desses acontecimentos:

"Eles estavam tão empolgados com a oportunidade de passear que eu não tive jeito de lhes dizer não. Assim, eles vestiram seus casacos vermelhos e puseram boinas brancas de pelúcia. Não podíamos assim distingui-los um do outro."

CAPÍTULO 6

Ellen G. White (parte 4): A Volta à América

Os anos passados na Austrália foram atarefados e produtivos, com a obra de Deus progredindo em todas as frentes. No início de 1900, a Sra. White, então com 72 anos, não tinha planos de voltar para a América. Ela escreveu a seu filho Edson, dizendo-lhe que mandasse buscar os grandes volumes dos comentários de Barnes sobre a Bíblia, que possivelmente estavam em sua casa em Battle Creek. A casa havia sido vendida e ela queria que seus bons livros lhe fossem enviados.

Foi na Austrália que Deus lhe disse para "juntar os fragmentos para que nada se perdesse". Isso lhe foi repetido várias vezes. Mas não foi senão quando Sarah Peck, que havia sido professora na África do Sul, entrou em cena, que algo parecido com ordem começou a surgir. Sarah classificou, leu, arquivou e indexou os manuscritos de Ellen White. Essa foi a base para os arquivos de cartas e manuscritos que existem hoje no Patrimônio White.

Embora, no início de janeiro, Ellen não pensasse em voltar para os Estados Unidos, lá pelos idos de março ela se sentiu impressionada com a convicção de que era "necessária na América". Ela lutou contra a convicção, mas decidiu: seu testemunho era necessário na América agora. Foram feitos planos para viajar em agosto.

Ellen White vendeu sua casa e terras, com móveis, implementos agrícolas e animais, para uma família que queria morar próximo à escola. Willie trocou a propriedade com Metcalf Hare, e então vendeu o lugar para a escola. Eles atribuíram a Deus todo o crédito pela facilidade em vender a propriedade. Era a firme opinião de Willie que, uma vez chegados à América, sob nenhuma circunstância deveriam se estabelecer em Battle Creek ou em qualquer lugar a leste das Montanhas Rochosas.

A equipe de Ellen incluiria suas quatro assistentes – Sara McEnterfer, Marian Davis, Sarah Peck e Maggie Hare, mais a família de Willie, que agora era composta de sete pessoas: Willie, sua esposa May, suas duas filhas mais velhas, Ella, 18 anos, e Mabel, 13, os gêmeos Henry e Herbert, 4, e a bebê Grace, de 3 meses.

Um culto de sua despedida foi realizado na igreja de Avondale, no domingo à tarde, dia 26 de agosto. À Sra. White foram ditas algumas palavras e formulados votos de felicidades e ofertados dois álbuns de autógrafos, belamente encapados em veludo azul. Havia uma página para cada dia de viagem, cada uma plena de poemas, desenhos e mensagens de amor e encorajamento.

Nove atarefados anos haviam chegado ao fim. Diante deles estavam 23 dias de viagem, 11.600 quilômetros pelas águas do Pacífico. Três paradas deveriam aliviar a monotonia, enquanto o navio singrava os mares – Nova Zelândia, Samoa e as ilhas havaianas.

A Parada em Samoa

Em Samoa, os passageiros tiveram a oportunidade de desembarcar. Só que havia um pequeno problema: o navio teve que ancorar a certa distância da terra, e o pequeno bote que deveria levá-los da embarcação à praia não poderia chegar até lá por causa das águas rasas. Os nativos locais iam pela água até o barco para ajudar as mulheres a desembarcar, carregando-as no colo para que seus vestidos não se molhassem.

Dois nativos entrecruzaram os braços ao modo de cadeirinha para Ellen White. Eles a carregaram até a praia em segurança e sem molhá-la. Então ela se assentou numa grande rocha.

Outro nativo tomou Grace, de quatro meses, em seus braços e cobriu-a com um guarda-chuva, protegendo-a do sol quente. Então ele fez um sinal para que May White subisse em suas costas. De algum jeito ela conseguiu montar nas costas do nativo, prendendo-se nele com seus braços e pernas, rumando para a praia, com suas amplas saias ondulando. Foi uma situação tão engraçada, da qual Ellen White riu tanto que caiu da rocha.

No Lar, em Santa Helena

Tão logo chegaram a São Francisco, a Sra. White estava ansiosa por acomodar-se e iniciar seu trabalho. Ela descobriu que Oakland havia crescido e mudado muito durante o tempo em que esteve fora. O

sábado e o domingo foram despendidos com os amigos e, na segunda-feira, ela começou a procurar uma casa. Ellen reclamou do Senhor a promessa de que Ele providenciaria o lugar certo para ela. Depois de alguns dias, Willie sugeriu à sua mãe que ela e Sara McEnterfer fossem ao Sanatório de Santa Helena para um breve descanso e ele continuaria a procurar uma casa.

No Sanatório, onde elas foram muito bem cuidadas, a conversa girou em torno da frustração de procurar um lugar satisfatório. Alguém mencionou que havia uma casa à venda, bem "no sopé da colina".

Na manhã seguinte, sexta-feira, Ellen White saiu para ver o "lugar no sopé da colina". Era uma grande casa vitoriana construída por Robert Pratt. No passado, ela a admirava frequentemente ao passar por ali.

Ela estava encantada. Essa casa atenderia a todas as suas necessidades. Estava edificada sobre uma colina e tinha um pomar, um vinhedo, um jardim e um capinzal. Fora muito bem construída, com sete quartos e totalmente mobiliada; tinha desde pratos até os carpetes. A propriedade também incluía carroças, charretes e cavalos. Durante a travessia oceânica, Deus lhe havia garantido um "porto de descanso", e certamente essa propriedade o era. A casa, com todo o seu mobiliário, poderia ser dela por valor menor do que aquele que ela havia recebido pela casa na Austrália.

No domingo pela manhã, ela não pôde resistir ao desejo de descer a colina para ter outra perspectiva da casa do Sr. Pratt. Sua conclusão: "Este lugar não foi fruto de procura. Ele surgiu sem que houvesse um pensamento ou propósito de minha parte. O Senhor é tão bondoso e gracioso para mim. Posso confiar meus interesses a Ele, que é muito sábio para errar e muito bom para me causar qualquer dano."

Os detalhes foram ultimados. Ellen e sua equipe de assistentes se mudaram. Willie e sua família viviam numa cabana próxima. Ela havia trazido apenas uma peça de mobiliário da Austrália – sua confortável cadeira de trabalho – que possuía um tabuleiro próprio para escrever, o qual podia ser girado para o lado a fim de facilitar os movimentos.

Ellen concedeu a Willie uma parte da propriedade para construir sua residência. Um lote foi designado para a escola da igreja e outro para a fábrica de alimentos.

Sua casa na Austrália chamava-se Sunnyside (lado ensolarado). Agora ela precisava dar um nome para a nova casa. Visto haverem grandes olmeiros em frente à casa, Willie sugeriu Shady Elms (olmeiros

sombreados), mas o nome não foi aceito. Ele o empregou apenas uma vez e ninguém mais o utilizou. Alguns dias mais tarde, alguém recomendou Elmshaven (refúgio dos olmeiros), e esse se tornou o nome da "casa sob a colina". Esse foi o lar de Ellen nos quinze anos seguintes.

A Sessão da Associação Geral de 1901

Dias atarefados se passaram rapidamente, cheios de muitos e variados projetos e atividades. Logo chegou o tempo de viajar para Battle Creek, à sessão da Associação Geral em 1901.

A principal responsabilidade da Sra. White na sessão era recomendar a reorganização da Associação Geral. A obra estava crescendo em todo o mundo e já era tempo de uma distribuição mais ampla de responsabilidades, que haviam sido assumidas por umas poucas pessoas no escritório central. Vários dias foram necessários para planejar as mudanças que precisavam ser feitas, mas houve um bom ambiente e ninguém ficou aborrecido ou nervoso. Grandes e abrangentes decisões foram tomadas no melhor dos interesses da igreja como um todo.

Volta ao lar em Elmshaven

Após longa ausência assistindo à sessão de 1901, Ellen White ficou feliz em voltar para sua casa em Elmshaven. Ela encontrou suas parreiras carregadas de frutos; mas não havia uma ameixa em todas as duas mil ameixeiras. Os botões haviam congelado com a geada de abril. Isso representou perda financeira total para ela e, uma vez que não havia nada que pudesse fazer a respeito, ela tentou ver o lado positivo da coisa: "Agradeço ao Senhor porque não tivemos a inquietação e o cuidado de colher as ameixas!"

A Review and Herald

Ao longo dos anos, a Review and Herald Publishing Association cresceu com rapidez surpreendente. Lá pelos idos de 1899, a área ocupada era de 7.432,00 m², com maquinário de última geração em todos os departamentos. O prédio do setor leste abrigava não apenas alguns departamentos da casa publicadora, mas também escritórios da Associação Geral. A Review and Herald era o maior e mais completo estabelecimento gráfico do estado de Michigan.

A despeito de tudo isso, houve tempos de dificuldades financeiras. A fim de pagar as contas, a administração ampliou seus trabalhos de

impressão comercial, e alguns deles eram danosos à vida espiritual dos servidores em cujas mãos eles passavam.

No fim de 1901, Ellen White preparou um testemunho de advertência à mesa diretiva da Review and Herald. Ela lhes disse que estavam publicando material comercial inapropriado, que ia diretamente de encontro aos ensinos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e o Senhor não estava satisfeito com isso. A carta continha uma sentença significativa: "Tenho quase tido receio de abrir a *Review* [periódico] e ver que Deus purificou a casa publicadora pelo fogo."

Na noite de uma terça-feira, 30 de dezembro de 1902, esse temor se tornou realidade.

O sino da cúpula do Tabernáculo Dime tocou duas vezes, sinal de que era quase hora do início da reunião de oração. Nesse momento, a eletricidade foi cortada. Olhando pela janela, o pastor A. G. Daniells viu chamas se erguendo na casa publicadora. Subitamente, o alarme de fogo começou a tocar no centro da cidade, e um brado ecoou no ar gelado: "A Review and Herald está pegando fogo!"

Quando Daniells, presidente da Associação Geral, e I. H. Evans, presidente e gerente-geral da editora, saíram correndo do Edifício Ocidental, o setor de impressão estava em chamas. Em poucos minutos, os bombeiros chegaram lançando água sobre as furiosas chamas, mas elas estavam fora de controle. O fogo se espalhou tão rapidamente que eles apenas se concentraram em impedir que ele atingisse outros prédios e casas.

Em meio à excitação e pânico geral, o artista Freddie Roberts saiu correndo do edifício com alguns materiais, enquanto o taquígrafo, Sr. McReynolds, corria e gritava que havia conseguido fechar a porta de segurança. O vigia noturno conseguiu rastejar e passar por uma janela do andar de cima, escapando pela escada de incêndio. O homem estava tão apavorado que suas palavras escapavam-lhe da boca rápida e desarticuladamente, tornando muito difícil entendê-las.

Os bombeiros esperavam poder salvar as casas que ficavam à direita do edifício em chamas. Aos poucos, o vento mudou de direção e fez com que a fumaça e as fagulhas fossem para o parque, longe das casas. Um funcionário do escritório do Edifício Ocidental colocou documentos importantes da Associação Geral num cofre e girou a combinação. Então subiu ao telhado e orientou os bombeiros enquanto lançavam água sobre o prédio que fumegava todo.

As chamas rugiam como um trem de carga, e as janelas no prédio principal se quebravam por causa do calor. Podiam-se ouvir os equipamentos se desmantelando no chão, e em meia hora o teto desabou. Nesse meio-tempo, à distância, centenas de moradores do local observavam boquiabertos a cena. O céu noturno tingiu-se de um vermelho sinistro, enquanto as paredes de tijolos desabavam em meio às ruínas flamejantes.

Porque o seguro devia ser renovado imediatamente, naquele mesmo dia o inspetor de incêndios fez sua ronda pelo edifício, examinando a fiação e outras fontes potenciais de perigo. Seu relatório dizia que tudo estava em perfeita ordem.

Alguns dos membros da diretoria que observavam as chamas lembraram-se do que Ellen White havia escrito pouco mais de um ano antes.

Lá na Califórnia, aquela terça-feira à noite estava sendo de inquietude para Ellen White. Ela havia dormido pouco e, numa visão, sentiu angústia pela situação em Battle Creek. Quando ela desceu para o desjejum, na manhã seguinte, Sara McEnterfer deu-lhe as más notícias chegadas via telefone por C. H. Jones, gerente da Pacific Press. A Sra. White ficou chocada, mas não surpresa. Apenas uns dias antes ela havia tido uma visão de uma espada de fogo sobre Battle Creek, "voltada primeiramente numa direção e depois noutra". O Sanatório de Battle Creek se incendiara em fevereiro e agora a Review and Herald sofria o mesmo destino.

Meses de tomadas de decisão se seguiram após o incêndio. Uma imediata e importante decisão era interromper os trabalhos comerciais. O fogo também tinha mostrado a realidade do conselho que a Sra. White havia dado já em meados de 1880, sobre o risco de centralizar muitas instituições em Battle Creek.

Na sessão da Associação Geral de 1903, após o incêndio, ela foi muito específica: "Que as sedes da Associação Geral e da obra de publicações se mudem de Battle Creek... Nunca coloquem uma pedra ou tijolo em Battle Creek para reconstruir os escritórios da Review. Deus tem um lugar melhor para eles."

Tanto a Associação Geral quanto a Review and Herald se mudaram para Takoma Park, Maryland, em 1903, e no ano seguinte a Sra. White passou cinco meses lá. A nova construção havia se iniciado e, como parte da obra médica, o Sanatório e o Hospital Washington estavam sendo construídos.

A Sessão da Associação Geral de 1909

Durante os anos em Elmshaven, Ellen White continuou a escrever e publicar, dando conselhos a indivíduos, igrejas e comissões, e atendendo a compromissos para falar. A última sessão da Associação Geral que ela assistiu foi em 1909, em Takoma Park, quando estava com 82 anos de idade. Uma grande tenda havia sido levantada nos terrenos do Colégio Missionário Washington. Em três dos quatro sábados da sessão, Ellen White pregou o sermão das 11 horas.

No primeiro sábado em que ela falou, o boletim diário informou que esse "foi um sábado para ser lembrado por muito tempo", quando a "idosa serva de Deus" esteve naquela grande tenda para falar a mais de mil pessoas. Não havia nenhum sistema de som, todavia ela foi ouvida clara e distintamente por todos os presentes.

Um jovem pastor testou-o por si mesmo. Aquela era a primeira sessão da Associação Geral que A. V. Olson estava assistindo. Ele se assentou na primeira fileira e ouviu a Sra. White tão claramente que foi depois assentar-se nos fundos da tenda e a ouviu igualmente bem. Saindo da tenda e se afastando, ele ainda ouvia claramente cada palavra dela. Todavia, a mensageira do Senhor não gritava. Ela falava em voz baixa e firme, apoiada em seus músculos abdominais, conforme havia sido instruída por Deus. Ninguém precisou se esforçar para ouvir e entender suas palavras.

Seu último sermão foi apresentado na reunião de encerramento, no domingo à tarde. Seu tema foi: "Participantes da Natureza Divina." Ela apelou para que todos avançassem na força de Deus, lembrando-se de que o reino celestial espera por Seu povo. Ela lembrou seus ouvintes de que os anjos de Deus estavam justamente ali para livrá-los do pecado, e que pela fé cada um deles poderia lançar mão do poder divino.

Esse foi não apenas seu último sermão naquela sessão, mas também o último sermão que ela pregaria numa reunião da Associação Geral. Ela recuou um ou dois passos do púlpito, e então retornou apanhando uma Bíblia que havia sido lida e, sustentando-a nas mãos, que já não eram mais firmes por causa da idade, exortou: "Irmãos e irmãs, recomendo a vocês este Livro."

Essas foram suas últimas palavras aos líderes da igreja reunidos oficialmente em sessão. Ergueu a Palavra de Deus, que havia sido tão preciosa para ela, a Palavra que ela sempre sustentou perante a igreja e o mundo.

Os Dias se Abreviam

De volta ao lar na Califórnia, a Sra. White continuou escrevendo e pregando, viajando frequentemente para o sul da Califórnia para atender a compromissos.

No Dia de Ação de Graças, em 26 de novembro de 1914, Ellen White fez 87 anos. Poucos dias antes ela havia recebido um presente de aniversário de uma velha amiga, a Sra. F. H. DeVinney. Essa senhora e seu marido foram missionários no Japão. A Sra. DeVinney enviou a Ellen uma bela peça de tricô conhecida como "*hug-metight*" (literalmente, "abrace-me forte" – um tipo de jaqueta), para mantê-la aquecida nos dias frios. Quando a Sra. White a experimentou, a peça era um pouco curta no meio. Mas ela não perdeu seu senso de humor. Ela instruiu sua secretária, Dores Robinson, a "agradecer à irmã DeVinney o presente, mas dizer-lhe que o número da irmã White era maior do que muita gente pensava".

No sábado, 13 de fevereiro de 1915, ao entrar em seu escritório, a Sra. White caiu e quebrou os quadris. Ela foi levada ao Hospital de Santa Helena para fazer radiografias. Quer ela tenha caído e quebrado os quadris ou fraturado os quadris e caído, naquele tempo pouca coisa podia ser feita para tratar a lesão. Pensou-se que ela estaria mais confortável em sua casa, e o Dr. Klingerman enviou um leito hospitalar para Elmshaven para que ela pudesse descansar mais comodamente. Ellen nunca mais andou, mas em certos dias ela era transportada em cadeira de rodas até o pequeno balcão, onde desfrutava a luz solar e o ar fresco.

À medida que os dias e semanas se passavam, seu apetite diminuía e ela ficava mais fraca. Certo dia, quando Sara McEnterfer estava tentando convencê-la a comer, ela observou: "Bem, Sara, não desejo morrer antes do tempo comendo demais." Apesar de tudo, ela não havia perdido o senso de humor.

As forças continuavam a declinar e, no início de julho, Ellen disse a Sara: "Eu não sofro muito, graças a Deus. Não vai demorar muito agora."

Frequentemente a família se reunia em seu gabinete de trabalho aos sábados, para o culto de pôr do sol. Num sábado, não muito antes de sua morte, alguém começou a cantar: "Lar Feliz" (HA, 572). Os outros se lhe uniram em cântico e observaram que a Sra. White estava cantando quase em sussurro:

Cantarei nesse lindo país,
Belos hinos ao meu Salvador.
Pois ali viverei bem feliz,
Sem temor, sem tristeza, nem dor.

Parecia que ela cantava junto com um coral angélico. Poucos dias depois, Ellen disse suas últimas palavras ao filho Willie C. White: "Eu sei em quem tenho crido."

Na sexta-feira, 16 de julho, a enfermeira percebeu que o fim estava próximo e mandou chamar Willie e May. Eles, por sua vez, chamaram outros para que, quando Ellen White exalasse seu último suspiro, estivesse cercada por sua família e amigos. Willie descreveu a morte da mãe como "o tranquilo apagar de uma vela".

Seus vizinhos de Napa Valley lembravam-se dela como "a pequenina senhora de cabelos brancos, que sempre falava mui amorosamente de Jesus".

A Viagem Final Pelo Continente

Três cerimônias fúnebres foram celebradas em memória de Ellen White. A primeira foi realizada no gramado de Elmshaven; a segunda foi na reunião campal que estava sendo realizada em Richmond, Califórnia; e a terceira foi no Tabernáculo de Battle Creek.

A cerimônia de Battle Creek teve lugar às 11h do sábado, dia 24 de julho. Muitas igrejas do Michigan cancelaram seus cultos para que os membros pudessem estar presentes ali. Os jornais locais estimaram que 3.500 pessoas se reuniram no Tabernáculo, com mil espectadores mais do lado de fora. Foi o maior funeral realizado em Battle Creek.

Um ataúde simples foi colocado diretamente à frente do púlpito, com uma guarda de honra postada à cabeceira e aos pés do ataúde. Esse grupo era composto de seis pastores, que se alternavam aos pares a cada 20 minutos. O sermão fúnebre foi pregado por S. N. Haskell, e a resenha da vida de Ellen White foi lida por A. G. Daniells. Ambos eram amigos e companheiros de serviço desde os primeiros anos da mensagem do advento.

Dudley M. Canright, que se havia oposto amargamente à obra da Sra. White, desde sua apostasia 28 anos antes, estava ali presente com seu irmão Jasper, um fiel adventista. Esses homens ficaram tão comovidos que precisaram sair do local por duas vezes. Na segunda vez, Dudley Canright colocou a mão no ataúde e, com lágrimas correndo pelas faces, declarou: "Uma nobre mulher cristã se foi."

No encerramento da cerimônia no Tabernáculo, o cortejo rumou para o Cemitério de Oak Hill. O *Enquirer* assim descreveu a cena: "Milhares seguiam o coche fúnebre até o cemitério. Cada carruagem da cidade foi usada para esse fim e havia muitos automóveis. Além disso, havia nove bondes. Nenhuma tarifa foi cobrada nesses veículos públicos, porquanto haviam sido providenciados pela igreja."

O serviço ao lado da sepultura foi breve. Um quarteto duplo cantou, houve leitura das Escrituras e uma oração foi elevada. Ellen White foi sepultada ao lado de seu amado marido, pastor Tiago White, que havia morrido em 1881. Um dia, em breve, sua experiência de aguardar o Senhor se tornará realidade. Então eles, realmente, contemplarão a vinda do Senhor e ouvirão sons musicais entoados pelos anjos celestes, que os escoltarão até o Rei dos reis.

Suas obras os seguem.

Detalhes

Uma história especialmente interessante surgiu sobre uma suposta declaração de que a Biblioteca do Congresso considera *O Desejado de Todas as Nações* o melhor livro disponível sobre a vida de Cristo. Os fatos são estes: por muitos anos um adventista do sétimo dia foi funcionário da Biblioteca do Congresso. Foi-lhe perguntado sobre os cinco livros que ele considerava os melhores sobre a vida de Cristo.

Ele disse que sua preferência deveria ser guiada por aquilo que ele desejava aprender no livro ou livros lidos. O homem colocou *O Desejado de Todas as Nações* como o primeiro da lista visando ao discernimento espiritual e à aplicação prática. Então listou quatro outros volumes que selecionaria por várias razões. Ele concluiu suas declarações, dizendo: "Digo que *O Desejado de Todas as Nações* é o livro mais bem escrito da Biblioteca do Congresso."

O Desejado de Todas as Nações foi traduzido em mais de cinquenta idiomas. Milhões de exemplares foram impressos e distribuídos em todo o mundo. Somente os registros celestiais revelarão quantas vidas foram abençoadas e transformadas pela leitura desse livro.

Ellen White escreveu que "Deus gostaria de ver *O Desejado de Todas as Nações* em cada lar. Esse livro contém a luz que Ele deu sobre Sua Palavra. Gostaria de dizer ao nosso povo: Prossigam com seu coração suavizado e subjugado pela leitura da vida de Cristo".

***

A Sra. White escreveu muitos livros de aconselhamento e ajuda àqueles que desejam viver bem perto de Cristo. Todos os seus escritos estão conservados no Patrimônio White, na sede da Associação Geral em Silver Spring, Maryland. Os visitantes podem ver as 120 gavetas com os manuscritos originais, os muitos livros que ela escreveu e uma grande Bíblia que, enquanto em visão, ela sustentou com uma das mãos.

Ellen White serviu fielmente ao Senhor como Sua mensageira por mais de setenta anos. Com o propósito de estabelecer a igreja sobre um firme fundamento e guiar seus líderes e membros na vida cristã, Deus deu a Ellen White numerosos sonhos e visões, concedendo guia e instrução para conduzi-los a Seu reino.

Mais do que qualquer outra coisa, a Sra. White temia ter visões que lhe exigissem dar conselhos importunos a alguém. A carga era muito pesada e difícil de suportar. "Se eu pudesse escolher e ainda agradar a Deus, preferiria antes morrer a ter uma visão", disse ela certa vez, "pois cada visão me coloca sob grande responsabilidade de dar testemunhos de reprovação e advertência, que sempre têm ido contra os meus sentimentos, causando-me inexprimível aflição de espírito. Nunca desejei minha posição e, todavia, não ouso resistir ao Espírito de Deus e procurar uma posição mais fácil."

Da reunião campal de 1880, ela escreveu a seu filho Willie: "Tive muitos trabalhos desagradáveis a fazer. Chamei o irmão Bean e sua esposa e lhes falei muito francamente. Eles não se revoltaram. Chorei; não podia ajudar."

***

Por mais de trinta anos o Patrimônio White tem procurado deixar claro que a declaração seguinte foi falsamente atribuída a Ellen White. Ela não a escreveu. A despeito de tudo, ela tem ressurgido aqui e ali.

"A oração é a resposta para cada problema da vida. [...] Nenhuma mente é tão embotada que não possa se tornar brilhante", etc. Têm sido dadas várias referências para ela, uma das quais é a *Review and Herald* de 7 de outubro de 1865. A declaração realmente aparece na *Review and Herald* de 7 de outubro de 1965, num artigo escrito por R. A. Rentfro. Ele conta que "alguém fez" a afirmação acima. Alguém

aparentemente a pronunciou, mas que esse alguém não foi Ellen White, nem Rentfro diz que foi.

Para outras declarações apócrifas, ver o *Índice dos Escritos de Ellen White*, Apêndice C, ou acesse o site do White Estate: http://www.Whiteestate.org/

***

Grace White Jacques, neta de Ellen White, ouviu esta história do presidente da Associação Geral, A. G. Daniells, quando ele visitou sua avó em Elmshaven. Ele foi recebido na porta de entrada e convidado a ir diretamente ao escritório da Sra. White, no andar de cima. Ele subiu a escadaria recurva, enquanto admirava a visão externa desde a janela de vidro colorido e o saguão embaixo. Quando ele entrou no escritório, ela o saudou e perguntou: "Você viu o anjo?"

Com olhar atônito ele disse que não.

Surpresa, Ellen observou: "Oh, você passou por ele no corredor, no momento em que parou ao lado da porta."

A. G. Daniells era o presidente da Associação Geral, mas não há dúvida de que ficou um pouco assustado com essa serena declaração.

CAPÍTULO 7

Frederick Wheeler:

O Primeiro Pastor Ordenado a Pregar Sobre o Sábado

"Meu irmão, você faria melhor colocando a mesa da comunhão contra a parede, cobrindo-a com a toalha, até estar disposto a guardar todos os mandamentos de Deus!"

Assim pensava a Sra. Rachel Oakes, assentada na igreja num domingo pela manhã. De fato, ela mal podia restringir o desejo de se levantar durante a reunião e dizer ao pastor Frederick Wheeler justamente isso.

A Sra. Oakes estava visitando sua filha Delight, uma professora de Washington, New Hampshire, e havia ido à igreja em sua companhia naquele domingo pela manhã.

Frederick Wheeler é muito conhecido nos círculos adventistas por ter se tornado o primeiro pastor observador do sábado. Mas isso ainda não havia ocorrido e, no domingo cedo, enquanto dirigia a cerimônia da Ceia do Senhor, ele insistiu que todos aqueles que tomassem parte no serviço da comunhão deveriam estar prontos a seguir a Cristo até o fim. Disse que deveriam estar dispostos a obedecer a Deus e guardar os Seus mandamentos.

A declaração do pastor Wheeler não soou bem para a Sra. Oakes, pois como batista do sétimo dia, ela realmente guardava todos os mandamentos de Deus, inclusive o quarto – aquele que manda santificar o sétimo dia da semana. Mulher de convicções, ela falou energicamente com o pastor após o sermão, dizendo-lhe com franqueza o que pensava de seu comentário.

O testemunho posterior de Wheeler atestou que essas palavras o pegaram "em seu ponto fraco". Elas o remeteram diretamente à Bíblia para estudar por si mesmo o assunto da guarda do sábado. Esse foi o momento decisivo de sua vida. Enquanto estudava, ficou convencido da verdade do sábado. Ele descobriu que o quarto mandamento era

tão obrigatório naquele momento como quando fora escrito nas tábuas de pedra pelo dedo divino.

A.F.C.

Esse incidente ocorreu antes do Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844, um tempo em que poucos conheciam o sábado. Em 1840, Frederick Wheeler foi ordenado pastor na Igreja Metodista Episcopal. Ele era um pregador itinerante e Washington, New Hampshire, era uma de suas igrejas. Ele se destaca por ter sido o primeiro pastor ordenado a pregar sobre o sábado.

O Encontro de Hillsboro

Embora Hillsboro, Massachusetts, não estivesse na estrada principal, agendou-se uma reunião campal para esse local, num bosque de propriedade de Washington Barnes, e Frederick Wheeler estava animado a participar da reunião.

Ela despertou real interesse no povo, que fez todos os esforços para estar lá. Em 1844, as pessoas estavam dispostas a enfrentar muitas inconveniências para ouvir a mensagem da breve volta de Jesus, e a reunião de Hillsboro atraiu entre 300 e 400 pessoas. Elas chegavam ao local por meio de diligências, carroças, carruagens e a cavalo. Teve-se notícia de que algumas pessoas caminharam cerca de 160 km para assistir às reuniões. Elas levaram suas famílias, alimentos e tendas provisórias. Estavam tão felizes em estar ali que não se importavam com as dificuldades.

Os assentos da congregação eram feitos de longos troncos de árvores dispostos ao longo do terreno, com longas tábuas apoiadas sobre eles. Não havia nenhum órgão ou instrumento musical, mas o cântico era extraordinariamente belo.

Washington Barnes vivia a cerca de três quilômetros do local da reunião. Ele era um homem próspero que permitia aos acampantes soltar os cavalos nas pastagens de sua propriedade. E não apenas isso. Ele os convidava a visitar sua fazenda e apanhar todas as maçãs e batatas que quisessem. Sua esposa e sua irmã não iam às reuniões. Em lugar disso, elas se ocupavam o tempo todo fazendo pão para os acampantes. Se alguém tivesse dinheiro, pagava pelo pão; se não, era

de graça. Um fazendeiro vizinho vendia leite àqueles que precisassem. Foi uma semana que trouxe muitas bênçãos para os que esperavam o breve aparecimento do Senhor. Uma semana abençoada mesmo para aquelas mulheres que passavam os dias na cozinha, provendo as necessidades dos acampantes.

Plantando uma Horta

Na expectativa do retorno de Jesus, alguns dos crentes do Advento estavam certos de que seria negação da fé plantar mesmo que fosse uma horta, quanto mais visar a alguma colheita. Afinal de contas, Jesus viria em breve e não haveria necessidade de colheitas. No entanto, a Sra. Wheeler insistiu com seu marido para plantar uma horta. Era primavera e uma horta pelo menos proveria alimento para o verão.

Mas o pastor Wheeler estava tão ocupado com sua obra de pastorear que não tinha tempo para atender o pedido da esposa. Num dia ensolarado, ele voltou para casa e teve uma grande surpresa. A esposa decidira não mais esperar para lançar as sementes ao solo, de modo que ela assumiu a tarefa. Ela e o filho de 10 anos haviam tomado emprestado um arado e o colocaram no velho Billy, o cavalo da família. Quando o pastor Wheeler chegou em casa, encontrou a esposa e o filho plantando a horta que ela havia solicitado. Naturalmente, não desejando ver a esposa arar sozinha o terreno, ele terminou a tarefa. Wheeler achou que não tinha tempo, afinal.

Pregando o Evangelho

Wheeler, juntamente com outros crentes adventistas, havia dado tudo o que tinha para a divulgação das boas-novas. No dia 23 de outubro, um dia após o Grande Desapontamento, ele viu que estava com "menos de um dólar, menos de uma porção de batatas, nem uma muda completa de roupa, com esposa e quatro filhos". Como muitos outros, ele suportou insultos e sarcasmo de seus vizinhos.

A fim de pagar as contas, Wheeler ofereceu seus serviços como trabalhador agrícola, embora continuasse a pregar tanto quanto podia. Embora houvesse guardado o sábado por algum tempo, aos domingos ele cavalgava metade de um dia para o norte a fim de pregar na igreja de Claremont, New Hampshire. Recebia quatro dólares por semana no primeiro ano. Mas no ano seguinte ele estava em melhores condições financeiras, e não contraiu nenhum débito para as viagens semanais.

No verão de 1845, Wheeler e sua esposa empreenderam uma missão entre o povo de Vermont. Deixaram seus quatro filhos e uma vaca com uma das irmãs da Sra. Wheeler e seu esposo, Reuben Spalding. Depois de mais ou menos seis semanas de ensino e pregação em Vermont, os Wheeler retornaram, reunindo-se com seus filhos e voltando para casa, felizes por terem estado ao serviço de seu Senhor.

A Sra. Wheeler compartilhou as preocupações de seu marido pelo povo, dedicando tempo e energia à obra evangelística. Ela deixou um bom exemplo a ser seguido pelas esposas de pastores.

A obra de Wheeler havia estado muito restrita à área de Washington, New Hampshire. Mas em 1851, Tiago White sugeriu que ele deveria ampliar seu ministério. White escreveu na *Review*: "Temos estado com o (Pr. Wheeler) em muitas reuniões e estamos felizes porque ele, com a bênção de Deus, exercerá boa influência e fará muito em trazer as joias ocultas do Senhor."

Tiago White solicitou que a igreja de Washington apoiasse esse homem no trabalho e garantisse que sua família fosse bem cuidada. Em virtude do conselho do pastor White, Wheeler promoveu algumas reuniões evangelísticas em Connecticut. Depois das reuniões, ele mandou uma mensagem para sua casa: "Estou firme em minha fé em Cristo e em Sua volta. Eu nunca deporei a armadura. Ficarei aqui enquanto o trabalho durar."

Em 1852, ele começou a estender seu trabalho a outras comunidades de New Hampshire e Vermont. Quanto Robert, irmão de Ellen White, morreu de tuberculose, o pastor Wheeler estava nas proximidades de Gorham, Maine, e dirigiu a cerimônia fúnebre.

Henriette Kolb lembrava-se muito bem de Frederick Wheller: "Eu ainda posso me recordar nitidamente de vê-lo surgir assentado na boleia de sua carroça, puxada por Billy, seu velho e fiel cavalo acinzentado. Nós não víamos os pastores naqueles tempos, exceto nessas ocasiões, e como isso era bom!"

Então, em 1857, enquanto assistindo a uma conferência em Roosevelt, Nova York, Frederick Wheeler foi chamado para trabalhar no centro de Nova York. As igrejas do distrito "arcariam com as despesas de mudança de sua família para esse campo de trabalho, e o manteriam no campo". Essa pode ter sido a primeira vez que a iniciante organização adventista chamou um obreiro de uma localidade para outra, e pagou as despesas de mudança.

Certa ocasião, Wheeler trabalhou com S. W. Rhodes e Hiram Edson, realizando reuniões evangelísticas em Nova York. Depois de se retirar para sua fazenda em West Monroe, Nova York, ele refletiu sobre sua vida: "Louvo a Deus por me ter permitido não apenas crer na verdade, mas trabalhar de alguma forma em ligação com a obra e que, mediante Sua bênção sobre meus débeis esforços, alguns foram levados a regozijar-se na luz e na esperança da vida eterna por Cristo Jesus."

Aos 96 anos de idade, Frederick Wheeler enviou uma mensagem à reunião campal de Nova York. Ela transpirava os mesmos sentimentos com que ele havia escrito sobre suas viagens evangelísticas a Connecticut: "Não despirei a armadura do evangelho e não me renderei na competição até que, junto com a hoste resgatada, eu possa dar o brado da vitória final."

Em 1902, o pastor Wheeler escreveu uma carta para sua neta, na qual expressava seu prazer por estar ela obtendo uma boa educação, e sua esperança de que Deus a usasse em Sua obra. Ele também lhe disse que por muitos anos teve forte expectativa de que viveria para testemunhar as "terríveis e sublimes cenas da segunda vinda de Cristo".

Então disse: "Eu, provavelmente, irei adormecer. Não estou muito ansioso para isso agora, mas apenas que meus dias possam se findar em paz, para que possa desfrutar o glorioso descanso que ainda resta para o povo de Deus. Vejo também muitos erros e fracassos a lamentar. Porém, busco confessá-los todos ao Senhor e deixá-los com Ele."

Frederick Wheeler viveu uma longa vida de serviço leal a seu Deus, sempre fiel em seguir-Lhe a guia e jamais vacilando em sua confiança. Ele morreu em 1910, aos 99 anos de idade, e foi sepultado em West Monroe, Nova York. Suas obras o seguem e a lápide de seu túmulo proclama que ele foi "um pastor pioneiro dos adventistas do sétimo dia".

CAPÍTULO 8

Anna Knight:
Missionária na Índia e no Sul dos Estados Unidos

Depois de terminar sua tarefa, Anna decidiu que um passeio de bicicleta através do parque a ajudaria a relaxar um pouco antes de voltar para casa. O dia havia sido quente e uma brisa fresca soprava contra seu rosto aquecido. A noite começava a cair. A maioria das pessoas estava em casa para o jantar e não havia ninguém à vista. Foi quando ela ouviu uma voz:

"Volte para casa agora. Você foi longe demais. É tempo de retornar."

Olhando ao redor, ela não viu ninguém.

Oh, devo ter imaginado ouvir uma voz, ela pensou. *Vou até a ponte e então irei para casa.*

Enquanto se dirigia para a ponte, ela pensava sobre quão refrescante era a brisa após um dia quente como aquele. Chegou até a ponte e fez o retorno rumo à sua casa, seguindo o caminho pelo qual tinha vindo. Um pouco adiante, ela notou um homem parado ao lado da via. Alguma coisa lhe dizia para andar mais rápido, mas pensou que isso iria atrair a atenção do homem. Novamente ouvia a mesma voz ordenando que acelerasse.

Anna atendeu à instrução. Suas pernas pedalavam o mais rápido que podiam. O homem chegava cada vez mais perto. Quando passou por ele, o indivíduo saltou para a rua e agarrou sua bicicleta por trás. Ela, contudo, estava indo tão rápido que o homem não conseguiu detê-la, mas fez com que saísse da estrada diretamente para uma grande árvore. Em sua imaginação, ela podia ver "seus miolos espalhados pelo solo ao redor da árvore". Julgou que seu tempo havia chegado e que se espatifaria contra aquela árvore.

Ela só teve tempo de murmurar uma oração rápida para que Deus a livrasse. Em lugar de bater na árvore, a roda da frente chocou-se contra o meio-fio com tal violência que tanto o homem quanto a bicicleta

rodopiaram por cima dela. Ela se pôs de pé rapidamente, gritando a plenos pulmões: "Polícia! Polícia! Socorro! Socorro!"

Mas ninguém pôde ouvi-la por causa da distância, e o homem a agarrou, tentando segurá-la pelo pescoço.

Todavia, esse marginal não contava enfrentar uma confiante garota do Mississippi ou seu Deus. Ela lutou com ele com unhas e dentes. Cada vez que as mãos do bandido se aproximavam de seu pescoço, ela conseguia afastá-las. Então ele agarrou o cordão que prendia o relógio ao pescoço. O cordão se rompeu e o relógio caiu no solo. O ladrão o apanhou e desapareceu no parque.

Ana sentiu que seu anjo havia tentado livrá-la do assalto. Se ela houvesse obedecido à voz que havia dito para retornar e ir para casa, esse pesadelo nunca teria acontecido. O texto de Êxodo 23:20-22 lhe veio à mente: "Eis que Eu envio um Anjo adiante de ti, para que te guarde pelo caminho e te leve ao lugar que tenho preparado. Guarda-te diante dEle, e ouve a Sua voz. [...] Se diligentemente Lhe ouvires a voz [...] então, serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários."

Foi uma jovem mais triste e mais sábia que recuperou sua bicicleta e voltou para casa. O que mais a entristeceu foi o roubo do relógio.

O Relógio

Bem cedo naquele dia Anna Knight saiu rapidamente com sua bicicleta através das apinhadas ruas de Calcutá, Índia. Habilmente ela manobrou através da massa humana, de animais e carros de bois, enquanto se dirigia ao posto do correio. Sua carta tinha que ser remetida por via marítima no dia seguinte.

Donna Humphrey, companheira de missão e amiga, morrera repentina e inesperadamente. Anna sentiu muito a perda de sua colega de equipe. Juntas elas haviam ido para a Índia um ano antes, em 1901. Amigas íntimas, elas fizeram um bom trabalho viajando pelo país, prestando cuidados médicos e vendendo revistas e livros cristãos. Então, em março de 1902, Donna morreu.

Sabendo que seus parentes ficariam ansiosos por saber detalhes da morte de Donna, Anna reuniu forças e escreveu contando-lhes tudo o que sabia a respeito. Essa carta precisava ser enviada de barco no dia seguinte.

O relógio que havia sido arrancado de seu pescoço era um presente de Donna. Agora ela o havia perdido para sempre. Nunca mais veria o

presente e a doadora neste mundo. Para ela essa foi a parte mais dolorosa do assalto no parque.

Sede de Conhecimento

Nascida numa família negra e pobre do Mississippi, em 1874, Anna Knight era uma garotinha com um enorme apetite por conhecimento. Sua mãe, uma escrava liberta, conseguia obter seu sustento com dificuldade, trabalhando como arrendatária. Após muitos anos, de alguma forma, ela conseguira economizar algum dinheiro para adquirir 80 acres de terra. A família trabalhava a fim de obter alimento para seu próprio uso, e plantava algodão para a obtenção de renda. Mas o pouco dinheiro que recebiam pelo algodão nunca era suficiente para cobrir as necessidades de uma família grande como a deles. Anna cresceu sabendo o que era trabalhar duro.

Não havia escolas para crianças negras e não permitiam que Anna frequentasse a escola de brancos. Determinada a aprender tudo quanto pudesse, ela se ofereceu para ajudar as meninas de uma família de brancos, vizinhos seus, em suas tarefas, desde que permitissem que Anna lesse seus livros, e mesmo a ensinassem um pouco. Elas concordaram, mas frequentemente se esqueciam de sua promessa a Anna, para poderem brincar. Era um trato desigual, mas isso era melhor do que nada.

Em algum lugar do caminho alguém deu a Anna um velho soletrador Webster [um livro escolar contendo exercícios que ensinam a soletrar], o qual rapidamente se tornou um tesouro valioso para ela. Então ela conseguiu um *McGuffey's Reader*,[1] e os dois livros se tornaram muito preciosos. Nos domingos, quando a família saía para visitar parentes, os livros iam com ela, pois um dos passatempos favoritos daqueles tempos no dia de visitas era a competição ortográfica. Anna logo se tornou hábil em leitura e soletração. Antes mesmo de frequentar a escola, ela estava ensinando crianças mais novas a ler e a fazer exercícios aritméticos.

Bênçãos da "Coluna de Trocas"

Num dia de sol brilhante, uma revista chegou às mãos de Anna e ela assinalou um anúncio que mudaria sua vida. A propaganda dizia que se o leitor enviasse dez centavos de dólar, seu nome seria posto

[1] McGuffey foi um educador americano que publicou um livro didático combinando lições de leitura com ensinos morais.

numa lista para receber amostras gratuitas de livros, artigos e catálogos. Oh, que tesouro! Levou algum tempo, mas afinal Anna conseguiu economizar dez centavos e os enviou para obter as amostras. Depois de longo tempo, elas começaram a chegar à caixa postal dos Knight. Num papel havia uma coluna de trocas, através da qual os leitores poderiam pedir vários itens.

Caprichando na caligrafia, Anna escreveu para os editores da coluna pedindo alguns "bons materiais de leitura". Quarenta pessoas responderam ao seu pedido. Dois adventistas do sétimo dia estavam entre elas. W. W. Eastman, um colportor do Texas, enviou-lhe um belo pacote de papéis, incluindo a *Review and Herald*, o *Youth's Instructor*, o *Sabbath School Worker* e o *Medical Missionary*. Edith Embree, de Oakland, Califórnia, enviou-lhe a *Signs of the Times* cada semana, e algumas vezes escrevia-lhe uma carta. Ela trabalhava na Pacific Press, onde a *Signs of the Times* era publicada. Ela amparou Anna e a ensinou a amar Jesus.

Anna devorava cada palavra da literatura que havia recebido. Ela aceitou seus ensinos e logo se tornou observadora do sábado. De fato, isso tornou sua vida difícil, pois não havia ninguém que guardasse o sábado nas vizinhanças.

Sua perplexa família arrazoou com ela e a repreendeu por "descansar o sábado todo", enquanto eles tinham que trabalhar. Por essa razão, ela frequentemente passava o dia fora, nos bosques, para poder guardar o sábado. Anna pegava sua Bíblia, o *Sabbath School Worker*, a lição da Escola Sabatina, a *Review and Herald* e o *Youth's Instructor*, e passava o dia ao ar livre. Quando chovia, ela ia para o paiol e se aninhava no palheiro. No tempo do inverno, esse lugar era muito confortável e ela podia aspirar o doce aroma do feno.

Passar o sábado todo sozinha nos bosques ou no palheiro poderia parecer entediante, mas Anna desfrutava cada momento do dia de guarda. Ela nunca se enfadava, pois passava o tempo memorizando a lição da Escola Sabatina e lendo tudo de capa a capa. Anna sempre levava seu cão com ela e ele parecia saber que alguma coisa especial estava acontecendo naquele dia. Quando um animal selvagem ou uma vaca se aproximava, ele se levantava e calmamente os enxotava. Ele nunca latia para eles no sábado.

Embora Anna Knight fosse ainda jovem, havia pessoas que a ameaçavam e falavam mal dela, porque ela estava fora de sincronia

com a comunidade – uma vez que guardava o sábado. Mas Anna era fiel e o Senhor sempre a protegeu de seus opressores.

Unindo-se à Igreja

Edith Embree tornou-se conselheira de Anna, ensinando-a sobre a Bíblia e o amor de Jesus. Ela lhe enviou um pequeno livro *Caminho a Cristo*, de Ellen G. White. Anna o leu ansiosamente e tornou a lê-lo. Ele trouxe paz e felicidade à sua alma abatida. Anna decidiu ser batizada na igreja que imprimia aquele livro e os maravilhosos impressos que a Srta. Embree lhe enviara. Anna escreveu para sua amiga externando o desejo de seu coração.

Sabendo que era preciso fazer alguma coisa, a Srta. Embree escreveu para o secretário do Southern Missionary Tract Society, L. D. Chambers, que morava no Tennessee. Ela lhe contou sobre a garota negra do Mississippi que viera a conhecer e amar Jesus, e queria ser batizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nesse tempo não havia associações no Sul e poucas igrejas organizadas. Graysville, Tennessee, era a igreja mais próxima da casa de Anna – a 615 km de distância.

Com a ajuda de várias pessoas, foram feitos arranjos para Anna viajar até Chattanooga, onde seria recebida pelo pastor Chambers e levada para sua casa em Graysville. Depois do batismo, planejaram matriculá-la na escola de Graysville para um curso de dez semanas. Que emoção e que alegria foi para Anna poder estar numa escola de verdade! Podemos imaginar sua animação no primeiro dia de aula. Ela se levantou cedo e vestiu-se com esmero. Anna sorriu quando viu o edifício escolar, entrou e ansiosamente procurou seu assento na sala.

Os professores e estudantes ficaram felizes em tê-la consigo, pois Anna era radiante, esperta e também divertida.

Mas a notícia rapidamente se espalhou: "Uma negra está matriculada em nossa escola." Alguns pais apresentaram enérgica objeção por seus filhos estarem na mesma escola de uma negra. Em poucas horas a carreira de Anna em Graysville se acabou. Ela ficou apenas um dia como estudante. Não lhe foi permitido retornar.

A bondosa superintendente da escola tomou a magoada garota e a levou para sua própria casa. Anna ajudava nas tarefas domésticas e a generosa mulher passou a ensiná-la até que ela retornasse a seu lar. Anna aprendeu tanto naquelas dez semanas que ninguém de sua família teve a mais leve suspeita de que ela não houvesse ido realmente para

a escola. Embora terrivelmente desapontada por não lhe ter sido permitido assistir às aulas, ela nunca sentiu necessidade de contar à sua família acerca do amargo golpe de não ter sido aceita como estudante.

Depois de Anna voltar para casa, as coisas se complicaram por causa de sua determinação em guardar o santo sábado. Ela não trabalhava nos campos no sábado, mesmo quando havia algodão para lavrar ou campos a semear. Ela *não podia.* Mas sua família – e comunidade – não entendiam. Anna também não ia à igreja com sua família no domingo para o culto. A mãe não a entendia e considerava sua atitude como rebelião. Por fim, tanto Anna quanto sua família acharam melhor que ela fosse embora de casa.

Mudanças na Vida

Novamente Anna fez uma longa viagem ao Tennessee. Ela iria morar com o pastor Chambers e sua esposa até que se pudesse encontrar um modo de mandá-la para a escola. O pastor Chambers foi recebê-la na estação de Chattanooga com uma bela surpresa. Uma bela capa preta com forro de cetim acolchoado, que sua esposa havia feito para ela. Anna nunca havia possuído tão bela peça de vestuário, e ela apreciou a capa e suas recordações por muitos anos. O pastor Chambers e a esposa amavam Anna e a receberam em sua casa.

A Sra. Chambers era modista, costureira e uma ótima cozinheira; o pão que fazia praticamente se desmanchava na boca. Ela organizou um grupo de mulheres como um tipo de clube de trocas, e elas vendiam assados e bordados a uma das grandes mercearias da cidade. Anna trabalhava para a Sra. Chambers, ajudando a cozer pães, bem como tortas, bolos e biscoitos. Em determinados dias, elas faziam 60 pães e Anna os levava ao clube logo que saíam do forno.

A Sra. Chambers estava trabalhando muito a fim de conseguir dinheiro para comprar um tecido e fazer vestidos para Anna, de modo que ela pudesse ir à escola. Quando a maternal senhora terminava cada vestido, ela o colocava numa cama e dizia: "Anna, espero que esse dure até o Senhor voltar." E Anna se esforçava para cuidar bem de seus vestidos, de maneira que pudessem durar. Mas, em realidade, eles não duraram tanto.

Um dia, enquanto Anna estava pensando em tudo quanto o pastor e a Sra. Chambers estavam fazendo por ela, não pôde conter as lágrimas. Ela não queria que a Sra. Chambers a visse chorando e assim foi

até o sótão para chorar. Quando a Sra. Chambers a encontrou ali, com lágrimas rolando pelas faces, perguntou: "Minha querida criança, qual é o problema? Você recebeu más notícias de casa?"

– Oh, não – respondeu Anna entre soluços.

– Bem, você está com saudades de casa? Quer rever sua mãe?

– Não. Não estou com saudades de casa. Eu gosto de viver aqui.

– Bem, então eu feri seus sentimentos?

– Oh, não, Sra. Chambers, a senhora nunca poderia ferir meus sentimentos.

– Então, Anna, o que está acontecendo?

– Ó, cara Sra. Chambers, estive pensando em todas as boas coisas que a senhora faz por mim. Eu sou tão pobre e nunca serei capaz de pagar por toda bondade e carinho que vocês me têm dado. – E grossas lágrimas continuavam a deslizar-lhe pelo rosto.

Nesse meio-tempo, a Sra. Chambers vertia algumas lágrimas, abraçando Anna e garantindo que ela e seu esposo não esperavam ou exigiam pagamento por qualquer coisa que houvessem feito por Anna. Eles disseram firmemente que Anna se tornaria, algum dia, uma obreira na causa de Deus e que o trabalho deles prosseguiria através dela.

Anna jamais se esqueceu da fé que a Sra. Chambers depositou nela. Mesmo em idade avançada, Anna se lembrava do amor desinteressado da Sra. Chambers. Através de toda a vida, isso a inspirou a ajudar as pessoas.

Cozinhando Para o Encontro Campal

Em 1894, Anna estava matriculada na Mount Vernon Academy, em Ohio. Quando o período letivo se encerrou, ela voltou para a casa do pastor Chambers e sua esposa, em Graysville, Tennessee. Por esse tempo os oficiais da igreja haviam concluído seus planos para um encontro campal a ser realizado em Chattanooga. Entretanto, eles ainda não haviam encontrado alguém apto a assumir a responsabilidade de cozinhar para aqueles que não tinham condição de levar seu próprio alimento à reunião. Porque Anna vivera com o pastor Chambers e a esposa e cursara a Mount Vernon Academy, achou-se por bem que ela atendesse a essa obrigação. Eles lhe disseram que cerca de 40 pessoas iriam precisar dos serviços de restaurante.

Também foram até lá duas enfermeiras de Battle Creek que haviam sido enviadas para prestar serviços de saúde no Sul do país. Elas se

ofereceram voluntariamente para ajudar a jovem Anna no preparo dos alimentos. Anna era membro da igreja fazia apenas dois anos e nunca havia estado numa reunião campal, muito menos como cozinheira. Ela decidiu fazer o seu melhor, mas os meios eram praticamente inexistentes. À sua disposição havia um velho fogão e uns poucos caldeirões e panelas emprestados pelos membros da igreja. De fato, quase tudo foi emprestado, e visto não haver dinheiro para substituição, grande cuidado tinha que ser tomado para que nada se quebrasse ou perdesse.

A reunião foi muito maior do que se esperava, e as 40 refeições, três vezes ao dia, tornavam-se mais de 100. Nos primeiros dias, Anna estava assustada e insegura. Nunca parecia haver alimento suficiente e, enquanto ela cuidava de uma panela, outra fervia e transbordava ou começava a queimar. No primeiro sábado da reunião campal ela servia feijões assados. O clima estava muito quente e não havia nenhuma geladeira ali. Os feijões não se mantiveram frescos e algumas pessoas passaram mal – apenas um mal-estar – e, afinal de contas, havia duas enfermeiras para cuidar delas!

A campal durou dez dias, com seis reuniões a cada dia. Envolvida com todos os seus deveres, Anna foi capaz de assistir a apenas seis encontros durante todo o período. Mas a reunião campal foi considerada um grande e abençoado sucesso. Para aqueles que puderam assistir às reuniões, ela o foi. Quanto a Anna Knight, ela esteve muito ocupada preparando três refeições por dia para o povo faminto.

No fim da reunião campal, ela recebeu cinco dólares por seu trabalho. Ela afirmou saber, por experiência, o significado do verso: "Como os teus dias, durará a tua paz" (Deuteronômio 33:25). Ela nunca cozinhou para outra reunião campal, e não reclamou da alimentação em qualquer outra reunião campal a que assistiu.

Em Battle Creek

O pastor Chambers conseguiu que Anna se matriculasse na escola industrial fundada pelos irmãos Paulson em Battle Creek, Michigan. Chegando ao *campus*, ela deixou suas cartas de apresentação com o Dr. J. H. Kellogg e o Prof. W. W. Prescott. Ela não conhecia ninguém ali. Anna não tinha nada em especial para fazer e nenhum lugar para ir enquanto esperava ouvir algo dos dois homens. Então decidiu caminhar pelo *campus*. Casualmente, ela chegou até à lavanderia, onde encontrou uma garota que havia conhecido em Mount Vernon. Essa

jovem e várias outras moças estavam passando roupa. Assim, Anna apanhou um ferro e começou a passar roupa também, enquanto conversava com elas.

Havia um regulamento que Anna desconhecia, o qual proibia conversas desnecessárias no trabalho. A gerente apareceu e, ouvindo a conversa, parou para fazer algumas perguntas a Anna. Uma delas foi: "Quem mandou você aqui?" Anna respondeu que não tinha nada para fazer enquanto esperava por suas tarefas, e parou na lavanderia. Ela estava ajudando as outras garotas em seu trabalho. A chefe sorriu e deixou a sala. Então as garotas a informaram sobre a regra do silêncio. Ninguém foi repreendido e ela continuou a passar roupa.

Quando os trabalhos no *campus* lhe foram atribuídos, Anna foi designada para a lavanderia. A gerente não estava muito feliz em ter duas novatas que "sobraram", após todos os outros trabalhos haverem sido distribuídos. Mas Anna determinou-se a fazer rapidamente e com capricho o seu trabalho. Como resultado, a supervisora a elogiou muito, dizendo desejar que todas as novas estudantes bolsistas fossem tão eficientes quanto Anna.

Logo Anna estava indo à escola durante quatro horas por dia e trabalhando seis horas. Então ela foi designada para chefiar o "quarto de armazenamento" da lavanderia. Isso significava que ela iria despender dez horas por dia em seu trabalho. Todas as auxiliares e enfermeiras tinham de ir até o armazenamento para a lavagem de suas roupas. Não demorou muito para que Anna conhecesse cada uma; e ela gostava disso. Ela conseguia algum tempo para estudar, enquanto estava no trabalho. No geral, esse não era um trabalho de todo mau. Ocorria que, enquanto no trabalho, ela conseguia passar roupa para as enfermeiras e estudantes de medicina. Anna passava o dinheiro às mãos da supervisora, que o devolvia dizendo que ela deveria guardá-lo para suas necessidades. Anna trabalhou na lavanderia por quase um ano, e a renda lhe possibilitou pagar todas as suas despesas escolares.

Todo esse trabalho não prejudicou seus estudos. Durante o curso na escola industrial ou preparatória, ela conseguiu ganhar o restante do estipêndio que precisava para se matricular no curso de enfermagem. Com o que ela fora capaz de poupar de seus ganhos e algum dinheiro que lhe enviaram o pastor Chambers e sua esposa, Anna comprou livros escolares quando a próxima turma de enfermagem se formou.

O Curso de Enfermagem em Battle Creek

Um dos destaques do curso de enfermagem de Anna aconteceu quando a Sra. S. M. L. Henry internou-se no Sanatório de Battle Creek. O Dr. Kellogg foi seu médico assistente e teve de dizer-lhe que nada menos que um milagre poderia salvá-la, pois seu coração apresentava problemas. A Sra. Henry decidiu ficar no sanatório por mais um tempo. Um dia, enquanto o capelão a visitava, ela lhe perguntou se poderia ser ungida, conforme recomendado em Tiago 5:14 e 15. Ela disse que era cristã e que todos os médicos e auxiliares eram cristãos. Por que, então, ela não poderia ser curada?

Foi marcado um dia para a unção. Todos os que a conheciam foram solicitados a orar onde estivessem, num tempo determinado. A Sra. Henry foi posta numa cadeira de rodas e um dos médicos a levou até a capela. O culto foi solene, tranquilo e espiritual. Embora tenha sido levada até o elevador em cadeira de rodas, *ela subiu a pé as escadas até seu quarto.* Quando os médicos a examinaram, viram que não havia sinais da doença. Ela havia sido curada.

Outro acontecimento notável ocorreu por ocasião da estada de Anna no Sanatório de Battle Creek. Os estudantes receberam a notícia de que havia uma grave fome na Índia, e que alguns dos próprios missionários do sanatório estavam enfrentando a dura escassez de alimentos. O Dr. Kellogg convocou a todos – médicos, enfermeiras, estudantes e auxiliares – e apelou-lhes para que fizessem um sacrifício de privar-se de seu próprio alimento. Eles adotariam uma "dieta hindu" por uma semana, cortando tudo de sua alimentação, exceto aquelas coisas que o sanatório não precisava comprar. (O sanatório tinha grandes hortas e cultivava grande parte do alimento ali consumido.)

Mais de 400 estudantes de medicina, médicos, enfermeiras e auxiliares deram mostras de que estavam dispostos a aderir à dieta restritiva. No fim de uma semana, haviam economizado 500 dólares. Eles ficaram tão emocionados com o montante de dinheiro economizado que decidiram continuar o programa por mais uma semana. Como resultado de sua abnegação, mil dólares foram enviados à Índia por conta da economia de duas semanas no cardápio.

Os missionários ficaram muito agradecidos àquela gente dedicada de Battle Creek pela ajuda enviada e pelas vidas que foram salvas em resultado de seu sacrifício. De fato, quando Anna chegou à Índia como missionária, ela ensinou cinco das crianças órfãs

cuja vida fora salva pela ajuda enviada aos missionários de Calcutá durante a carestia.

A Enfermeira Knight Inicia um Trabalho Autônomo no Mississippi

Depois de Anna se formar na Escola de Enfermagem do Sanatório de Battle Creek, o Dr. Kellogg foi de muita valia ao ajudá-la a iniciar uma missão autônoma em seu estado natal, o Mississippi. Ele fez arranjos para que ela viajasse de volta ao lar e para obter numerosos livros de fisiologia que poderiam ser úteis em seu trabalho.

Uma das primeiras coisas que ela fez quando chegou a Ellisville, Mississippi, foi promover uma reunião daqueles que estavam interessados em prover uma escola para seus filhos. Ela lhes mostrou livros, mapas e o uniforme de enfermeira que o Dr. Kellogg lhe dera. Explicou com cuidado que todos os seus planos eram para o bem das crianças e de toda a comunidade, e que ela desejava que todos trabalhassem juntos para permitir que a luz de Cristo penetrasse naquela cidade.

Parecia que todos os maus sentimentos contra Anna em anos passados haviam desaparecido. As pessoas ficaram felizes em tê-la de volta ao seu meio, movida pelo desejo de tornar-lhes a vida melhor. No primeiro ano, o único edifício que puderam achar para sua escola era uma velha cabana de troncos, na fazenda do tio de Anna. Ela estava em estado precário, caindo aos pedaços, mas tinha um telhado firme e uma lareira que funcionava. Assim, as pessoas começaram a trabalhar. Dois bancos de troncos foram preparados, cada um deles longo o suficiente para acomodar nove crianças. Além disso, uma mesa e uma cadeira feitas em casa foram providenciadas para a professora.

O salário de Anna para ensinar naquela escola era de um dólar por semana, pago parte em dinheiro, parte em trabalhos prestados. Os pais e os filhos participavam do plano. As crianças recebiam um crédito de cinco centavos por hora, pelo corte de madeira para a lareira da escola, e isso as ajudava a sentir que estavam pagando parte de seu estipêndio.

No encerramento do ano escolar, o Dr. Kellogg pediu a Anna e a alguns outros servidores que tinham ido fazer uma obra missionária pioneira que voltassem a Battle Creek. Eles poderiam fazer um curso de pós-graduação, bem como ajudar a cuidar de um grande número de pacientes que vinham ao sanatório durante o verão. Anna aceitou o convite. Ela pôde assistir às aulas de verão e receber treinamento que a ajudou em sua escola missionária no Mississippi.

Um Novo Prédio Escolar

Anna criou um fundo para que a comunidade pudesse ter um novo prédio escolar, substituto da velha e decadente cabana. Ela plantou quatro acres de algodão para que as mulheres e crianças da comunidade colhessem. Esse algodão era vendido e o dinheiro revertido para o fundo de construção. Embora os custos, mesmo para um edifício simples, fossem elevados, Anna tinha certeza de que eles poderiam levantar o dinheiro. Em mais ou menos oito semanas o prédio foi concluído. Esse foi um esforço comunitário real, e a maioria dos cidadãos estava orgulhosa de ter uma bela escola para seus filhos.

Naquele ano houve 24 estudantes matriculados em oito séries, e o estipêndio era de um dólar por mês. Somente uma família teve condições de pagar o estipêndio em dinheiro vivo. O restante pagava em dinheiro e prestação de serviços.

Parte do plano de Anna era manter dois períodos de aula aos domingos. O local das reuniões ficava distante uns dez quilômetros. Depois das aulas dominicais, ela ministrava lições básicas de leitura, escrita e aritmética para os adultos que desejassem. Ela também lhes ensinou princípios de saúde e temperança.

Problemas com os Fabricantes de Bebidas Alcoólicas

A fabricação e a venda ilegal de uísque era um próspero negócio em algumas partes do Sul, e os fabricantes locais não gostaram de Anna estar ensinando o povo sobre os efeitos do uísque sobre o coração, fígado e outros órgãos. Eles mandaram um recado a Anna para que parasse de falar contra seu comércio, ou eles a poriam fora de combate. Sua resposta foi que ela não estava pregando, apenas ensinando. Mas, se eles estavam prontos a atirar, ela também estava. Seus amigos ficaram aborrecidos com tudo isso, mas ela não se preocupava. Anna acreditava que Deus a estava guiando. Todavia, para fazer com que seus amigos se sentissem mais tranquilos a respeito de sua segurança, ela portava um revólver e, algumas vezes, uma espingarda de cano duplo, os quais ela sabia manejar com destreza.

Certa tarde, quando Anna voltava para casa após as aulas de domingo, ela notou, à distância, vários homens, os mesmos que a haviam ameaçado. Eles a esperavam numa viela murada de ambos os lados, de modo que ela não podia tomar outro caminho e nem escapar deles.

Ela estava sobre um cavalo que havia treinado anos antes, um animal que a conhecia bem e respondia aos seus comandos. Anna montava como se não suspeitasse de nada, até chegar bem próximo dos homens. Então, soltou as rédeas, levantou as mãos e fustigou os flancos do animal. Esse foi um sinal para que o cavalo corresse o mais rápido que pudesse – e o animal disparou. Ela se inclinou para agarrar as rédeas, mas estava, de fato, sinalizando para que o animal galopasse mais rápido. A gangue assustada disparou suas armas, mas nem o cavalo nem Anna foram atingidos. Muito tempo depois, livre do perigo, Anna deu gentilmente umas palmadinhas no cavalo e ele parou de correr. Os dois chegaram sãos e salvos ao seu destino.

Dentro de algumas horas aconteceria a segunda sessão domingueira da escola. A aula mal havia começado quando três daqueles homens foram até a escola e se assentaram nos bancos de trás. Eles haviam bebido. Logo um deles cuspiu no chão. Anna havia estabelecido uma regra que proibia cuspir no chão. Ela parou a aula no meio de uma sentença e olhou diretamente para o homem, dizendo: "Pensei ter ouvido alguém cuspir no chão. Se isso é verdade, por favor, não o faça novamente. Se eu não estiver correta, rogo-lhes perdão." Essa atitude cortês foi inesperada; os homens se entreolharam, levantaram-se e saíram.

Anna continuou a aula, embora ficasse observando e estivesse atenta a qualquer movimento dos intrusos. Quando viu que eles haviam se dirigido ao bosque em vez de para a estrada, sabia que o confronto não havia terminado. Anna despediu as mulheres e as crianças, que moravam próximo à escola, e foi para sua casa. Dois homens de sua família ficaram para trás para ver o que aconteceria. Pouco depois, os três homens retornaram à escola, mais bêbados do que antes. Os cinco homens logo se envolveram em uma luta. Os encrenqueiros logo perceberam que os dois membros da família Knight eram demais para três deles. Então desistiram da briga e se foram.

Anna não fechou sua escola por causa da breve confusão. Ela colocou seguranças no prédio, à noite, e cada dia levava consigo suas armas e também os livros da escola. Seu trabalho prosseguiu. Quando os marginais viram que ela não tinha medo, não causaram mais problemas.

O Trabalho na Índia

Sabendo do trabalho bem-sucedido de Anna no Mississippi, o Dr. John Harvey Kellogg a convidou para assistir à sessão da Associação Geral de 1901, em Battle Creek.

Ali ela sentiu o chamado de Deus para servi-Lo como missionária em outro lugar. Depois de combinar com os amigos o prosseguimento do trabalho no Mississippi, ela atendeu ao chamado divino para servi-Lo na Índia. Lá ficou por seis anos, atendendo às necessidades do povo. Serviu como enfermeira e também foi colportora, vendendo livros e revistas como a *Oriental Watchman*. O Senhor a protegeu enquanto muitas vezes viajava de trem, carro de bois e bicicleta, pelas regiões perigosas desse país. Ele também a abençoou abundantemente enquanto ela buscava seguir Sua direção, mesmo nos menores detalhes. Por causa de Anna Knight, muitas pessoas na Índia vieram a conhecer o Deus do Céu e a entregar-Lhe a vida.

De Licença

No fim dos seis anos, Anna voltou para casa, de licença, pretendendo retornar à Índia em dois anos. Durante esses dois anos nos EUA, ela trabalhou para estabelecer outra escola entre seus vizinhos do Sul. A escola que construiu perto de sua casa, em Ellisville, Mississippi, havia sido queimada. Anna escreveu às pessoas pedindo-lhes para construir outra escola, desta vez próxima do centro da cidade. Cada minuto de sua licença de dois anos era precioso, e ela queria começar a construção o mais rápido possível. Na primeira reunião ocorrida no novo prédio escolar, toda a comunidade se juntou para lhe dar boas-vindas. Estavam lá também alguns dos homens que haviam queimado a outra escola. Todos pareciam felizes em vê-la e ouvir as histórias de seu trabalho na Índia.

Ao falar àquelas pessoas, lembrou-lhes que, em 1898, quando fundara a escola, nenhum deles sabia ler ou escrever. Garantiu-lhes que haveria dias melhores para eles e seus filhos, mas que não teriam tempo para festas, danças e outras formas questionáveis de entretenimento. Ela pediu comprometimento de seus antigos alunos e outros que estavam suficientemente interessados em seguir seu plano para uma vida melhor. Na segunda-feira seguinte, 22 crianças e jovens foram à escola, prontos a iniciar seus estudos. Anna ensinou por longo tempo e também reiniciou suas aulas de domingo. Deu estudos bíblicos em muitas das comunidades vizinhas. Em seis meses, nove pessoas estavam prontas para o batismo, entre elas a mãe de Anna e duas de suas irmãs.

Uma Nova Missão

A Associação União do Sudeste estava desejosa de estabelecer a obra médica para a população negra do Sul e, em 1909, Anna foi convidada a ajudar na instalação de um hospital em Atlanta, na Geórgia. Ela fez disso um assunto de oração, buscando fervorosamente saber qual a vontade do Senhor. O resultado foi que, em vez de voltar para a Índia, Anna abraçou a nova missão no Sul. Infelizmente, a ideia de um hospital para negros nos arredores de Atlanta não foi bem recebida na comunidade, e o prefeito negou a concessão. Uma sala para tratamento foi inaugurada. Depois de um início moroso, ela se tornou um sucesso e foi de auxílio real à população pobre da área.

A experiência e o trabalho de Anna na Índia fizeram dela uma palestrante solicitada para ministrar treinamento básico em quatro instituições negras de Atlanta. Isso resultou em outros convites para falar e, como fez amigos, o preconceito contra os negros e os adventistas do sétimo dia diminuiu um pouco.

Uma Escola em Atlanta

Por volta de 1911, Anna foi convidada a auxiliar numa escola missionária de dois professores em Atlanta. Como o número de estudantes na escola aumentou, tornou-se necessário ter aulas noturnas para alunos mais velhos. A procura era tão elevada que não havia salas suficientes para todos. A escola precisava ser ampliada, mas não havia dinheiro para custear esse ambicioso plano. Eles precisavam de mais carteiras e um aquecedor maior para o salão. Agora estavam em terreno desconhecido. Era um novo esforço no Sul e ninguém de fato sabia como obter recursos ou realizar esse plano de expansão.

Anna foi nomeada diretora do conselho escolar. Se a ampliação devesse acontecer, cabia-lhe conseguir o dinheiro. Primeiramente, ela foi até a Associação União do Sudeste para ver se a instituição poderia ajudar. Lamentavelmente, não foi possível obter auxílio. Aquela era uma escola missionária e a União já pagava 50% dos salários dos professores. Eles não viam condição de financiar mais nada. Então Anna levantou a questão da compra do aquecedor e das carteiras segundo o plano de instalação. Isso não era muito comum naquele tempo, mas os dirigentes o aprovaram.

Nos primeiros oito anos, Anna tinha estado na Índia e no Mississippi. Ela não padeceu tanto frio naqueles climas, mas os invernos em Atlanta

eram muito frios. Como não possuísse o indispensável casaco, Anna economizou um pouco de dinheiro aqui e ali para comprar um antes do inverno. Porém, sem hesitar, ela apanhou essas economias e foi a uma loja de ferragens, onde deu entrada para a compra de um aquecedor que atendesse às necessidades da escola. Ela prometeu fazer pequenos pagamentos mensais até pagar o preço total do aparelho.

Sua próxima parada foi na casa de suprimentos escolares, onde apresentou sua necessidade e possibilidades de pagamento. Os gerentes conversaram e concordaram em vender as carteiras, facilitar seu pagamento em pequenas prestações mensais até a integralização do valor. No dia seguinte, o aquecedor e as carteiras foram entregues e colocados.

Gritos de alegria soaram quando os estudantes viram as carteiras novinhas e reluzentes, alinhadas na sala. O aquecedor preto e polido que irradiava calor era o deleite de todos. Mas ele ainda não estava pago. O que aconteceria se os alunos falhassem no pagamento de seu estipêndio? Anna discutiu o assunto com a comissão escolar, ressaltando que o Senhor que havia aberto o caminho para a ampliação da escola poderia impressionar os patrocinadores a pagar os valores devidos. Deus honrou sua fé e os pagamentos foram feitos. A escola se tornou um grande sucesso.

Todavia, o dinheiro para o casaco de Anna foi gasto. O inverno estava às portas e ela sabia que não seria capaz de economizar o suficiente para comprar um casaco naquele ano. Conquanto estivesse disposta a comprar a crédito as cadeiras e o aquecedor para a escola, ela passaria sem um casaco, de preferência a comprar um para si mesma no crediário.

Deus Provê um Casaco Para Anna

Uns dias mais tarde, ela respondeu a uma carta que lhe enviara a velha amiga, a Srta. Embree, que agora era a Sra. Runnels. Anna escreveu sobre seu trabalho em Atlanta, sobre a escola e como havia gastado suas poucas economias nas carteiras e no aquecedor. Contou à Sra. Runnels que a obra de Deus deve vir em primeiro lugar, e que ela estava feliz em ter economizado alguns dólares que puderam ser usados naquela emergência.

A Sra. Runnels mostrou a carta a seu grupo de Missionários Voluntários na Califórnia, e eles sugeriram que se retirasse uma oferta

para suprir o dinheiro do casaco. Uma amiga que conhecera Anna em Battle Creek estava presente à reunião. Ela havia ganhado um casaco para dar a alguém que necessitasse, e estava certa de que ele serviria perfeitamente em Anna. Ela o remeteria via correio expresso no dia seguinte.

O pacote chegou naquela mesma semana e Anna o abriu ansiosamente. Dentro ela encontrou um belo casaco preto, quase novo e que lhe serviu bem. Além disso, ele era de melhor qualidade do que aquele que ela queria comprar. Mas havia mais. Além do casaco, os Missionários Voluntários haviam enviado dinheiro, o suficiente para pagar o débito restante do aquecedor. Desse tempo em diante, Filipenses 4:19 tornou-se um dos versos favoritos de Anna: "E o meu Deus, segundo a Sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades."

Viajando, Viajando

Na época em que Anna Knight foi batizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia, o trabalho no Sul estava disperso e desorganizado. A Associação União do Sudeste era simplesmente um campo de trabalho e havia apenas 50 negros adventistas do sétimo dia em toda a América do Norte. Não admira que ela tivesse de viajar 600 e tantos quilômetros para ser batizada!

Em 1909, quando Anna deu início à obra de saúde em Atlanta, Geórgia, a Associação União do Sudeste já estava organizada. Havia sido formada com parte do território pertencente à Associação União do Sul. O trabalho da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Sul estava se tornando bem estabelecido.

Anna passou seis anos promovendo a obra educacional para os negros do Sul, trabalhando primeiramente na Associação União do Sudeste. Ela planejava seu trabalho com um mês de antecedência, completando seu itinerário numa Associação antes de passar para outra. Anna procurava visitar todas as escolas paroquiais duas vezes por ano. Ao ser transferida para a União do Sul, foi-lhe oferecido um escritório na sede da União, mas ela o recusou. Disse: "Não. Meu trabalho é no campo com as escolas e igrejas. Não tenho tempo para estar num escritório, nem necessidade de um."

Ela viajou tanto que parecia morar nos trens. Procurava dar pessoalmente seus relatórios no escritório da União, mas se

isso não era possível, sempre enviava um detalhado relatório escrito. Nesse meio-tempo, ela fixou residência no Oakwood College, em Huntsville, Alabama.

Por volta de 1916, Anna foi chamada de volta para a Associação União do Sudeste. Ela não se sentia muito inclinada a aceitar o chamado, mas orou a respeito e foi impressionada pelo Senhor a aceitar a mudança. Porém, apresentou várias condições para aceitar, uma delas era que lhe fosse permitido continuar morando em Oakwood. O presidente concordou alegremente, mas insistiu que ela começasse seu trabalho imediatamente.

O trabalho que ela havia feito anteriormente na Associação do Sudeste não havia feito muito progresso, pois ficara sem uma supervisão real. Foram seis meses de trabalho duro para reorganizar o trabalho e fazer tudo funcionar. Todos os professores da União ficaram felizes em tê-la de volta, e Anna foi bem recebida em todas as escolas e igrejas.

As Associações Uniões do Sul e do Sudeste foram combinadas para formar a nova União do Sul. Nesse tempo, em 1932, Anna foi eleita secretária-associada de Educação, Ministério Pessoal, Missionários Voluntários e Escola Sabatina do novo Departamento Afro-americano da Associação União do Sul. Ela foi reeleita para essa posição em cada sessão da União, até dezembro de 1945, quando as Associações regionais foram formadas. Um ano mais tarde, ela se aposentou formalmente.

Uma Honrada Pioneira

Durante o último ano de sua vida, quando estava com 98 anos de idade, ela serviu como presidente da Associação Nacional de Professores Negros./Esse também foi o ano em que Anna recebeu a medalha de honra ao mérito do Departamento de Educação da Associação Geral. Por essa época, apenas 12 prêmios desse tipo haviam sido concedidos.

Anna Knight é uma pioneira a ser lembrada. Ela passou a vida "vivendo por princípio". Anna orava e então continuava o trabalho até que Deus lhe tornasse claro qual o próximo movimento a ser feito.

Ela manteve cuidadosamente os registros que mostram que dirigiu 9.388 reuniões, fez 11.744 visitas missionárias, escreveu 48.918 cartas e fez o equivalente a 23 viagens de volta ao mundo, não incluindo suas viagens de ida e volta da Índia e os movimentos internos. A crônica

de suas viagens e os detalhes da grande quantidade de trabalho que realizou deixam uma rica história de seus labores.

O fruto da vida de Anna Knight provou que um cristão consagrado e comprometido pode fazer diferença na comunidade em que vive. Anna Knight era jovem quando captou a visão divina de serviço, e esteve disposta a usar os talentos que Ele lhe deu para o bem de outros. Não há dúvida de que suas obras a seguem.

Detalhes

A pequena Anna ficou contemplando os mais belos objetos que já havia visto na vida. Mais do que qualquer coisa no mundo, ela ansiava possuí-los. Para outra pessoa qualquer, eles não mereceriam uma segunda olhadela, mas para uma criança que teve tão pouco prazer e beleza em sua vida, eles eram magníficos.

O vendedor deu uma passada rotineira pelo humilde lar dos Knight. Ele estava vendendo assinaturas de uma revista chamada *The Home and Fireside Magazine*. E o melhor de tudo: ele estava dando um prêmio para cada pedido: duas grandes reproduções de George e Martha Washington e vários outros impressos menores – tudo por um dólar.

A mãe de Anna tinha um dólar naquele dia, mas ela certamente não iria gastá-lo em tais tolices. Ela não sabia ler. O que iria fazer com uma revista?

Mas Anna sabia ler e desejava desesperadamente a revista com os impressos. Ela implorou e apelou, e fez tanto barulho que a Sra. Knight ficou envergonhada e finalmente cedeu. Depois que o vendedor foi embora, a Sra. Knight falou-lhe algumas palavras de repreensão. Anna entendeu claramente que se fizesse tal cena novamente iria tomar suas refeições longe da lareira – se eles tivessem uma lareira!

Quando os ambicionados materiais chegaram, a mãe divertiu-se vendo-os e ouvindo Anna ler a revista. Quando havia caracteres manuscritos na revista, Anna os retirava e praticava a escrita na areia até conseguir uma bela caligrafia.

***

Algumas vezes era permitido às crianças nadar no riacho. Os homens e as mulheres iam em dias alternados – nunca juntos no mesmo dia. Num memorável dia, Anna e outras crianças correram adiante de suas

mães. Elas haviam sido advertidas a ficar próximas à praia, pois havia areia movediça e também o que era conhecido como sorvedouro. Mas, por alguma razão desconhecida, Anna afastou-se muito. Repentinamente seus pés tocaram a areia movediça e a corrente os puxou, levando-a diretamente para o sorvedouro.

– Rápido! Rápido! Venha rápido! – as crianças gritavam para a mãe de Anna. – Anna está afundando! Anna está afundando!

Agindo prontamente, a Sra. Knight lançou-se na água deslizando pela corrente em direção à filha. Anna foi levada adiante. A água a arrastara o suficiente para permitir que sua mãe a apanhasse com uma das mãos e a empurrasse firmemente para a praia. A Sra. Knight conseguiu nadar até ela e puxá-la para um lugar seco. Depois de Anna voltar a si e a mãe ter certeza de que estava bem, ela foi severamente repreendida por sua desobediência. Seu descuido poderia facilmente ter virado uma tragédia.

Logo após um sermão sobre a obediência, a Sra. Knight disse que Anna precisava aprender a nadar. Ela não poderia viver com medo de água. Sua mãe a ensinaria.

Em anos posteriores, Anna afirmou que finalmente havia aprendido a nadar. Mas ela sempre dizia que a maior lição que aprendera foi que "o caminho dos pérfidos é intransitável" e "obedecer é melhor do que sacrificar". Foi uma dura lição, mas ela aprendeu a não correr riscos desnecessários e a obedecer àqueles que eram mais velhos e sábios do que ela.

***

Aos domingos, o único tempo real de lazer que desfrutava, Anna frequentemente reunia as crianças mais novas e brincava de escola. Quando elas se cansavam disso, brincavam de atirar pedras. Elas apanhavam pequenas pedras e se revezavam atirando-as numa árvore para ver quantas vezes atingiam o alvo. É óbvio que Anna mantinha cuidadosos registros e aquele que conseguisse acertar o alvo mais vezes, vencia o jogo.

As pedras lançadas provaram ser muito práticas na vida diária dessas crianças, e todas elas se tornaram especialistas em conduzir manadas de porcos e gado para longe de seus campos.

CAPÍTULO 9

Nathaniel D. Faulkhead:

Sociedades Secretas

Com a reputação de Nathaniel D. Faulkhead como homem de negócios de capacidade incomum, não demorou muito tempo, depois que ele e sua família aceitassem a mensagem do advento (entre 1886 e 1887), para que o nomeassem tesoureiro da Echo Publishing House, na Austrália. Ele trabalhou muito, dominando o trabalho e produzindo bons resultados.

Nathaniel Faulkhead era um membro destacado não apenas da maçonaria, mas de muitas outras sociedades secretas. Sua ambição era atingir o mais alto posto entre os maçons e, quando aceitou os ensinos adventistas, não viu nenhuma razão para renunciar às organizações secretas às quais pertencia. Todavia, à medida que os meses se passavam e ele ficava mais e mais envolvido nas atividades da loja maçônica, Nathaniel foi perdendo o interesse na Palavra de Deus. Seus companheiros da casa publicadora podiam perceber sua crescente fascinação pelas sociedades secretas e ficaram preocupados com seu bem-estar espiritual.

Logo após sua chegada à Austrália, em 1891, a Sra. White recebeu uma visão detalhada das condições prevalecentes na Echo Publishing House. Ela escreveu toda a visão, incluindo testemunhos pessoais a vários indivíduos envolvidos. Um desses testemunhos foi dirigido a N. D. Faulkhead e sua esposa.

O testemunho completo contava 50 páginas. No início, a Sra. White pretendia enviá-lo pelo correio ao Sr. Faulkhead, mas uma voz parecia dizer-lhe: "Não, ainda não é chegado o tempo. Não o mande ainda. Eles não vão aceitá-lo agora."

Doze meses mais tarde, o testemunho não havia sido enviado aos Faulkhead. Ainda não era o tempo certo.

Em dezembro de 1892, J. H. Stockton, um colega de Faulkhead, estava tentando falar com ele sobre seu relacionamento com o Senhor.

Ele lhe fez uma pergunta direta:

– Irmão Faulkhead, o que você faria se a Irmã White tivesse um testemunho para você?

– Bem – foi a curta resposta –, ele teria de ser muito poderoso para eu crer que tenha vindo de Deus.

Àquela altura, nem Faulkhead nem Stockton estavam cientes de que Deus havia mostrado toda a situação a Ellen White um ano antes.

Não muito depois dessa conversa, Nathaniel sonhou que o Senhor tinha dado a Ellen White uma mensagem dirigida a ele. Esse sonho, juntamente com sua impaciente resposta ao Sr. Stockton, fez com ele pensasse seriamente.

As aulas finais do primeiro semestre da Australasian Bible School foram ministradas na metade de dezembro de 1892. A Sra. White havia estado em Ballarat, mas na segunda-feira, 12 de dezembro, retornou a Melbourne em tempo para participar de um evento especial na programação matutina. Aproveitando-se do fato de que vários membros da administração da escola estavam na cidade, W. C. White convocou uma reunião da comissão administrativa. N. D. Faulkhead, tesoureiro da Echo Publishing House, era um dos membros.

O Sr. Faulkhead havia estado pensando no sonho que tivera, no qual soube que Ellen White tinha uma mensagem para ele. Após a reunião da comissão, foi vê-la. Ela estava descansando, mas o saudou e o recebeu gentilmente. Ele foi direto ao ponto, perguntando se ela estava com uma mensagem para lhe dar. A Sra. White sugeriu que ele arrumasse um tempo para retornar com a esposa, então falaria com ambos. Mas ele ansiosamente perguntou:

– Ó, Irmã White, a senhora poderia dar-me essa mensagem agora?

Apesar do cansaço resultante da longa viagem e das atividades da manhã, ela concordou. Falou-lhe do fato de que muitas vezes estivera a ponto de enviar-lhe a mensagem pelo correio, mas que "se sentiu impedida pelo Espírito do Senhor". Ele não estava pronto para recebê-la.

Aparentemente, agora era o momento e ela despendeu algum tempo revendo a parte do testemunho de 50 páginas, que tratava da obra da casa publicadora. Então ela se voltou para o testemunho pessoal dirigido ao Sr. Faulkhead. Se ele estava esperando uma entusiástica palavra de agradecimento por parte do Senhor pelo bom trabalho que estava fazendo, estava fadado à decepção.

Enquanto a Sra. White conversava com ele e lia o manuscrito, ela usou gestos e palavras conhecidos apenas pelos membros das lojas maçônicas. Nathaniel não sabia como explicar esse fenômeno e a interrompeu para perguntar se ela estava ciente do que havia feito. Ela não achava haver realizado algo incomum. Emocionado, mas confuso, disse à Sra. White que ela havia feito um sinal secreto conhecido apenas pelos maçons. Enquanto conversavam, ela fez outro, que mais tarde disse ser um sinal feito por seu anjo assistente para ela.

Faulkhead ficou pálido. Esse sinal só era conhecido pelos membros da mais alta ordem maçônica. De fato, ele o tinha aprendido havia apenas uns poucos dias, e esse sinal só era conhecido por seis pessoas em toda a Austrália. Nenhuma mulher poderia conhecê-lo.

Esse fato convenceu Nathaniel de que o testemunho procedia de Deus. O Espírito Santo estava trabalhando poderosamente nele. Quando ela fez outro sinal e ele a interrompeu novamente, Ellen White ficou agradavelmente surpresa, pois ela não tinha consciência de haver feito qualquer gesto incomum. Nathaniel imediatamente pensou nas palavras que havia dito ao Sr. Stockton, sobre como a mensagem teria de ser *poderosamente forte* para levá-lo a crer que provinha do Senhor. Aquilo era algo forte.

Sabendo que sua mãe não estava bem, Willie White sentiu que a entrevista havia-se prolongado muito, e ele finalmente enviou May Walling à sala para encerrar a discussão. Mas May foi mandada de volta. Willie desejava saber o que estava se passando, mas ele conhecia muito bem sua mãe para saber que algo essencialmente importante estava acontecendo.

Mais tempo se passou e Willie sentiu que precisava dar um fim à entrevista. Ela estava exigindo muito do tempo e das energias de sua mãe. Ele bateu à porta da sala e chamou por ela, mas ela o mandou embora. Havia uma alma sob risco e ela estava lutando para que Deus a ganhasse. E continuou sua conversa com o Sr. Faulkhead.

Finalmente, depois de mais de três horas, Deus e Seus anjos prevaleceram e Nathaniel Faulkhead entregou tudo ao Senhor. Ele

contou à Sra. White que não mais desejava estar ligado com a ordem maçônica ou qualquer outra organização secreta às quais pertencia. Disse que precisaria de uns nove meses para concluir seus negócios com elas e cortar os laços com as três lojas que estavam sob seu controle direto. Sua resposta à mensagem do Senhor foi:

– Aceito cada palavra. Tudo isso me diz respeito. [...] Aceito a luz que o Senhor me enviou através da senhora. Agirei sob essa luz. [...] Não mais assistirei às reuniões maçônicas e darei um fim em todas as relações comerciais com elas o mais rapidamente possível.

E completou:

– Irmã White, quero que a senhora saiba o quanto considero esse assunto. Vejo-me como grandemente honrado pelo Senhor. Ele achou por bem mencionar-me e não me sinto desencorajado, mas animado. Seguirei a luz que me foi dada pelo Senhor.

Fiel a essa palavra, ele enviou sua carta de demissão às sociedades secretas e, embora fosse pressionado a continuar seu relacionamento com elas, permaneceu firme em seu compromisso com o Senhor. Faulkhead descobriu que a luta era maior do que esperava, mas ficou firme e o Senhor o abençoou abundantemente.

Nathaniel Faulkhead tornou-se uma influência forte e positiva na obra de Deus, porque esteve disposto a aceitar o conselho do Senhor.

CAPÍTULO 10

Stephen Nelson Haskell:

Um Homem de Ação

Poucos dias antes de morrer, o Sr. How, proprietário de uma bela fazenda, chamou Stephen Haskell, de 17 anos, à beira de seu leito. Ele explicou sentir que não tinha muito tempo de vida e que precisava de ajuda. Nessas circunstâncias, isto foi provavelmente o que Stephen respondeu:

– Com certeza, Sr. How. Se houver algo que eu possa fazer pelo senhor, apenas me diga.

Mas ele certamente não estava preparado para o que veio depois.

O Sr. How estava deixando sua fazenda e tudo o que ela continha para o jovem Haskell administrar. Ele conhecia Stephen o suficiente para confiar-lhe tudo quanto tinha, incluindo sua filha inválida, Mary.

– Stephen – ele disse –, estou lhe pedindo para cuidar de Mary. Você sabe que eu tenho sido pai e mãe para ela. Ela é incapaz de cuidar de si mesma, e eu não sei o que fazer. Isso é pedir muito para um jovem, mas, Stephen, você cuidaria dela? Ela não tem ninguém mais no mundo.

Stephen engoliu em seco. Ele tinha apenas 17 anos e era um empregado. O Sr. How estava lhe pedindo para cuidar de sua filha semiparalítica. Como ele poderia fazer isso? Era verdade que ele ajudava o Sr. How quando Mary precisava ser levada para fora e para dentro da casa e de um aposento para o outro. E também que ele estava apaixonado por ela. Mas será que ele era maduro e sábio o suficiente para se tornar inteiramente responsável por ela.

Pedindo um pouco de tempo para pensar a respeito, ele finalmente se decidiu: "Tudo bem, Sr. How. Farei o meu melhor não apenas para cuidar da fazenda, mas também da Mary."

Essa não foi uma decisão que Stephen fez levianamente. Ele havia ajudado o Sr. How na fazenda por mais ou menos um ano, e conhecia a rotina do trabalho. Todavia, cuidar de Mary era outra questão.

Uns dias antes, e imediatamente após a morte do Sr. How, Stephen pensou muito sobre como iria cumprir sua promessa de cuidar de Mary. O único modo certo que ele achou para isso era casar-se com ela. Ele ainda não havia completado 18 anos e ela estava com 40! Mas ele havia prometido cuidar dela. Não sabendo o que mais fazer para cumprir sua palavra, Stephen conversou com Mary a respeito, e ela aceitou sua proposta dizendo que o amava.

O Jovem Stephen

Stephen Haskell nasceu em Oakham, Massachusetts, no dia 22 de abril de 1833, o ano da queda das estrelas. Desde cedo ele mostrava tranquilidade e bom poder de raciocínio. Ele tomava rapidamente as decisões certas e agia. Stephen converteu-se com 15 anos de idade e se uniu à Igreja Congregacional. Entretanto, tanto Stephen como Mary eram metodistas quando se casaram, e sua fé os fortalecia mutuamente enquanto oravam pela melhora da saúde de Mary. Em alguns anos a saúde dela foi melhorando, tanto que ela conseguiu reassumir a maior parte de suas antigas atividades. Dizia-se que Mary How Haskell podia "domar cavalos fogosos como poucos homens". Haskell escreveu que eles sempre mantinham de um a três cavalos.

O trabalho de Stephen para o Senhor não ficou comprometido pelo casamento entre pessoas com tal diferença de idade. Antes de ficar doente, Mary havia sido professora. Ela tinha bom gosto e gostava de escrever poesias. Mais do que isso, ela incentivou o marido em sua busca por educação. Não há dúvida de que ambos gostavam de ler os volumes da grande biblioteca que ela havia formado.

Venha e Pregue Para Nós

Mary e Stephen estavam casados havia pouco mais de dois anos quando ele ouviu a mensagem de que Cristo logo voltaria à Terra. O sermão que ouviu o emocionou e, embora tivesse apenas 19 anos, começou a partilhar as boas-novas com todos com quem entrava em contato. A "bendita esperança" – ele sempre a chamava assim – era seu tema favorito de conversas.

Um dia, enquanto ele conversava entusiasticamente com um amigo, Stephen começou a usar as Escrituras para provar seus pontos de vista. O amigo lhe disse:

– Stephen, por que você não prega? Você deve alugar um salão e pregar.

– Pois bem, talvez eu possa – foi a resposta meio jocosa de Haskell. – Se você conseguir o salão, eu prego.

O amigo não estava brincando e não demorou muito para que ele viesse bater à porta de Haskell.

– Eu consegui o salão – disse ele. – Agora venha e pregue para nós.

O quê? Pregar? Isso foi mais do que o jovem Haskell havia pensado. Mas ele não podia recuar agora. Foram marcados uma data e um horário e ele repetiu, quase que literalmente, o único sermão que havia ouvido sobre o assunto da segunda vinda de Cristo.

Em seguida, seus ouvintes se reuniram avidamente ao seu redor pedindo mais estudos. Formou-se um pequeno grupo e eles começaram a estudar juntos as Escrituras. Stephen Haskell estava cheio do amor de Jesus e o partilhou com todos aqueles que encontrava. Parecia-lhe ouvir continuamente as palavras: *Você precisa pregar! Você precisa pregar!* Haskell não sabia se isso era apenas seu desejo ou se Deus estava falando com ele.

Ele também tinha Mary a considerar. Afinal de contas, havia uma esposa para sustentar. Haskell era um fabricante profissional de sabão, e vendia seu produto seguindo um itinerário de vendas por todo o país. Isso, naturalmente, fazia com que passasse semanas fora de casa. Algumas vezes, quando viajava de carroça, deixava o cavalo passear solto, enquanto resolvia com sucesso problemas de álgebra. Seguindo a lógica da resolução desses problemas, ele provava seus pontos de vista nos sermões de maneira sólida e firme, baseado não na álgebra, mas na fórmula de comparar texto com texto, extraindo assim conclusões corretas da Palavra de Deus. Talvez tenha sido Mary quem sugeriu que a habilidade algébrica fortaleceria o pensamento lógico necessário para tornar seus sermões mais poderosos e enfáticos.

Pregando no Canadá

Stephen tinha negócios na pequena cidade de Lake Consecon, Ontário, Canadá, provavelmente vendendo sabões. Num determinado lugar, após concluir seus negócios, ele falou com uma senhora sobre a breve volta de Jesus. Ela prontamente o convidou para dirigir uma reunião em sua casa naquela noite. A Palavra foi espalhada pela comunidade e um grande grupo de ouvintes ávidos se reuniu para ouvir Stephen Haskell explicar a Palavra de Deus.

Ele viu essa oportunidade como ideal de colocar-se à prova. Se fracassasse ali, onde ninguém o conhecia muito bem, isso não seria tão embaraçoso como num lugar onde era bem conhecido. Todavia, se sua pregação convertesse e levasse ao batismo uma pessoa que fosse, ele veria isso como um sinal de que Deus o estava chamando para o ministério.

Após a reunião, a mulher disse a Stephen ter sonhado com ele uma noite antes, e que quando bateu à sua porta naquele dia, ela o reconheceu. No sonho, ela observou como ele estava vestido. Suas calças eram de uma cor estranha e muito curtas para ele. Por causa do sonho, ela se sentiu impressionada a convidá-lo para dirigir uma reunião em sua casa. Ela estava tão certa de que Stephen tinha uma mensagem para o povo de sua comunidade que decidiu promover mais reuniões num lugar maior, numa escola não muito distante, onde mais pessoas podiam ser acomodadas.

Depois de pregar na escola por dez dias, ele foi convidado para outro lugar. A despeito da boa assistência, Haskell não estava seguro de que era a voz divina que o estava chamando, pois ali não houve nenhum batismo.

Quando ele começou sua caminhada de seis quilômetros para atender a outro compromisso, um homem se aproximou e ofereceu-lhe carona em sua carroça. Ele contou a Haskell que havia assistido às reuniões com a esposa, se convertido e desejavam agora ser batizados. Quando Stephen os visitou, poucos dias mais tarde, encontrou 25 pessoas pedindo batismo! Seu coração cantava de alegria. Esse era o sinal que havia pedido. Decidiu dedicar sua vida à pregação.

Naturalmente, o jovem Sr. Haskell não era um pastor ordenado, mas ele seguiu avante e batizou cada candidato. Um homem mais velho ameaçou Haskell, dizendo que se tentasse batizar sua esposa, ele entraria na água e a tiraria de lá à força. Garantindo à mulher que o Senhor havia dado instruções para "crer e ser batizado", e que o próprio Deus cuidaria dos problemas que seu marido poderia causar, Stephen prosseguiu com o batismo.

Enquanto o marido observava a cerimônia nas bordas do lago, o Espírito Santo veio sobre ele com tal poder que ali mesmo ele entregou o coração a Jesus, e pediu a Stephen que o batizasse também.

Assim começou a carreira de Stephen Haskell como pregador.

O Sábado

Em 1853, o jovem Haskell assistiu a uma reunião campal realizada pelos crentes adventistas em Winsted, Connecticut. Dois ou três

outros jovens pregadores aspirantes estavam com ele. Antes de ir para casa, ele decidiu ir até o Canadá e visitar o grupo adventista que havia formado como resultado de sua visita no ano anterior.

Chegando à estação ferroviária em Springfield, Massachusetts, Stephen não sabia realmente o que fazer com seu baú. Ele queria deixá-lo em algum lugar e apanhá-lo em seu retorno do Canadá. William Saxby, um guardador do sábado que era funileiro da ferrovia, ofereceu-se para guardar o baú em sua loja pelo tempo que fosse necessário. Stephen aceitou a oferta com gratidão. Então ele e Saxby se juntaram a outros homens enquanto conversavam sobre seus planos para a noite.

A conversa enveredou para a questão do sábado. Haskell ouviu atentamente, mas nada foi dito que validasse a observância do sétimo dia. Quando o Sr. Saxby começou a conversar, Stephen replicou secamente: "Se você quiser observar o antigo sábado judaico, pode fazê-lo, mas eu não."

William Saxby aparentemente era um bom conhecedor de caracteres e teve o pressentimento de que seu jovem amigo era um homem honesto. Convidando Stephen para jantar em sua casa, o Sr. Saxby falou de algumas das verdades que tinha aprendido, tais como o santuário e a breve volta de Jesus, mas não disse uma palavra sobre o sábado.

Haskell não acreditava em tudo quanto Saxby dizia, mas decidiu que estudaria cuidadosamente e descobriria por si mesmo essas coisas. Ele estaria bem preparado para o próximo fanático que tentasse desviá-lo do assunto com alguns ensinos estranhos. Quando deixou a casa de Saxby, recebeu alguns pequenos folhetos; um deles se intitulava: "Elihu on the Sabbath".

Depois de deixar Springfield, Haskell viajou de barco até uma localidade conhecida como "Carrying Place". A pequena comunidade estava na ponta do Consecon Lake, no Canadá, e ele pretendia fazer algumas reuniões ali. Enquanto o barco singrava suavemente as águas, Haskell leu e releu o folheto sobre o sábado. Não havia nada ali senão textos da Escritura, e ele não podia contestá-los. Ficou pensando em todas as coisas que o Sr. Saxby lhe havia dito. Quando o barco fez uma parada em Trent, a uns oito quilômetros de seu destino, Haskell desembarcou e saiu sozinho para os bosques, a fim de elucidar a questão do sábado por si mesmo.

Ele passou o dia lendo sua Bíblia e orando sobre o sábado. Um pouco antes de escurecer, ele chegou à conclusão de que, segundo tudo o que havia estudado, o sétimo dia era realmente o sábado. Teve de admitir

que William Saxby havia ensinado a verdade e que Stephen Haskell precisava aceitá-la. A essa altura, ele cancelou o restante de sua viagem e voltou para casa a fim de começar a pregar a recém-descoberta verdade do sábado.

Haskell não pregava em tempo integral, porém. Ele descobriu que não havia muito dinheiro na pregação, a menos que a assistência fosse muito generosa. Ele e Mary ainda viviam em sua fazenda, e ele manteve seu negócio de fabricação de sabão. Dessa maneira, Haskell conseguia ganhar a vida e ainda atender ao desejo de seu coração de pregar a mensagem do evangelho.

Logo Stephen tinha um grupo observando o sábado. No verão seguinte, ele assistiu a uma reunião adventista em Worcester, Massachussetts, esperando poder apresentar a questão do sábado aos espectadores. Ele ficou desapontado quando não teve sequer uma oportunidade de pregar durante o encontro.

No entanto, Stephen encontrou-se com Thomas Hale, que o havia convidado para ir à sua casa em Hubbardston, Massachussetts. Em resultado, ele e Mary alugaram quartos para o inverno na casa de Hale. Havia um pequeno grupo de adventistas na cidade e eles estavam muito felizes em ter consigo o jovem Sr. Haskell para lhes pregar todos os domingos. Os Hale e outros logo aceitaram o sábado, e as reuniões eram realizadas aos sábados, domingos e em duas noites cada semana.

Havia poucos meses Mary Haskell tinha se encontrado com William Saxby e o ouvira apresentar a questão do sábado, de tal modo que ficou convencida de sua importância. Os Haskell e os Saxby se tornaram bons amigos, visitando-se mutuamente em seus lares.

José Bates Vem Para Ensinar

Num gélido dia de inverno, Haskell atendeu à porta na casa dos Hale. Um homem amistoso, de meia-idade, apresentou-se como pregador adventista observador do sétimo dia. Seu amigo William Saxby havia lhe pedido para visitá-los.

– William – ele disse – escreveu-me e pediu para passar algum tempo com vocês, instruindo-os mais plenamente na verdade bíblica.

José Bates foi bem recebido naquele lar e eles, sem demora, mergulharam no estudo da Bíblia. Bates também pregou aos membros do pequeno grupo de Hubbardston. Os Hale e outras pessoas verificaram que esses ensinos eram muito interessantes, e se formou então

um grupo de estudo bíblico que se reunia ao redor de uma longa mesa na cozinha dos Hale. Bates ficou dez dias em Hubbardston, traçando as linhas da profecia bíblica, da história da Terra e do grande conflito entre o bem e o mal. Ele despendeu mais tempo em seu tema favorito: as mensagens dos três anjos de Apocalipse 14.

Bates esquematizou as importantes doutrinas da salvação, apresentando texto sobre texto, enquanto seus ouvintes acompanhavam-no com profundo interesse. Eles prontamente aceitaram a nova luz, à medida que a mente deles se abria.

Haskell escreveu posteriormente: "Ele pregava para nós desde o desjejum até ao meio-dia, e do jantar até alta noite, e à tarde tínhamos uma reunião geral. Nessa ocasião, assinei a *Review* e a tenho recebido desde então."

Os Haskell também encomendaram um exemplar de cada folheto e periódico publicado pela *Review and Herald.* Um novo e entusiástico líder estava despontando.

A Vida em South Lancaster

Deixando Hubbardson e fixando-se em South Lancaster, Massachusetts, em 1864, Stephen e Mary compraram uma propriedade conhecida como a Casa Bancroft, juntamente com outra área de terra próxima. Na parte de trás da propriedade havia um grande prédio usado como cocheira e, algumas vezes, como oficina de conserto de carroças. Haskell mudou o prédio para outra parte, onde ele serviu como igreja para os adventistas que estavam crescendo rapidamente em número. Por causa de muitas famílias adventistas se mudarem para South Lancaster, a congregação logo se tornou tão grande que foi necessário providenciar um lugar mais adequado para as reuniões.

Haskell não tinha licença para pregar, mas estava tão interessado no crescente rebanho de South Lancaster e cidades circunvizinhas que, quando ouviu da necessidade, estava lá para atendê-la. Algumas vezes seus clientes manifestavam interesse na verdade bíblica, e ele ficava mais que feliz em achar um tempo para ensiná-los.

Stephen Haskell nada sabia da organização adventista. Ele não se tinha dado conta de que precisava, de algum modo, relatar as atividades de seu trabalho. Assim, por iniciativa própria, criou um formulário de relatório fornecendo o número de Escolas Sabatinas e igrejas da Nova Inglaterra, juntamente com o número de membros e outros itens.

O pastor Tiago e a Sra. White estavam em South Lancaster, em 1868, para assistir a uma reunião, e Haskell entregou seu relatório para o pastor White, que o contemplou sorrindo e o passou para J. H. Waggoner e J. N. Andrews.

Os três homens ficaram muito impressionados com a capacidade de Haskell. Eles se reuniram com uma comissão e fizeram uma recomendação para que Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island e Connecticut fossem organizadas em Associação, e que Stephen N. Haskell fosse ordenado ao ministério e nomeado presidente da nova Associação.

Quanto a isso, Haskell declarou: "Eu não teria ficado mais surpreso se fosse nomeado presidente dos Estados Unidos."

A nova Associação não foi realmente formada senão em 1870, mas Haskell assumiu os deveres de sua liderança de maneira extraoficial. Ele parecia ser "o líder certo para um campo difícil como o Nordeste". Ele foi descrito como tendo "o rosto avermelhado e bondoso, cabelos bem penteados e barba grande". Haskell tinha apenas 37 anos quando se tornou presidente da Associação. O povo tinha grande confiança nele.

Por ser um homem sociável e extrovertido, dono de um sorriso fácil e cativante, ele fazia amigos facilmente. Estava sempre pronto a conversar com qualquer pessoa. Essa, provavelmente, foi a razão de seu bom sucesso na empresa de sabão. Ele era comunicativo e amistoso, e possuía um bom produto sobre o qual gostava de falar. Da mesma maneira, ele sempre estava pronto para falar de Jesus e de Seu amor por Seus filhos.

A Sociedade Missionária Vigilante

Quatro mulheres da igreja de South Lancaster sentiram-se tão apreensivas por seus filhos que se reuniram num grupo de oração. Outras se uniram a elas e começaram a se reunir uma vez por semana para orar e partilhar suas experiências. Isso as levou a escrever cartas de animação a outras mulheres. Elas também começaram a visitar seus vizinhos emprestando-lhes livros e impressos, orando com eles e por eles, e transmitindo-lhes a esperança do breve retorno de Cristo.

O principal objetivo de Stephen Haskell na vida era ganhar pessoas para Cristo, e ele via que essa organização poderia ser modelada como um projeto prático de conquista de pessoas. Com sua liderança e incentivo, o grupo foi organizado em 8 de junho de 1869, sob o nome

de Sociedade Missionária Vigilante. Os oficiais eram Roxie Rice, presidente; Mary H. Haskell, vice-presidente, Mary L. Priest, secretária e Rodha Wheeler, tesoureira.

O trabalho da sociedade cresceu muito e se tornou uma grande correspondência missionária, e uma vez que Maria Huntley se uniu ao grupo, as mulheres expandiram suas atividades para incluir correspondência com pessoas de outros países. Maria estudara francês a fim de se comunicar mais efetivamente com mulheres de fala francesa. Outra componente, Mary Martin, aprendeu a escrever bem em alemão para trocar cartas com pessoas que falavam esse idioma.

Desse modesto começo, ao longo do tempo e em várias fases, a Sociedade Missionária Vigilante desenvolveu-se no que hoje é o Adventist Book Center. Para informações mais detalhadas sobre esse assunto, consulte a *Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia.*

Escolas nas Costas Leste e Oeste

Stephen Haskell era um líder determinado e um bom organizador. Uma vez que tomasse uma decisão, agia rapidamente. Ella White Robinson, filha de W. C. White e neta de Tiago e Ellen White, chamou-o "um homem de ação". Em 1882, esse traço de caráter o levou a fundar uma escola denominacional em South Lancaster, Massachusetts, agora conhecida como Atlantic Union College.

Entre 1877 e 1878, Haskell trabalhou como presidente da Associação da Nova Inglaterra, e também como presidente da Associação da Califórnia, de 1879 a 1887. Em parte desse tempo ele também foi presidente da Associação do Maine. Seria uma redundância dizer que ele era um homem muito ocupado!

Enquanto isso, na Costa Oeste, na sessão da Associação da Califórnia de 1881, foram feitos planos para o estabelecimento de uma escola nessa região. W. C. White, filho de Ellen G. White, foi nomeado presidente de uma comissão para implementar os planos para a inauguração da escola, o mais breve possível. Como resultado, a Healdsburg Academy foi inaugurada em 11 de abril de 1882, com 26 alunos matriculados.

Parece ter havido algo como uma saudável competição entre W. C. White e S. N. Haskell para ver qual escola começaria primeiro: se na Costa Leste ou na Costa Oeste. A Costa Oeste ganhou com uma semana de antecedência, quando a Healdsburg Academy abriu as portas na pequena cidade ao norte de São Francisco. Entretanto, visto

que Haskell era presidente tanto da Associação da Nova Inglaterra como da Associação da Califórnia, poderia ser dito que ambas as escolas eram "suas".

A nova escola de South Lancaster foi inaugurada na recém-reformada cocheira, que originalmente havia sido deslocada na propriedade de Haskell para servir como salão de reuniões. Agora ela era uma escola com 19 jovens alunos. Logo passou para 25 estudantes. Esse foi um dia especial para Stephen Haskell e a Associação da Nova Inglaterra, bem como para Goodloe Harper Bell, o professor da nova escola.

Natal e Ano-Novo com os Estudantes

Em pelo menos uma ocasião, o pastor Haskell conseguiu passar a véspera de Natal com os estudantes. Depois de Haskell lhes falar sobre o significado do Natal, os professores o surpreenderam com presentes enviados da casa dos estudantes e que haviam sido cuidadosamente dispostos ao redor da árvore de Natal. Esses solícitos professores haviam gasto seu tempo e energia para escrever aos pais dos alunos, sugerindo que enviassem presentes para seus filhos e também algumas coisas de que mais pudessem necessitar.

Quando os estudantes abriram seus presentes, houve muitos "ohs" e "ahs", seguidos por "justamente o que eu precisava!" O projeto foi um grande sucesso.

Na semana seguinte, na véspera do Ano-Novo, os estudantes tiveram uma surpresa da parte do pastor Haskell. Eles haviam levantado fundos para as missões estrangeiras e pendurado o dinheiro na mesma árvore de Natal. As doações chegaram a 400 dólares e uma grande parte delas foi enviada para a Austrália, um campo missionário no qual Haskell estava especialmente interessado.

Espalhando a Mensagem na Austrália

Mais de 10 anos antes, Stephen Haskell havia ouvido Ellen White relatar sua visão de impressoras funcionando, e falando da Austrália como o lugar no qual ela as havia visto. Esse acontecimento despertou nele o desejo de iniciar a obra de Deus naquele país. Em 1885, ele se pôs a caminho da Austrália com vários outros missionários.

Chegando a Sydney, os pastores Haskell e M. C. Israel, um evangelista, ficaram ali para averiguar os possíveis meios para seu trabalho, enquanto o restante do grupo foi para Melbourne.

Os dois pastores fizeram uma de suas primeiras paradas na biblioteca pública. Encontraram no catálogo da biblioteca 13 livros adventistas do sétimo dia. Indo depois para a Sailor's Home, acharam não apenas uma pequena biblioteca, mas seis folhetos muito manuseados, cada um deles trazendo impresso: "Da Sociedade Missionária e Internacional de Tratados; Sala de Leitura Gratuita, 21 Boylston Place, Boston, Massachussetts." Os pastores disseram que isso foi como encontrar velhos amigos.

Muito impressionado com a beleza e a fertilidade do país, Haskell observou que o povo era intensamente interessado em acompanhar o resto do mundo. Considerando os fatos, Haskell achou que já era o tempo de estabelecer um trabalho evangelístico na Austrália. O pequeno grupo de missionários estabeleceu-se em Melbourne, Victoria.

Haskell achou que deveria fazer uma breve viagem até a Nova Zelândia para ver como iam as coisas, e observar a possibilidade de promover ali algumas reuniões evangelísticas. Ele tinha em mãos uma carta de apresentação do cônsul americano em Melbourne para o cônsul americano de Auckland, que facilitaria as coisas para ele.

No navio para a Nova Zelândia, o capitão disse ao pastor Haskell que ele poderia achar um quarto para alugar na pensão de Edward Hare. Depois de chegar ao endereço fornecido, Haskell verificou que o Sr. Hare tinha realmente um quarto para alugar, e o pregador missionário logo se acomodou com seus livros e sua constante companheira de viagem – a máquina de escrever. Ele já estava pronto para trabalhar. Mas como? Aquela era uma cidade com pessoas de muitas nacionalidades e culturas. Haskell precisava claramente fazer pedidos a Deus.

Stephen Haskell tinha formado o hábito de falar alto enquanto conversava com seu Pai celestial, e foi isso exatamente o que ele fez no dia em que se mudou para a casa de Edward Hare. Ele estava tão concentrado em sua conversa com o Senhor que não se deu conta de como sua voz se elevava. O homem que ocupava o quarto encostado ao seu o ouviu. Ele achou que alguma coisa terrível estava acontecendo, e desceu as escadas gritando: "Sr. Hare! Sr. Hare! O novo hóspede do quarto ao lado do meu é doido. Ele fica falando sozinho. O senhor tem que se livrar dele ou eu vou embora!"

O Sr. Hare afobadamente subiu as escadas para descobrir o que estava acontecendo. Ele escutou atrás da porta e ficou muito feliz em ouvir:

"Querido Senhor, ele é um bom homem. Já crê em Tua breve volta. Ajuda-me a apresentar-lhe o sábado para que ele o aceite também."

Edward Hare desceu novamente as escadas e falou com sua esposa: "Lizzie, esse homem não é louco! Ele está orando, orando por mim!"

Os Hare e Stephen logo se tornaram bons amigos, com Stephen partilhando as boas-novas da segunda vinda de Jesus e do sábado com eles. O assunto se espalhou para o restante da família Hare, e os estudos bíblicos começaram. Não demorou muito para que Joseph Hare, o pai daquele grande clã, tomasse sua decisão. "Pastor Haskell, pela graça de Deus, no próximo sábado vou fazer o que eu pensava estar fazendo durante toda a minha vida. Vou guardar o sábado do Deus santo." Cada um dos demais membros da família disse que faria o mesmo.

Edward Hare, o senhorio de Stephen Haskell, foi provavelmente a primeira pessoa na Nova Zelândia a aceitar a fé adventista do sétimo dia. Ele viveu até os 101 anos de idade. Foi nessa família adventista pioneira que nasceu Eric B. Hare, em 1894. Ele foi um escritor prolífico e um notável contador de histórias, bem como missionário, tendo influenciado milhares de vidas.

Stephen Haskell estava presente para receber o primeiro exemplar do *Bible Echo and Signs of the Times*, quando saiu da prensa em Melbourne. Ele também relatou o estabelecimento recente de uma igreja de 45 membros naquela cidade.

Logo após seu retorno à América, Haskell visitou novamente a família Hare. Depois de um batismo, eles participaram de uma Santa Ceia na casa dos Hare, tomando então as medidas necessárias para a organização de uma igreja. Foram feitos arranjos para reuniões regulares de Escola Sabatina. Essa família havia se tornado muito querida para ele, e foi com relutância que lhes disse adeus.

No dia 7 de maio de 1886, Stephen voltou a South Lancaster, onde Mary o estava esperando. Eles haviam estado separados por 13 meses e sete dias. Naturalmente, ela estava feliz em lhe dar as boas-vindas.

A Morte de Mary

Em todas as viagens de Stephen pelos Estados Unidos e pelo mundo, Mary How Haskell estava disposta e feliz em permanecer em casa e esperar por seu retorno. Ela fez sua parte em apoiá-lo naquilo que Deus o chamasse a fazer. Ela se importava com ele tão ternamente

quanto ele se importava com ela. Quando surgia uma necessidade, o Senhor enviava a mulher certa para estar com Mary quando o marido recebia um chamado de fora.

Mary era uma cristã comprometida. Ela suportou suas dores físicas com paciência e sempre tinha palavras de ânimo para as pessoas. Ela e Stephen foram casados por cerca de 40 anos. Eles finalmente se mudaram para a Califórnia, onde Mary faleceu aos 81 anos de idade. Escrevendo para Ellen White pouco tempo depois, Stephen confessou: "EU A AMAVA E ELA ME AMAVA." Seu texto, todo em maiúsculas, parecia indicar algo que ele queria deixar claro o tempo todo.

A Voz de Mary

Ligada à morte de Mary, o pastor Haskell teve uma perturbadora experiência. Certa noite, não muito depois do falecimento da esposa, ele se sentiu muito sozinho ao ir dormir. Deitou-se na cama recitando as promessas de Deus, enquanto tentava adormecer. Após um curto lapso de tempo, ele foi despertado por uma luz no quarto. Ao abrir os olhos, ele viu uma luz brilhante, mas indistinta, ao lado da cama. Então ouviu a voz de Mary falando-lhe do quanto o amava e como olharia por ele e o confortaria do lugar onde estava. Sua primeira reação foi estender a mão na direção da voz, mas uma voz interior lhe disse: *"Os mortos não sabem coisa alguma."* Instantaneamente ele se afastou da luz. A voz de Mary soou novamente, cheia de amor e nostalgia, pedindo-lhe para reconhecê-la.

Usando cada partícula de força de vontade e energia que possuía, ele disse: "Não! Eu nunca a conheci! Você não é a minha Mary. Você é um espírito maligno, enviado por Satanás para me enganar. Em nome do Senhor Jesus Cristo, ordeno-lhe que vá embora e não me perturbe mais."

Contando sua experiência, Haskell escreveu: "O espírito desapareceu. Mas, ao sair, por um breve momento a expressão gentil daquele rosto se transformou em raiva e confusão, a mais maligna que eu jamais havia visto no rosto de qualquer homem, ou na semelhança de alguma ilustração de demônios."

Stephen ficou confuso e aflito. Havia ele inadvertidamente feito algo errado que o teria deixado aberto a tal tentação? Mas ele logo se lembrou de um texto que havia lido muitas vezes no livro *Primeiros Escritos*, de Ellen White:

"Vi que os santos precisam alcançar completa compreensão da verdade presente, a qual serão obrigados a sustentar pelas Escrituras.

Precisam compreender o estado dos mortos, pois os espíritos de demônios lhes aparecerão, pretendendo ser amigos e parentes amados, os quais lhes declararão que o sábado foi mudado, bem como outras doutrinas não bíblicas. [...] O povo de Deus deve estar preparado para enfrentar esses espíritos com a verdade bíblica, segundo a qual, os mortos não sabem coisa nenhuma [...]."

Ele se reassegurou de que os maus espíritos podem e aparecerão ao povo de Deus, mas que não precisava temer que essa experiência fosse uma indicação do desagrado de Deus com ele. Tais coisas poderiam ser uma prova de fé no que foi revelado nas Escrituras. E assim ele louvou a Deus por Suas advertências contra o inimigo de toda a humanidade, e lhe agradeceu pelo conhecimento de que os mortos nunca trazem informação ou conforto aos vivos, pois "os mortos não sabem coisa nenhuma" (Eclesiastes 9:5)

Guiado Pelo Espírito

Viajando de trem para cumprir um itinerário de pregações na Geórgia, Haskell se sentiu impressionado a descer do trem numa estação aparentemente abandonada. Essa não era uma parada programada em seu itinerário. Seu secretário o acompanhava e ele explicou rapidamente ao jovem que alguém naquele lugar precisava de ajuda.

Eles desembarcaram e ficaram na plataforma da estação com sua bagagem empilhada ao seu lado. Sem ninguém à vista eles esperavam, e enquanto esperavam oravam silenciosamente.

Em alguns minutos apareceu uma carruagem. O condutor os saudou com uma pergunta: "Os cavalheiros estão esperando alguém?"

O pastor Haskell respondeu: "Não, senhor, não estamos. Mas talvez o senhor pudesse nos dizer se há algum adventista do sétimo dia vivendo próximo daqui."

"Sim", respondeu o homem. "Há uma família adventista cerca de dez quilômetros mais à frente. Eles mantêm uma escola próximo à sua casa. Eu ficaria feliz em levá-los até lá, se quiserem."

Sim, de fato eles ficariam muito agradecidos pela carona até a casa da família adventista.

Quando lá chegaram, o pastor Haskell se dirigiu até a porta da casa, enquanto o condutor e o secretário esperavam. Depois de bater várias vezes, ele ouviu uma voz débil dizendo-lhe para entrar.

Lá dentro ele viu uma mulher com suas duas filhas. As três estavam doentes e a mãe bastante desanimada. Imediatamente o pastor Haskell e seus companheiros começaram a fazer todo o possível para que elas se sentissem mais confortáveis. Eles acenderam o fogo e trouxeram bastante lenha e um bom suprimento de alimentos. Enquanto Haskell estava pondo as coisas em ordem, elas falaram de sua escola independente para a vizinhança. Depois de fazer tudo o que podiam para prover as necessidades daquela família, o pastor Haskell orou por elas. Ele pediu ao Senhor que as abençoasse e as fortalecesse para que pudessem reabrir sua escola.

Ao dar uma espiada pela janela, o pastor Haskell viu crianças brincando no pátio escolar, sem dúvida esperando que sua professora fosse à escola naquele dia.

"Irmã Hale", ele sugeriu bondosamente, "o que a senhora acha de eu mandar as crianças de volta para casa e pedir que voltem em duas semanas? Acho que a senhora estaria bem e em condições de ensinar então."

Ela concordou e tanto ela quanto as filhas se recuperaram rapidamente. No fim de duas semanas, reabriram a escola. Muitos anos mais tarde, a mãe disse que a visita do pastor Haskell renovou-lhes o ânimo e elas puderam manter sua escola funcionando por vários anos.

O que aconteceria se ele não houvesse seguido a impressão de descer do trem, por causa de alguém que necessitava de ajuda na cidade? De onde veio aquele homem da carruagem, o homem que sabia exatamente onde a mulher adventista vivia? Certamente um anjo do Senhor estivera guiando Stephen Haskell naquele dia.

Sempre pronto a atender qualquer chamado, Stephen Haskell viajou ao redor do mundo divulgando as três mensagens angélicas. Na verdade, ele visitou cada continente da Terra, exceto o continente Antártico e a América do Sul.

Detalhes

Quando Stephen tinha oito anos de idade, um palestrante sobre temperança chegou à cidade de Oakham, Massachussetts, onde ele morava. Uma de suas palestras foi proferida na escola dominical. Stephen queria assinar o compromisso, especialmente quando viu que suas duas irmãs e alguns colegas de escola haviam ido à frente. Mas ele tinha predileção por cidra doce. Ele pensava que se assinasse aquele pacto, não seria capaz de beber nunca mais cidra doce. Imaginou que coisa

terrível aconteceria se o pacto fosse rompido. Finalmente se levantou, criou coragem, e fez uma pergunta ao palestrante.

"Bem", disse o homem, "os nomes de todos aqueles que assinaram o pacto irão para Washington. Se o pacto for quebrado, o nome do faltoso será removido da lista."

O próprio pensamento de tal desgraça foi suficiente para fazê-lo pensar que, se assinasse o pacto, ele jamais poderia rompê-lo.

Então alguém perguntou se beber cidra doce seria uma violação do pacto.

"Oh, não!", o palestrante afirmou, "a cidra doce é o suco de maçãs podres e bichadas; não seria rompimento do pacto comer maçãs podres ou beber suco de vermes."

Stephen, mais do que depressa, tomou seu lugar à frente e assinou o pacto de temperança. Logo perdeu o gosto por cidra doce.

Ao assinar o pacto, ele entrou para o Exército da Água Fria. Sua fita de seda trazia estas palavras:

"Prometemos aqui ódio perpétuo a tudo quanto possa intoxicar."

***

Stephen Haskell tinha mais ou menos 12 anos quando se envolveu noutro interessante incidente. O professor havia advertido as crianças a não brincar no gelo quando saíssem para o lanche. Quem desobedecesse sofreria punição certa e terrível.

Não parecia haver qualquer razão para essa ordem do dia. O gelo estava firme, apresentando várias polegadas de espessura, por muitas semanas. Deveriam as crianças atender a essa ordem irracional? Finalmente, Stephen raciocinou.

"Olhem", disse, "ele não ousaria nos matar. Se ele nos der um castigo, não será por muito tempo. Se ele apenas gritar com a gente, isso não será nada."

Falar sobre pensamento lógico! Todos os garotos seguiriam aquela linha de pensamento e o assunto ficou decidido. Eles passaram um tempo maravilhoso deslizando no gelo ao meio-dia, e assumiriam qualquer punição que o professor achasse por bem aplicar. Parece difícil que eles não houvessem sido descobertos, mas Haskell não deu detalhes adicionais.

CAPÍTULO 11

Hetty Hurd:

Uma Mulher Necessária

Uma mulher competente e independente em dias em que a maioria das mulheres dificilmente ousaria pensar livremente, Hetty Hurd foi muito longe para comprar seu próprio cavalo e carroça. Ela não gostava de depender de ninguém mais para levá-la à escola ou aonde quer que desejasse ir. Hetty era uma mulher emancipada e autoconfiante, muito tempo antes disso se tornar uma norma aceita. As pessoas de seu distrito escolar ficavam tão satisfeitas com seu talento e métodos eficazes de ensino que lhe ofereceram um contrato permanente, algo quase incomum naquele tempo.

Nascida em 1857, Hetty converteu-se na infância, com a idade de oito anos. Mas quando seu pai morreu, cinco anos depois, ela perdeu o interesse em religião. Hetty voltou sua atenção para a educação, tornando-se uma bem-sucedida professora distrital em Lemoore, Califórnia. Seu salário de 75 dólares ao mês era bem mais do que se tinha notícia naquele tempo; a maioria dos homens não recebia um salário como aquele pago a uma mulher.

Em 1884, a irmã de Hetty, a Sra. Emma Gray, e seu marido convidaram-na para ir à reunião campal de Oakland com eles. Ela aceitou porque gostava de estar ao ar livre e de acampar. Ficou entendido que ela não precisaria assistir às reuniões. Os Gray estavam felizes em tê-la com eles sob quaisquer condições.

Num dos primeiros dias de estada ali, aconteceu de Hetty estar passando ao lado do pavilhão e ouvir uma música vinda de dentro. Gostou tanto dela que deixou sua caminhada no bosque para depois, e ficou ali para ouvi-la. Finalmente a música a fez entrar e assentar-se próxima à entrada. Nesse momento, o orador deu início ao sermão. Hetty ficou entretida com os procedimentos. Apesar de tudo, ficou

interessada no que ele estava dizendo. Nos dias que se seguiram, ela ouviu não apenas belas músicas, mas sermões sobre profecia e também verdades bíblicas. No dia em que um dos pastores falou sobre as belezas da Nova Terra e do eterno amor de Deus, Hetty disse para si mesma: "Eu estarei lá!"

Ela gostou muito da classe de estudos bíblicos, aceitou as verdades que ouviu e tornou-se membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia – muito envolvimento para alguém que havia ido à reunião campal com a intenção de desfrutar apenas do acampamento! Mas Deus opera por meios misteriosos e Sua mão foi muito evidente na experiência de Hetty Hurd.

Depois da reunião campal, John N. Loughborough e William Ings promoveram uma breve reunião para animar os novos membros. Esses foram convidados a entrar em "clubes" de assinaturas da *Signs of the Times*, para enviá-la a seus amigos ou a pessoas cujos nomes eram fornecidos pelos pastores. Hetty queria fazer sua parte em espalhar o evangelho a outros, assim ela organizou um clube de dez assinaturas para enviá-las via correio.

À medida que a breve reunião prosseguia, o pastor Loughborough não pôde deixar de notar Hetty. Ele viu que ela estava profundamente comovida. Seu rosto enrubescia e então se tornava pálido. Ela estava agarrada com força à parte traseira do assento à sua frente. Era óbvio que ela estava com algum tipo de batalha mental ou luta emocional. Afinal, Hetty se levantou e falou com voz tão sincera e cheia de emoção que arrancou lágrimas dos que a ouviram dizer: "Irmãos e irmãs, Deus me quer." Então se assentou sem qualquer outra explicação.

Depois da reunião, os pregadores convidados foram jantar com os Gray e a Srta. Hurd. Enquanto sua irmã dava os toques finais na refeição, Hetty conversava com o pastor Ings. Ela lhe disse que seu coração encheu-se com o amor de Deus, e que ela queria ajudar Seus filhos de toda maneira possível. Hetty juntou todos os seus valores – relógio de ouro, anéis, correntinhas e outras joias – e colocou nas mãos do pastor.

"Obrigado, irmã Hetty. Isto é para pagar as assinaturas que você pediu?"

"Não", ela respondeu. "Oh, não! Essa é uma contribuição para a sociedade missionária. Quero que o senhor venda essas coisas e use o

dinheiro do jeito que for possível, para ajudar mais pessoas a conhecer Cristo e Seu grande amor por Seus filhos."

Hetty Hurd deu um passo gigantesco na vida cristã. Apenas umas poucas semanas antes ela havia concordado em ir a um acampamento com sua irmã e cunhado. Mas Deus estava operando poderosamente em seu favor e dentro de um curto espaço de tempo ela, de bom grado, experimentou a guia divina em sua vida, uma vida que estava prestes a mudar dramaticamente.

No ano seguinte, ela abandonou sua lucrativa posição de professora e deu início a 34 anos de serviço para a Igreja. Hetty se matriculou numa das primeiras escolas adventistas do sétimo dia para instrutores bíblicos que funcionava em São Francisco. Especializou-se em ensinar moças a dar estudos bíblicos. Com suas extraordinárias habilidades de ensino, dava estudos bíblicos com naturalidade e ensinava outros a exercer eficazmente seu ministério.

Além disso, não demorou muito para que ela construísse uma reputação de excelente oradora. Ela foi chamada para treinar servidores na Inglaterra, África e na Austrália.

CAPÍTULO 12

Stephen e Hetty Hurd Haskell:
Unindo as Vidas na Obra de Deus

Stephen Haskell encontrou Hetty Hurd pela primeira vez em Londres, onde ela estava ensinando jovens mulheres a dar estudos bíblicos. Então, quando se tornou necessário que uma professora dedicada fosse treinar servidores bíblicos na África, ela foi a única a ser chamada. Como fez quando era jovem na Califórnia, Hetty conduzia sua parelha de cavalos aonde fosse necessário. Isso requereu alguns ajustes no pensamento do povo africano com quem ela trabalhava, pois lhes parecia estranho que uma mulher conduzisse seus próprios cavalos e fosse a qualquer lugar que quisesse.

Foi na África que o pastor Haskell reencontrou a Srta. Hurd. À medida que se familiarizavam mais um com o outro, eles descobriram que se amavam muito e que seus interesses mesclavam-se muito bem. Stephen estava com 61 anos e era viúvo. Hetty, com 37 anos, nunca havia se casado. Seus objetivos na vida eram os mesmos: proclamar as três mensagens angélicas a todo o mundo. Além disso, gostavam de desfrutar a companhia um do outro.

Os dois fizeram planos para se casar quando voltassem para a Austrália. Nesse meio-tempo, cada um deles tinha um trabalho a ser completado na África. Passou-se mais de um ano antes que respondessem ao chamado de Ellen White para vir e ensinar no recém-inaugurado colégio de Cooranbong. O pastor Haskell foi primeiro, pois seu trabalho na África havia terminado. Um pouco mais tarde, Hetty comprou uma passagem num navio diferente.

Com sua viagem quase completada, Hetty ficou retida de quarentena em Melbourne por três longas semanas, por causa da suspeita de varíola a bordo do navio. Enquanto esperava em Sydney, Stephen atendeu a compromissos, realizou encontros evangelísticos e fez arranjos para o seu casamento. Quando, afinal, o navio de Hetty chegou a

Sydney, Stephen a estava esperando ansiosamente no cais. O casamento foi realizado em fevereiro de 1897.

A.F.C.

Nesse ínterim, o Senhor havia mostrado a Ellen White que estava enviando os Haskell para ajudar no novo trabalho na Austrália. Uma das mais urgentes tarefas era deixar o colégio pronto para a inauguração na data marcada. As pessoas da comunidade se ofereceram voluntariamente para ajudar nas etapas finais, e Hetty e Stephen chegaram a tempo de fazer parte desse esforço. Hetty e Sara McEnterfer, a secretária da Sra. White, eram vistas ajoelhadas brandindo martelos e ajustando rapidamente as tábuas do piso. Com a bênção do Senhor e a ajuda de muitas mãos voluntárias, a escola foi inaugurada na data certa.

A Sra. White disse muitas vezes que o pastor e a Sra. Haskell ocupavam lugares importantes na escola, e que eles tinham um completo tesouro de conhecimento para passar aos estudantes. A Sra. White considerava a Sra. Haskell uma mulher de rara capacidade. Ela não tinha receio de pôr a mão em qualquer tipo de trabalho. Polida em seu trato com os outros, Hetty nunca deu ordens a eles, mas trabalhava em parceria com eles em qualquer trabalho que fosse necessário fazer. Era firme em seus princípios, mas uma diplomata no mais alto sentido da palavra, ensinando pelo exemplo o amor a Jesus.

Mais Viagens

Stephen e Hetty voltaram à América em 1899, onde se ocuparam assistindo a reuniões campais, realizando institutos bíblicos e publicando sua revista, a *Bible Training School*. Essa publicação foi de grande ajuda na educação de servidores para Deus.

Por algum tempo eles trabalharam na cidade de Nova York, promovendo o trabalho missionário. Seu trabalho era uma missão pesada, da qual eles gostavam. Em certa ocasião, o proprietário de uma casa funerária se tornou tão interessado nos estudos bíblicos – após uma conversa com Haskell – que ofereceu a capela da funerária para os estudos noturnos de quarta-feira.

Agora, se você acha que a capela de uma funerária não era lugar para estudos bíblicos, esteja certo de que o pastor Haskell fez uma

vistoria no local e descobriu que ela não apresentava nenhuma atmosfera fúnebre e de morte. Ele ficou feliz em aceitar a oferta e as aulas tiveram início. Ele próprio vendeu ao proprietário vários livros, para que ele pudesse estudá-los por si próprio, sem ter de esperar pela reunião semanal.

Haskell pensava continuamente em novos meios de ajudar as pessoas a aprender de Jesus. Quando ele via jovens que pareciam não ter nenhum propósito na vida, dizia: "Venham e trabalhem na vinha do Senhor." E a próxima coisa que souberam era que deveriam sair e vender literatura para financiar o envio de publicações e folhetos aos outros, ou mesmo financiar sua própria educação ou a de outras pessoas.

O Movimento da Carne Santa

Você já deve ter lido em *Mensagens Escolhidas*, volume 2, páginas 31 a 39, sobre a doutrina da carne santa, que teve seu início em Indiana. Aparentemente, foi S. S. Davis, um evangelista da Associação, que cultivou esses estranhos ensinos; e foi apenas uma questão de tempo para que o presidente da Associação, R. S. Donnell, aceitasse a doutrina. Quase todos os servidores da Associação o acompanharam. A doutrina era estranha (sem qualquer base bíblica), os ensinos esdrúxulos e os resultados terríveis.

O pastor Haskell descreveu sua teologia:

"Eles creem que Cristo assumiu a natureza de Adão antes da queda. Assim, Ele tornou santa a humanidade, como era no Jardim do Éden. E essa foi a humanidade que Cristo teve. E mais, dizem eles, chegou o tempo de nos tornarmos santos no mesmo sentido e então teremos a 'fé da translação' e nunca morreremos."

Foi a "extraordinária capacidade de Hetty de aconselhar no amor de Cristo" que despontou na reunião campal de Indiana, em 1900. Os Haskell foram solicitados a lá comparecerem como representantes da Associação Geral e a avaliarem a situação. O pastor Haskell havia enfrentado esse tipo de fanatismo no início de seu trabalho, mas, para a Sra. Haskell, ele era totalmente novo. Ambos ficaram horrorizados com o que viram. A Sra. Haskell escreveu a Sara McEnterfer, secretária de Ellen White:

"Observamos ali um grande tambor, dois tamborins, um contrabaixo, dois violinos, uma flauta e dois cornetins, um órgão e algumas vozes. Eles usam o *Garden of Spices* como hinário e executam melodias

dançantes com letra sacra. Eles nunca usam nosso hinário. É somente quando os pastores [A. J.] Breed ou Haskell falam que eles iniciam e concluem o serviço com um cântico de nosso hinário. Mas todos os outros cânticos são de outro hinário. Eles gritam 'amém', 'louvai ao Senhor' e 'glória a Deus'. [...] Isso é aflitivo para uma pessoa. O tempo restante é gasto com a pregação de suas doutrinas. As pobres ovelhas estão verdadeiramente confusas."

No princípio, o pastor Haskell e também sua esposa tiveram oportunidade de falar nas reuniões. Afinal de contas, eles eram representantes da Associação Geral. Mas, depois que a Sra. Haskell falou três ou quatro vezes, não foi mais convidada a pregar. Os líderes da Associação perceberam facilmente que as pessoas estavam ouvindo com muita atenção as verdades que ela ensinava, por meio de seu modo sábio e compassivo. Porém, não mais disposto a ter os Haskell e o pastor Breed falando nas reuniões públicas, Donnell advertiu os servidores a evitá-los, pois eles não tinham "essa experiência" da carne santa.

O pastor Haskell e sua esposa trabalharam pelas "pobres ovelhas", como Hetty os chamava, tentando ajudá-los a compreender o que estava acontecendo. Aquela doutrina era uma mistura estranha de verdade, erro, excitação e barulho. As pessoas estavam assustadas e confusas. Uma senhora recém-convertida à Igreja Adventista contou à Sra. Haskell: "Você pode dizer pelo som se um sino está quebrado ou não. Muito da pregação soa quebrado; mas quando vocês da Associação Geral falam, ela soa firme."

Naquelas reuniões, a situação era frenética e tumultuosa, com muito barulho e bagunça. O barulho e a música alta contribuíam para a "experiência do Jardim", através da qual eles buscavam a "carne santa". Muitas pessoas a seguiam cegamente, enquanto outras estavam totalmente aborrecidas com tudo aquilo.

O pastor Haskell disse que as pessoas daquela Associação não eram muito motiváveis, a menos que algum tipo de pressão fosse exercida sobre elas. De acordo com ele, o movimento da carne santa tinha grande poder de atrair quase todos para seus objetivos. Quando os músicos realmente começavam a tocar, aquilo era algo que chamava a atenção. Haskell escreveu: "Nenhum som de canto podia ser ouvido na congregação, exceto o grito daqueles que eram meio malucos. Não acho que exagero na descrição dessas reuniões. [...] Isso é suficiente para converter qualquer um a qualquer coisa!"

Os detalhes das cartas de Haskell deram um quadro detalhado do que estava acontecendo em Indiana, e é compreensível que houvesse tanta preocupação a respeito. Uma mulher foi internada num asilo de loucos, e Haskell foi chamado para ver outra mulher no acampamento que estava à beira da loucura. Parece que as pessoas eram, de fato, dirigidas por um espírito, mas esse não era o Espírito de Deus!

Os Haskell ajudaram muitas "pobres ovelhas". Na sessão da Associação Geral de 1901, Ellen White repreendeu os líderes do movimento da carne santa. Suas palavras foram claras e incisivas. Esse foi um "poderoso testemunho" e abriu os olhos tanto dos líderes como dos leigos para o verdadeiro caráter do movimento. Confissões sinceras foram feitas. Toda a direção da Associação de Indiana demitiu-se porque estava muito envergonhada de suas ações. O Boletim da Associação Geral de 1901 traz uma declaração de R. S. Donnell, que confessou seu erro na defesa da doutrina da carne santa.

Foram feitas mudanças necessárias em muitos cargos de liderança, e a doutrina da carne santa em Indiana e outros lugares logo se enfraqueceu e desapareceu.

O exacerbado fanatismo do movimento da carne santa envolveu muitas pessoas descuidadas. Sem "trabalho duro", como Ellen White o descrevia, haveria muitas "pobres ovelhas" mais enganadas e desviadas. Mas os Haskell eram as pessoas certas, no lugar certo e no tempo certo, e conseguiram confrontar aquela mensagem. Mais tarde, com o testemunho direto da mensageira do Senhor, a crise foi posta sob controle e o engano desfeito rapidamente. Satanás estava fazendo seus melhores esforços para criar confusão e conseguir que pessoas se perdessem. Mas o *Espírito Santo* Se interpôs e o movimento da *carne santa* desapareceu.

A Missão na Cidade de Nova York

Em 1901, os oficiais da Igreja enviaram os Haskell para implantar seis institutos bíblicos em várias regiões do país. Mas o pastor Haskell estava exausto e ficou muito doente. Hetty também precisava de um descanso extra. Assim, eles passaram algum tempo na casa de sua amiga de longa data, a Sra. Bradford, e ali ambos recuperaram as forças e a saúde. Eles agora estavam prontos para o novo desafio – implantar uma nova missão, não na África, mas na cidade de Nova York.

Depois de quatro dias de busca, os Haskell encontraram um apartamento que julgaram ideal para seu trabalho. Era no sexto andar de um grande prédio de apartamentos, acima do ruído e do tráfego das ruas. E mais, havia tantos apartamentos naquele edifício e nos edifícios vizinhos que eles não precisaram ir muito longe para fazer contato com inúmeras pessoas que precisavam conhecer Jesus. Parecia ser o lugar ideal. Seu trabalho seria implantar um centro de treinamento evangelístico, bem como trabalhar com indivíduos dentre os milhões que viviam na cidade e não estavam filiados a qualquer igreja. A nova organização foi chamada de Escola de Treinamento Bíblico, e eles esperavam fazer na cidade uma missão autossustentável.

As manhãs na Escola de Treinamento Bíblico eram dedicadas ao estudo. O estudo bíblico matutino do pastor Haskell ia das 6h30 às 7h30, após o que eles tinham um desjejum. Entre 9h e 10h, a Sra. Haskell dirigia uma classe de instrutores bíblicos para pessoas experientes. Então, às 10h, era ministrada a classe de iniciantes. À tarde, os Haskell e seus alunos visitavam as pessoas da vizinhança. Parte da classe dos iniciantes estava aprendendo a arte de vender livros e folhetos, e Hetty Haskell dava-lhes instruções detalhadas. No início, alguns deles ficavam temerosos, mas logo ganhavam experiência e confiança. Uma jovem que nunca havia tido experiência em vender coisa alguma voltou uma tarde com as alegres novas de que vendera nove livros! Isso deu ânimo a todos.

Dentro de algumas semanas desde a inauguração da Missão de Nova York, outros três centros estavam funcionando. O trabalho da missão se expandia e explodia em Nova York com tantas inaugurações providenciais que ninguém duvidava de que o Senhor estava atuando no trabalho ali.

Foi ali que a Sra. Haskell recebeu numerosos pedidos para escrever sínteses de suas lições bíblicas. Ela decidiu imprimir as lições e enviá-las pelo correio. Desse modo, foi possível expandir ainda mais a Escola de Treinamento Bíblico. E assim o folheto da Escola de Treinamento Bíblico foi lançado com sucesso, em junho de 1902.

Cavalos Dançantes

Seus cavalos eram a alegria especial de Stephen Haskell. Durante sua estada em Nova York, ele se divertia voltando para South Lancaster, onde corria para o celeiro e batia na porta justamente para ouvir o

relincho de boas-vindas de seu cavalo favorito. A Sra. Haskell escreveu a Ellen White:

"Você sabe o quanto Haskell gosta de cavalos, e ele conseguiu um que julga ser uma joia, um belo cavalo baio escuro [...] que gosta de dançar um pouco; mas você também sabe que ele nunca gostaria de montar um cavalo que não dança de vez em quando. [...]

"O cavalo é muito inteligente, manso e carinhoso, e nós apenas tivemos que esperar um dia ou dois até que ele relinchasse cada vez que a porta do celeiro era batida. O pastor Haskell fez dele um animal de estimação, e tão rapidamente que o animal já conhecia seus passos antes de a primeira semana se haver passado. [...] Se eu não houvesse feito um pequeno espalhafato sobre Haskell montar cavalos perigosos, ele estaria domando potros a metade do tempo, e penso que ele é muito velho para esse tipo de trabalho. Ele gosta muito de cavalos que tenham uma boa dose de fogo."

Na Califórnia

Mudando-se para Loma Linda em 1905, Stephen e Hetty fizeram visitas evangelísticas de casa em casa. Seus anos na Califórnia foram cheios de muito trabalho. Em 1908, o pastor Haskell foi mais uma vez eleito presidente da Associação da Califórnia. O trabalho ali estava crescendo tão rapidamente que exigia um líder experiente. Haskell havia ocupado esse cargo anteriormente e todos sentiam que ele seria justamente o homem para aquele trabalho. Sob sua liderança, o trabalho prosperou rapidamente.

As Mulheres Chegam Para Salvar

O Colégio de Evangelistas Médicos se tornou uma realidade em 1909, e isso foi fundamental para que um hospital de treinamento fizesse parte dele. Mas como poderia ser financiado o custo de um hospital? Esse foi o desafio feito a uma comissão especial que se reuniu para considerar o problema. Os homens da comissão enfrentaram a questão de todos os jeitos. Não sem razão, muitos achavam que pedir muito dinheiro aos membros da igreja seria desanimador, pois era preciso grande volume de recursos. E, todavia, o apelo por dinheiro era absolutamente necessário. Sem dinheiro não haveria hospital. Sem um hospital de treinamento, eles acabariam por fechar a escola.

Alguns membros da comissão sentiam que deveriam avançar e confiar que Deus proveria os meios. Outros estavam seguros de que não deveriam incorrer em dívidas: "Precisamos levantar o dinheiro antes de gastá-lo." Parecia não haver solução. Os homens haviam percorrido cada caminho que julgavam possível e, agora, numa ensolarada manhã californiana, eles estavam silenciosos e pensativos.

Foi a essa altura que bateram à porta. Quatro mulheres estavam ali, perguntando se poderiam usar alguns minutos da comissão. Essas mulheres eram: Hetty Haskell; sua irmã viúva, Emma Gray; a Dra. Florence Keller, uma missionária que havia retornado da Nova Zelândia; e Josephine Gotzian, viúva de um rico fabricante de calçados e generoso supridor das necessidades missionárias.

Essas mulheres estavam bem cientes da premente necessidade de um hospital de treinamento para a escola de medicina, e deram uma sugestão: Que a tarefa de levantar recursos, estimados em mais de 60 mil dólares, fosse delegada às mulheres da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Elas expuseram brevemente os vários meios pelos quais julgavam poder levantar fundos.

Os membros da comissão estavam assentados em profundo silêncio. As quatro mulheres, sem mais discussão, agradeceram à comissão por sua consideração, viraram as costas e deixaram a sala. A porta se fechou após elas.

Os homens se entreolharam, mal sendo capazes de crer no que haviam visto e ouvido. Um por um eles se endireitaram nos assentos, balançando a cabeça e sorrindo. Essa visita inesperada deu novas forças e coragem a cada um deles. Na manhã seguinte, um plano radical para levantamento de fundos foi apresentado à comissão da associação, recomendando que o projeto não fosse suspenso, mas que prosseguisse.

A resposta do presidente da Associação Geral, A. G. Daniells, foi tanto sincera quanto corajosa. Ele disse: "Não dizemos 'parem!' Mas, 'prossigam', mantenham essa escola e a tornem um sucesso!"

As quatro solicitantes foram autorizadas a comandar as mulheres da igreja numa campanha de arrecadação de fundos. A presidente Hetty Haskell liderou todos os esforços. As mulheres adventistas do sétimo dia de toda parte se uniram e concentraram sua criatividade no sentido de conceber meios singulares de levantar dinheiro – 61 mil dólares ao todo. Em 1918, o hospital-escola recebeu o nome de White Memorial Hospital, assim denominado em memória de Ellen G. White.

O Fim de uma Era

Em 1915, os Haskell viviam em Nashville, Tennessee, e foi ali que receberam uma mensagem que temiam. Ellen G. White, a mensageira do Senhor, havia morrido e a cerimônia fúnebre seria realizada no dia 24 de julho no Tabernáculo de Battle Creek.

O pastor Haskell havia sido previamente solicitado a pregar o sermão fúnebre quando fosse o tempo. Ele aceitou de bom grado, pregando não com tristeza, mas com voz de esperança e triunfo. Ellen White havia sido fiel à obra que Deus lhe confiara e uma coroa estava esperando por ela. Ele encerrou com este lembrete: "Conquanto não mais vejamos nossa irmã neste mundo até o dia da ressurreição, que Deus nos ajude, caros amigos, a estarmos entre aqueles que a verão novamente no reino da glória."

Quando o pastor Haskell voltou do cemitério, sua mente se agitava com os pensamentos sobre o que o pastor Tiago e a Sra. White lhe haviam dito. Em sua ordenação, Tiago White lhe deu alguns conselhos paternais. Ele disse ao jovem pastor: "Irmão Haskell, sempre olhe para Deus de preferência que para o homem, em busca de diretrizes em seu trabalho."

Para Stephen, isso queria dizer que ele deveria seguir instruções vindas de Deus através de Seus mensageiros do passado e também através de Sua mensageira. Ele se esforçou em cumprir esse conselho. Haskell foi um profundo estudioso da Palavra de Deus e apreciava as cartas que recebia de Ellen White através dos anos. Ele realmente nunca soube quantas cartas ela lhe havia escrito, mas há quase 300 cópias existentes das cartas que Ellen White enviou a um ou a ambos os Haskell. Ele guardou cada uma delas. Haskell as lia, relia e as arquivava de tal maneira que pudesse encontrar rapidamente uma carta específica de que estivesse necessitando.

Alegrias Especiais

No domingo, 21 de abril de 1918, os Haskell tomaram parte em seu último e grande projeto: a inauguração do White Memorial Hospital, em Los Angeles. Foi o ponto alto de sua vida. O pastor Haskell apreciava eventos sociais, mas nem sempre dispunha de tempo para participar deles. Ele gostou muito do programa e da recepção no hospital.

Quanto aos eventos sociais, houve uma festa especial de aniversário que permaneceu em sua memória. Em 1913, alguns alunos da faculdade e também da South Lancaster Academy haviam planejado uma

surpresa para o seu aniversário de 80 anos, e fizeram tudo para mantê-la em segredo. Ele estava estudando calmamente em sua biblioteca doméstica, quando finalmente percebeu que havia um número incomum de estudantes em sua casa. Então ele ouviu gritos de "feliz aniversário" e cânticos soando através da velha casa.

Houve presentes, discursos e refrescos. Quando começava a se sentir quase subjugado por todo o carinho que lhe estavam dando naquela noite, Haskell viu uma grande cadeira de braços estofada de veludo vermelho, sendo passada através da janela: o presente de Hetty para ele. Aquilo foi o máximo! A despeito de sua determinação de não se emocionar, algumas lágrimas lhe escaparam dos olhos. Que memorável e maravilhosa festa de aniversário foi aquela!

O Tempo Passa

Ao ficar mais velho, o pastor Haskell lamentava por achar que havia realizado muito pouco. Hetty tentava animá-lo: "Stephen, quando era jovem você saía e pregava seus sermões. Agora você os escreve e as pessoas os distribuem por todo o mundo. Antes você alcançava centenas; agora seus livros alcançam milhares."

Ele se sentiu um pouco confortado com as palavras da esposa. Felizmente, Stephen não sabia que ele e sua esposa tinham apenas pouco tempo para trabalhar juntos por seu amado Salvador. Eles estavam em South Lancaster, em 1919, quando Hetty adoeceu. Poucas semanas mais tarde, ela faleceu no New England Sanitarium.

Stephen Haskell ficou sozinho novamente. Mary havia morrido havia muitos anos e fora sepultada na Califórnia. Então Deus o uniu a Hetty e por 22 anos trabalharam juntos na vinha do Senhor. Agora ela jazia num cemitério em Massachusetts.

Hetty Hurd Haskell foi uma missionária licenciada e conduziu muitas pessoas ao conhecimento de Jesus como seu Salvador. Ela preparou eficientemente incontáveis outras pessoas para fazer trabalho semelhante. De fato, justamente como havia dito quando entregou a vida ao Senhor, muitos anos antes, Deus precisava dela! E suas obras a seguem.

Os Dias Ficam Mais Curtos

Enquanto teve forças, Stephen Haskell participou de institutos bíblicos e reuniões campais, e continuou a escrever. Juntamente com

muitos outros pioneiros, ele recebeu honrarias na sessão da Associação Geral de 1922, em São Francisco. Não muito tempo depois, foi internado no Paradise Valley Sanitarium. Ali Haskell faleceu no dia 9 de outubro de 1922, com a idade de 89 anos.

Alguém perguntou certa vez ao pastor Haskell: "O senhor escolheria ser sepultado junto à Mary, na Califórnia, ou à Hetty, no Leste?"

Ele respondeu: "Apenas me coloquem ao lado de quem eu estiver mais próximo quando morrer."

Haskell jaz ao lado de Mary, no Cemitério Tulocai em Napa, Califórnia.

F. M. Wilcox, editor da *Review and Herald*, prestou este tributo a Stephen Haskell:

"O irmão Haskell era um homem amado por todos aqueles que faziam parte de seu círculo de conhecidos, e esse círculo não era pequeno de modo algum. Em realidade, ele envolvia a Terra toda, porque o irmão Haskell era conhecido por causa de seu trabalho não somente na América do Norte, mas [ao redor do mundo]. [...] A influência de sua vida piedosa perdurará até que o trabalho esteja terminado."

Sem nenhuma dúvida, suas obras o seguem.

Detalhes

Quando jovem, H. M. S. Richards (pai), o conhecido pregador radiofônico, conheceu o pastor Haskell muito bem. O pastor Richards mencionou que certa vez, numa reunião campal, estava necessitando de mais hinários para as séries evangelísticas que ele estava realizando. S. N. Haskell, então bem velhinho, estava no auditório. Ele se encontrou com o pastor Richards do lado externo da tenda após a reunião, tirou carteira do bolso e esvaziou todo o seu conteúdo nas mãos de Richards. Sete dólares. Isso não parece muito hoje, mas era o suficiente para comprar vários exemplares do *Christ in Song* para os encontros evangelísticos.

***

Haskell sempre foi estudioso da Bíblia. De fato, ele amava estudar sua Bíblia e tanto que não arriscava começar a lê-la enquanto esperava o trem, por temer ficar tão absorvido no estudo, perder a noção

do tempo e seu trem chegar e partir e ele ainda estar sentado na estação estudando a Bíblia. E isso aconteceu mais de uma vez!

***

A. W. Spalding, que o conheceu em seus últimos dias, descreve o pastor Haskell desta maneira: "Ele era um ianque típico. Haskell pode ter sido magro e abatido em sua juventude, mas quando eu o conheci, ele era forte, de movimentos lentos, ponderado, mas irresistível no falar. Ele usava palavras provincianas da Nova Inglaterra, tais como 'trenta' por trinta, e 'Lenkster' para Lancaster. Sua cabeça leonina era coberta por farta cabeleira, cuja cor original eu nunca descobri, mas no meu tempo era grisalha e depois branca. Ele tinha um nariz grande em forma de pá inclinada e uma barba escorrida."

Felizmente, as fotografias dão um aspecto mais agradável do que o descrito por Spalding!

***

D. E. Mansell, que foi editor de livros da Review and Herald, fala sobre "o haskell" inventado por S. N. Haskell: "Ele é um pequeno dispositivo para retirar as estacas das tendas. [...] Consiste numa alavanca sobre rodas, com uma corrente presa ao fim de um braço mais curto. Com a corrente enrolada em torno da estaca, e com o eixo atuando como ponto de apoio, o operador puxa para baixo a alavanca e rápida e facilmente retira a estaca do terreno." Haskell foi, aparentemente, um faz-tudo, bem como um pregador. Ao tempo do relato de Mansell, essa ferramenta ainda estava em uso. Um "haskell" original está em exposição no Founder's Hall, no Atlantic Union College.

CAPÍTULO 13

Marian Davis:

Uma Extraordinária Produtora de Livros

A professora de uma pequena escola do interior pôs de lado seus livros escolares e se tornou revisora da Review and Herald Publishing House, então localizada em Battle Creek, Michigan. Marian Davis amava as letras e tinha uma memória quase fotográfica. Possuindo as habilidades que Tiago e Ellen White precisavam ao prepararem seu material para publicação, eles a convidaram, em 1879, para se juntar a eles em seu trabalho. Sua rara capacidade de lembrar o que havia lido e onde havia lido supriu as necessidades do casal White. A Sra. White escreveu a seu filho Willie: "Marian é justamente o que precisamos. Ele é uma ajuda excelente!"

Assim teve início um relacionamento de trabalho de 25 anos entre Ellen White e Marian Davis.

É bom que se diga que o trabalho inicial era qualquer coisa, menos o que Marian esperava. Ela estava em Michigan e os White no Texas. Eles estavam dirigindo uma reunião campal e planejavam passar ali todo o inverno, então ir para o Colorado por algumas semanas. O plano de Ellen White era passar o inverno escrevendo, então ela pediu a Marian para se juntar ao grupo no Texas.

Pelo que se viu depois, não havia muito texto escrito. Outras tarefas urgentes surgiram e a Sra. White não conseguiu escrever senão um pouco. O período no Texas terminou com os White tomando um trem e viajando para o Colorado. Em lugar de trabalho literário, Marian (juntamente com a Sra. White) viu-se cozinhando, limpando, arrumando malas e viajando dias e mais dias. Eles enfrentaram tormentas, neve, chuva e inundações. Marian ficou desanimada. Não foi para isso que ela havia ido ao Texas!

Então Tiago White mudou seus planos e decidiu assistir à reunião campal em Emporia, Kansas. Após a reunião houve outra mudança

de planos e eles foram para uma reunião campal no Missouri. Sua viagem para o Colorado foi adiada e eles retornaram para casa em Battle Creek.

Terminadas as reuniões campais do período, a obra literária de Ellen White recomeçava. Finalmente Marian estava fazendo o que mais gostava. Que alegria para ela trabalhar diretamente com os escritos da Sra. White.

Enquanto isso, os planos de casamento de Ella, irmã de Marian, estavam se desenvolvendo. Ela ficou noiva de W. K. Kellogg, irmão do Dr. John Harvey Kellogg. Marian e seu irmão estavam felizes porque Ella iria se tornar esposa do futuro fundador do império Kellogg de cereais.

O Fim de uma Era

Certa manhã, no início do mês de agosto de 1881, apenas dois anos após Marian começar a trabalhar com Ellen White, ela se assentou em seu gabinete no prédio da Review and Herald, trabalhando num manuscrito da Sra. White. Porém, ela se sentia intranquila. Os White ainda não haviam chegado ao escritório. Finalmente, deixando sua mesa de trabalho e saindo, Marian encontrou um amigo na calçada.

– Você viu os White? – perguntou ela. E quase desmaiou com a resposta.

– Você não soube? Ambos ficaram doentes durante a noite e foram levados ao hospital.

Em estado de choque, Marian correu para o Sanatório de Battle Creek. A informação era verdadeira. Tanto o pastor quanto a Sra. White estavam gravemente enfermos, e o Dr. Kellogg tinha pouca esperança de que o pastor Tiago sobrevivesse. A despeito de todo o esforço feito, ele faleceu numa tarde de sábado, em 6 de agosto.

No sábado seguinte, Marian, juntamente com 2.500 pessoas, assistiram ao funeral no Tabernáculo de Battle Creek. Poucos dias depois, a Sra. White, em companhia de suas duas noras, Mary e Emma, foram para o Colorado, onde ela se recuperaria e faria planos para o futuro.

Agora que Tiago se fora, a Sra. White precisava de Marian mais do que nunca. Ela dependia da competência ortográfica e gramatical de Marian, para assegurar-se de que seus escritos fossem claros e convincentes. Quando a saúde da Sra. White se normalizou e ela conseguiu voltar a escrever, mandou chamar Marian para se unir a ela na Califórnia.

Trabalhando na Califórnia e na Europa

Na segunda metade de 1881, Marian Davis, Willie e Mary White começaram a trabalhar na monumental tarefa de atender a um voto tomado pela Associação Geral, em 1880. A tarefa era imprimir os *Testemunhos Para a Igreja* e também fazer algumas revisões e correções gramaticais. Essa foi uma das primeiras tarefas de Marian ao chegar à Califórnia.

Ela também reuniu outros materiais que precisavam de atenção, incluindo sermões, testemunhos e cartas que precisavam ser terminados. Depois de trabalhar o dia todo, à noite Marian lia cada item em voz alta para Ellen White. A Sra. White então acrescentava ou suprimia o que fosse necessário para completar o artigo ou carta.

Depois de corrigir essas partes, Marian e a Sra. White repassavam o material mais uma vez antes de enviá-lo para impressão ou, no caso de cartas, aos destinatários.

Marian sabia que os materiais com que lidava eram mensagens de Deus, e ela era cuidadosa em não mudar o significado ou pensamento dos escritos da Sra. White. De fato, os escritos eram tão preciosos para Marian que ela começou a colar cópias deles em cadernos de recortes que, com o passar dos anos, se tornaram uma grande coleção.

Em primeiro lugar na mente de Marian estava o texto básico sobre a vida de Cristo; assim, ela procurava declarações referentes ao assunto. Esse foi um projeto que em breve deveria se tornar realidade. Sem nenhum título definido para o futuro volume, elas simplesmente se referiam a ele como "a vida de Cristo". Foi nos seus cadernos de recortes que Marian pesquisou e reuniu algo mais à mão, quando o trabalho do livro finalmente começou.

Chegou o dia em que a comissão da Associação Geral pediu que Ellen White viajasse à Europa e partilhasse seus testemunhos com o povo de Deus de lá. Mas Marian ficou na Califórnia para acompanhar os prazos finais de impressão de certos livros e artigos. Ela se reuniu à Sra. White na Suíça, em 1886, e, embora auxiliando a Sra. White de muitas maneiras enquanto na Europa, seu objetivo principal era o livro *Patriarcas e Profetas*, ainda sem título a essa altura. Elas voltaram para os Estados Unidos no ano seguinte.

Austrália

Então, em 1891, a Associação Geral pediu à Sra. White para visitar a Austrália e, talvez, estabelecer um colégio lá. Embora ela não tivesse

qualquer luz especial de Deus para ir à Austrália, decidiu seguir seu costume de aceitar tais chamados, a menos que tivesse luz específica em contrário. Partindo de São Francisco no dia 12 de novembro de 1891, ela levou consigo seu filho, Willie C. White, e outras pessoas, incluindo Marian Davis.

Usando sua viagem à Europa como diretriz básica, o pequeno grupo esperava ficar dois anos na Austrália. Todavia, os dois anos se tornaram nove antes de retornarem aos Estados Unidos.

Enquanto a Sra. White se recuperava lentamente dos devastadores efeitos de um reumatismo incapacitante, ela começou a trabalhar com afinco sobre a vida de Cristo. Seus primeiros escritos da década de 1870 foram enriquecidos e ampliados com partes de seu trabalho que, ao longo dos anos, Marian havia preservado em seus cadernos de recortes.

Além dos artigos de Ellen White publicados que Marian havia guardado em seus cadernos de recortes, havia cópias de cartas e manuscritos. Aí é onde entrava em ação a fenomenal memória de Marian. Ela podia se lembrar de onde havia lido itens específicos nos escritos da Sra. White, e com frequência achar rapidamente qualquer item de que precisasse. Quando o encontrava, esse era justamente o ideal para ampliar o assunto.

Frequentemente ela empilhava as preciosas citações no chão, de acordo com o assunto. O assoalho de sua casa sempre estava coberto com essas pilhas de papéis, cada uma cuidadosamente colocada em sua categoria própria. Como Ellen White disse: "Marian põe toda a sua alma nesse trabalho." Posteriormente, a Sra. White afirmou: "Marian apanhava avidamente cada carta que eu escrevia para as pessoas, e as colocava em ordem para encontrar sentenças que poderia utilizar no 'Vida de Cristo'. Ela colecionava tudo o que se referia às lições de Cristo a Seus discípulos, de todas as fontes possíveis."

Compiladora de Livros

Chamando Marian de sua "compiladora de material para livros", a Sra. White a considerava uma auxiliar inestimável, colecionando e arranjando seus escritos para que eles pudessem fluir juntos continuamente.

"Ela é minha compiladora. [...] Como meus livros são feitos?", a Sra. White perguntava e então respondia à sua própria pergunta:

"Marian não reivindica reconhecimento. Ela faz seu trabalho desta maneira: reúne meus artigos que são publicados nos folhetos e os cola em livros em branco. Ela também possui uma cópia de todas as cartas

que escrevo. No preparo de um capítulo para um livro, Marian se lembra de que eu escrevi algo sobre um ponto específico, que pode tornar a matéria mais convincente. Ela começa a pesquisar e, se encontra algo e vê que isso tornará o capítulo mais claro, acrescenta-o.

"Os livros não são produções de Marian, mas minhas, escolhidas de todos os meus escritos. Marian tem um enorme campo do qual colher, e sua capacidade de dispor a matéria é de grande valor para mim. Isso me poupa de mexer com grande quantidade de matéria, trabalho que eu não teria tempo para fazer.

"Assim você pode entender que Marian é a mais preciosa ajuda para mim na publicação de meus livros."

"Em 1897, enquanto elas estavam trabalhando arduamente para finalizar o trabalho sobre a vida de Cristo, Marian Davis escreveu a W. C. White, dando-lhe um relatório de como o trabalho estava progredindo. Ela estava animada para ter escritos novos e 'vivos' que aumentariam em muito o interesse no livro. O escrito 'vivo' era matéria que Ellen White especificamente escrevera para preencher as lacunas, enquanto as páginas eram reunidas em forma de manuscrito. Marian também disse a Willie que não aceitaria mil dólares por todo o trabalho que elas realizaram nas semanas prévias. Ela compreendia o valor da simplicidade e concisão, e o prezava sobremaneira. Ela queria reduzir ao mínimo possível no livro a imperfeição humana, para que a inspiração divina brilhasse em cada palavra.

Marian apreciava profundamente o caráter sagrado de seu trabalho. Isso lhe era muito caro ao coração e ela falava com frequência do quanto amava o Senhor e apreciava o amor divino por ela, e quão grata estava por conceder-lhe um lugar em Sua obra, com Sua mensageira especial. Jesus lhe era mui precioso e ela não queria que nada prejudicasse o trabalho que passasse por suas mãos.

Em 1903, a Sra. White comentou: "Sou muito grata pela ajuda de Marian em produzir meus livros. Ela coleciona materiais de meus diários e cartas e de artigos publicados nas revistas. Aprecio muito sua fidelidade nesse trabalho. Ela tem estado comigo por 25 anos e tem enorme capacidade de classificar e agrupar meus escritos."

E o Vento Soprou

Marian era tão ocupada e absorvida em seu trabalho que algumas vezes se esquecia de comer. Num desses dias seu estômago reclamou,

e ela finalmente parou para comer uma maçã e uma grossa fatia de pão feito em casa. Então, precisando de um pouco de ar fresco e exercícios, decidiu sair para uma caminhada. Ao sair, viu que um forte vento estava soprando e assim não quis ficar muito tempo fora.

Voltando, ela ficou assustada ao ver que o vento havia entrado pela janela de seu quarto. Pior do que isso, a janela aberta do corredor havia formado uma forte corrente de ar. Suas valiosas pilhas de papéis foram sopradas para o corredor, para as escadas e – horror de todos os horrores – para a rua. Nenhuma pilha de papéis ficou intacta. Eles voaram para todos os lugares; alguns nunca foram recuperados.

Marian estava arrasada. Paralisada, ela se ajoelhou no meio das páginas e páginas de manuscritos, não podendo sequer pensar no que fazer em seguida.

"Ó, querido Deus, como o Senhor deixou isso acontecer? O Senhor sabe quão duro trabalhei em tudo isso."

Enquanto ela olhava ao redor em desespero, seus olhos pousaram sobre um dos documentos com os quais trabalhara apenas umas poucas horas antes. "Não se desanime; lance o seu cuidado sobre Deus e fique calma e animada. Inicie cada dia com fervorosa oração, não deixando de dar louvores e ações de graças."

"'Até aqui nos ajudou o Senhor.' 'Como os teus dias, durará a tua paz.' A provação não superará a força a nós concedida para suportá-la. Então, vamos fazer o nosso trabalho justamente onde o encontrarmos, crendo que no que quer que possa ocorrer, será concedida a nós força proporcional à tentação."

Depois de alguns minutos, ela obteve novamente o equilíbrio e se ocupou com o trabalho de reordenar e classificar os documentos. Realmente, algumas das páginas se foram, o vento as levou, e tiveram de ser reescritas. Foram várias semanas de muita perseverança para desfazer o dano daquele dia. Mas Marian se dedicou com afinco, entendendo o que se passara como outra tentativa de Satanás para impedir que o livro sobre a vida de Cristo fosse concluído.

O Trabalho Prossegue

Quando a Sra. White não estava viajando, ela e Marian revisavam juntas os capítulos. Quando a Sra. White estava fora, elas os conferiam via correio. De comum acordo elas verificaram que havia muito mais material do que poderia ser compreendido num só livro.

No final, Marian colecionou tamanha quantidade de escritos que três livros foram publicados em lugar de um. *O Desejado de Todas as Nações* foi o título final do livro sobre a vida de Cristo. O restante daquela coleção de materiais tornou-se *O Maior Discurso de Cristo*, publicado em 1896, e *Parábolas de Jesus*, publicado em 1900.

Conclusão do Trabalho

Enquanto o trabalho progredia, a velha e fiel máquina de escrever que havia escrito e reescrito os trabalhos da Sra. White para os novos livros, quebrou-se. Willie e o irmão Rousseau, diretor da nova escola de Avondale, tentaram consertá-la. Aparentemente conservada em uso pelo famoso arame de embalagem, ela já havia sido consertada muitas vezes. Naquela ocasião, não havia possibilidade de recompô-la. Não havia dinheiro para comprar uma nova, e a velha não tinha condições de ser consertada. Parecia que Satanás tinha ganho a batalha. Porém, havia uma coisa que eles podiam fazer.

Marian e a Sra. White se ajoelharam e colocaram o problema nas mãos dAquele que dirigia o trabalho. Elas louvaram o Senhor e agradeceram pelo que Ele iria fazer nessa situação emergencial.

No dia seguinte, chegou uma carta enviada por um dos amigos da Sra. White. Nela havia um cheque com importância mais que suficiente para comprar uma nova máquina de escrever! A carta havia sido postada muitas semanas antes e chegou exatamente no tempo em que era necessária.

Com a nova máquina de escrever, os capítulos finais do manuscrito sobre a vida de Cristo foram concluídos. As inestimáveis páginas foram cuidadosamente embaladas para embarque com destino à Pacific Press, do outro lado do mundo.

Novamente, Marian e a Sra. White se ajoelharam e pediram a Deus que exercesse Seu vigilante cuidado sobre o precioso pacote, ao ele cruzar o oceano rumo à casa publicadora.

Agora chegara o tempo de dar o título definitivo para o manuscrito conhecido como "A vida de Cristo". Cada uma das muitas sugestões foi considerada pela autora e a Pacific Press. A escolha final estava entre dois títulos: *O Desejado de Todas as Nações* e *O Desejado das Eras*, ambos baseados em Ageu 2:7, ARC: "[...] e virá o Desejado de todas as nações." A comissão de publicações escolheu *O Desejado de Todas as Nações*.

Que maravilhosa noite de sábado foi aquela em que os primeiros exemplares do novo livro foram enviados a Sunnyside, a morada da Sra. White na Austrália. O dia era 10 de dezembro de 1898, e a Sra. White e Marian ansiosamente abriram o pacote enviado pela Pacific Press. O sonho de longa data havia se tornado realidade, e agora elas estavam felicíssimas em ter o produto acabado em suas mãos.

O Fim de uma Era

Nove anos após ter viajado para a Austrália, Marian voltou para a América com a Sra. White e outros auxiliares. Não demorou muito para a Sra. White achar um lar muito especial provido por Deus para ela, próximo ao povoado de Sta. Helena, na Califórnia. Ela o chamou Elmshaven.

Tão logo se estabeleceram, Marian começou a compilar materiais dos escritos da Sra. White para os *Testemunhos*, volume 5. Sabendo justamente como organizar os escritos da Sra. White sobre um dado assunto, Marian era formidável em organizar os materiais e colocá-los na devida sequência.

A tarefa seguinte em sua lista de trabalhos era um manuscrito sobre saúde. Ironicamente, enquanto Marian trabalhava no *A Ciência do Bom Viver*, sua saúde começou a se debilitar. Ela estava sendo vítima de um resfriado atrás do outro. Marian ficou tão doente que lhe foi necessário estar sob os cuidados de enfermeiras 24 horas por dia. Mesmo após começar a melhorar, sua recuperação foi muito lenta. Decorreram meses antes que ela pudesse retornar ao trabalho. Por causa de debilidade pulmonar, ela estava sob risco de contrair tuberculose. A Sra. White insistiu para que ela não trabalhasse tanto, mas fizesse um pouco cada dia.

Pouco a pouco ela melhorou e começou a realizar alguns trabalhos, retornando gradualmente ao seu ritmo regular. Infelizmente, Marian logo retomou seu hábito de trabalhar longas horas quase sem descanso. Enquanto isso, a Sra. White estava atendendo a compromissos na Costa Leste. Uma de suas auxiliares escreveu-lhe contando que Marian estava indisposta, abatida e desanimada. Era incapaz de sair da cama. O trabalho havia diminuído até parar, e Marian se culpava pela falta de progresso. A Sra. White escreveu-lhe animando-a e insistindo novamente para que ela considerasse a recuperação da saúde como a mais alta prioridade.

Mas Marian havia caído em depressão. Ela se preocupava com os livros nos quais estava trabalhando; preocupava-se com as contas médicas; preocupava-se com os erros e pecados passados. Mais uma vez Ellen White escreveu para animá-la a tentar melhorar. As contas médicas seriam pagas; não havia nada com que se preocupar. Jesus a amava e cuidaria dela. Sendo informada de que Marian estava ficando mais fraca a cada dia, a Sra. White suspendeu seu trabalho no Leste e voltou para casa a fim de estar com ela. Ela pareceu reanimar-se um pouco quando a Sra. White voltou, mas não conseguia comer. Alguns dias mais tarde, no dia 25 de outubro de 1904, ela perdeu a consciência logo pela manhã e morreu no mesmo dia, sendo sepultada no dia seguinte no cemitério de Sta. Helena.

Quem Ocupará seu Lugar?

Por 25 anos Marian Davis colecionou e organizou os escritos de Ellen G. White. Ela foi uma extraordinária assistente para a mensageira do Senhor. Logo após a morte de Marian, a Sra. White ponderou: "Marian foi minha principal auxiliar em organizar as matérias para os meus livros. Ela sempre considerou os escritos como material sagrado posto em suas mãos, e frequentemente me contava do conforto e bênção que recebia ao fazer esse trabalho; que era sua saúde e vida realizá-lo. Ela sempre manuseou as matérias que lhe vinham às mãos, tendo-as como sagradas... Sentirei muito sua falta. Quem ocupará o seu lugar?"

A Sra. White despendeu onze anos mais escrevendo e preparando livros, mas nunca houve outra que pudesse ser chamada sua "compiladora de livros". Ninguém pôde substituir Marian Davis, cujo fiel serviço era "grandemente apreciado".

Suas obras realmente a seguem.

CAPÍTULO 14

Alma Baker McKibbin:

Autora dos "Livros com Cordões de Sapato"

"Você é burra! Sua burrinha!", gritou o professor com a tímida Alma Baker.

Sem dúvida alguma, o professor era tão impaciente e inconstante que Alma tinha medo dele, e tanto medo que sua mente parecia não funcionar quando ela estava na escola. Em casa, ela escrevia corretamente todas as palavras. Mas na escola, na maior parte do tempo, tudo saía errado. Então o professor a chamava de burra. Logo o apelido pegou e "burrinha" tornou-se o único nome pelo qual ele a chamava. As outras crianças contavam a seus pais que o professor chamava Alma de burra. Esses pais chegaram à conclusão de que Alma Baker era mentalmente retardada. Comentavam entre si com tristeza: "Oh, isso não é tão mau! A filha mais velha dos Baker não consegue aprender. Ela é burra!"

Alma nasceu em 1871, e tanto quanto podia se lembrar, seu pai lhe havia dito que um dia ela seria professora. Agora ela sabia que nada mais era do que uma burra. Ela não conseguia aprender nada. Nunca seria uma professora. Seus pais ficariam muito desapontados se soubessem que ela era burra. Assim, Alma nada contou em casa sobre suas dificuldades na escola.

Então, um dia, Alma não se sentiu bem. Não podia pensar rápido o suficiente para agradar o professor, que se enfureceu com ela: "Se você não soletrar essas palavras amanhã, vou fazer um chapéu de burro para você, e irá passar todo o dia no canto da sala. Todas as outras crianças dirão: 'Burra, burra, burra!'"

Mas aquela manhã na escola nunca chegou para Alma Baker. Quando estava indo para casa, surgiu uma febre muito alta. O médico disse que era pneumonia. Durante semanas ela ardeu em febre e delírio, murmurando: "burra, burra." Sua família queria saber por que ela repetia aquelas palavras.

Quando começou a se recuperar, Alma soube que tinha uma nova irmãzinha. Agora eram três garotinhas na família. Ela observou quanto tempo era dedicado aos cuidados do bebê e decidiu que se tornaria tão indispensável em cuidar do bebê que nunca mais seria mandada para a escola. Nunca mais veria o rosto do velho e malvado professor. Alma fez tudo o que podia para realizar seu plano, e sua mãe ficou muito grata pela ajuda.

Então, um dia, a mãe de Alma falou que ela logo poderia voltar para a escola. Ao ouvir isso, Alma irrompeu em lágrimas e contou a triste história. A mãe ficou tão angustiada que chorou. Sua avó ficou enfurecida. "Fiquei feliz que esse professor foi embora!", disse ela.

Embora? Embora? Isso era boa-nova para Alma. O velho professor havia sido mandado embora, e uma bela e gentil moça estava agora ensinando na escola. A família de Alma garantiu-lhe que essa professora seria boa para ela.

E assim ocorreu. A Srta. Gould era especial. Quando Alma voltou para a escola, a professora foi receber sua nova aluna à porta.

– Esta é a pequena Alma, que ficou muito doente? Estou feliz em vê-la e tê-la de volta à escola – disse.

A professora providenciou uma carteira para Alma, perguntando-lhe até onde ela conseguia ler na cartilha.

– Oh, eu não consigo ler – disse Alma. – Eu sou burra!

– Você não é burra, querida. De onde você tirou essa ideia?

Ouvindo que o Sr. Goff havia falado isso e que ele a fizera usar o chapéu de burro, a Srta. Gould bondosamente tranquilizou Alma:

– O Sr. Goff cometeu um erro – disse ela. – Você não é burra. Posso garantir-lhe por seus olhos. Eles são tão brilhantes como os de qualquer um nesta sala. Classe, os olhos de Alma não são tão brilhantes quanto os de vocês?

Alma ficou surpresa em ver cada mão erguida no ar; algumas crianças levantaram as duas mãos. A garotinha olhava para sua nova professora e pensava: "Ela não é uma professora. Ela é um anjo!" Alma aprendeu a ler rapidamente. Seu maior objetivo era agradar a Srta Gould, mas ela não tinha noção de que poderia ler sem a professora do seu lado.

Os avós de Alma eram observadores do domingo e, num domingo, quando o avô voltou da igreja para casa, levou para ela uma lição da escola dominical. Ela deu uma examinada no livreto e notou um pequeno poema impresso abaixo de uma pintura de Jesus. Alma gostava

de poesia. A mãe frequentemente lia poesias para ela. E quando fixou sua atenção nas palavras, percebeu que elas tinham significado. Antes de se dar conta, ela havia lido o primeiro verso.

Alma podia ler tudo sozinha! Ela leu cada palavra do livreto. Ela podia realmente ler! Rapidamente procurou outros impressos para ler. Quando tinha lido tudo o que havia na casa, correu para a cozinha e alegremente contou à mãe que podia ler tudo. A mãe ficou muito alegre. Em realidade, ambas ficaram muito alegres.

Um novo mundo se abriu para ela quando Alma compreendeu que podia ler. Sua mãe assinou todas as publicações adventistas daquele tempo, e Alma lia cada palavra de todos os impressos que chegavam em casa – a *Review*, o *Youth's Instructor*, a *Good Health* e outros periódicos. Foi nessas publicações que ela conheceu os nomes dos pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ela lia com maior cuidado os artigos de Ellen White.

As Lembranças Mais Felizes

A família Baker recebeu a mensagem adventista através do pastor J. N. Loughborough, enquanto visitavam parentes na Califórnia, mas apenas a Sra. Baker aceitou os ensinos. Nessa época, Alma tinha apenas seis meses de idade e, à medida que crescia, a Sra. Baker ensinava cuidadosamente à filha tudo o que havia aprendido. Em razão do escasso tempo de sua visita aos parentes, a Sra. Baker não foi batizada, mas ela cria sem reservas na mensagem. O Sr. Baker não estava de acordo com sua esposa nessa questão.

As lembranças mais felizes de Alma na infância foram os momentos em que ela podia passar tempo a sós com a mãe. Enquanto ela ficava sentada num banquinho, a mãe lia histórias da Bíblia e lhe ensinava os Dez Mandamentos. Elas guardavam fielmente o sábado. Alma estava com 15 anos de idade quando viu pela primeira vez outro observador do sábado.

Desde que era muito pequena, o pai de Alma lhe falava que ela seria professora e que precisava ir à escola. Ela não tinha qualquer ideia do que era uma escola, exceto que era um lugar onde alguém aprendia a ler e a escrever. Eles viviam numa fazenda e as únicas crianças que ela conhecia eram sua irmã e primos. Sua primeira experiência escolar findou quando ela caiu de um balanço, que havia sido empurrado fortemente. A longa recuperação da queda foi seguida de um grave

caso de coqueluche. Nessa ocasião, quando Alma se sentiu bem novamente, a escola foi fechada. Então a família se mudou para o Colorado, onde o incidente da "burrinha" ocorreu.

Sardas

Veio o tempo em que Alma terminou os cursos disponíveis naquela pequena escola do interior. Parecia que sua educação havia chegado ao fim. Mas, quando estava com 12 anos, foi preciso que seus avós deixassem a fazenda e fossem morar na cidade. Indo viver com eles, ela poderia continuar seus estudos. Alma ficou feliz com a nova escola. Os professores estimulavam os estudantes a fazer perguntas e aprender tudo o que podiam.

Havia apenas um probleminha: seus colegas de aula não hesitavam em deixá-la entender que definitivamente ela estava fora de estilo tanto no vestir como no penteado. As franjas eram a moda do momento e todo mundo as usava. Todas, exceto o rostinho sardento de Alma Baker (por certo a chamavam de "sardenta"). Ela aceitou a gozação com um sorriso, mas seus sentimentos haviam sido feridos. Ela não gostava de ser baixinha, gordinha e sardenta. Ela queria se ajustar para ser aceita.

Alma deve ter tido muitas sardas, porque um dia um vizinho a chamou até a cerca branca e deu-lhe um frasco da loção Lily White. Ele havia visto um anúncio numa revista e comprou a loção para Alma. A propaganda dizia que, depois de três aplicações apenas, as detestáveis sardas desapareceriam para sempre!

"Aplique-a em seu rosto à noite, durante três noites", ele lhe disse. "Essas manchas todas desaparecerão."

Alma agradeceu já pensando em seu novo visual, e decidiu não contar nada à sua avó. Seria uma grande surpresa para ela.

Naquela noite ela aplicou a loção em toda a face e alegremente foi para a cama. Na manhã seguinte ela saltou da cama, lavou o rosto e ansiosamente foi ver-se no espelho. Hummmmmm! Pareceu-lhe ver tantas sardas quanto antes. Pensando que provavelmente não houvesse usado a quantidade suficiente da loção, na segunda noite ela espalhou uma camada maior no rosto.

Na manhã seguinte, não viu qualquer mudança no estado das sardas. Mas sua face ardeu como fogo durante todo o dia. Em sua inocência, Alma pensava simplesmente que a loção estava retirando as

horríveis manchas de sua pele desde as raízes. Naquela noite, a loção foi usada em dose mais pesada. Certamente isso daria conta do recado, e quando viesse a manhã, seu rosto estaria livre das repulsivas sardas.

Uma dor queimante a despertou no meio da noite. Seu rosto estava duas vezes maior e os olhos fechados de tanto inchaço. Ela saiu da cama e cuidou de umedecer uma toalha para colocar no rosto, esperando que isso acalmasse a queimação, mas não resolveu nada. A avó ouviu uns ruídos e foi ver o que estava acontecendo.

"Minha querida!", exclamou. "O que há com seu rosto?"

A surpresa de Alma foi definitivamente essa, embora não a que ela esperava.

De imediato, a avó aplicou compressas mornas e frias em Alma no restante da noite. Uma vez que não havia médico na cidade, ela pediu ao vizinho para levar o frasco de Lily White ao farmacêutico, para ver se havia algum medicamento para combater o veneno. O vizinho ficou feliz por ajudar a resolver o problema, mas muito aborrecido com seu erro. E assustado também. Ele só queria ajudar a garota. Não pretendia causar-lhe dano. O farmacêutico mandou um unguento que, esperava, servisse de antídoto, mas não tinha certeza de que ele ajudaria.

Nas duas semanas seguintes, a avó de Alma aplicou compressas mornas e frias em seu pobre rosto queimado, sem qualquer repreensão à neta por ter sido tão tola. Elas apenas poderiam esperar e orar para que sua visão fosse poupada, mas não havia meios de saber até que a inflamação e o inchaço passassem e ela pudesse abrir os olhos.

A avó queria que Alma houvesse lhe falado como se sentia por causa das sardas. Quem sabe ela pudesse ter ajudado e tê-la feito entender que não é a bela aparência ou o rosto livre de sardas que faz alguém ter sucesso; é o que há no coração e na mente.

Alma tomou uma resolução. Se pudesse ter de volta sua visão, nunca mais se preocuparia com as sardas. Ela pensaria nos outros e serviria a Deus da maneira que Ele lhe pedisse.

Depois de algumas semanas ela conseguiu abrir um pouco um dos olhos. Mas, através dessa pequena abertura, ela pôde ver fracamente as flores do tapete. Um dia mais tarde pôde abrir ambos os olhos e viu o rosto querido da avó. Seus olhos não sofreram nenhum dano, e quando ela estava com 75 anos de idade, um optometrista lhe disse que sua visão era dez anos mais jovem que ela!

O Healdsburg College

A Sra. Baker decidiu que Alma deveria ir para o Healdsburg College, na Califórnia. Ela solicitou um catálogo escolar e as duas o estudaram cuidadosamente, decidindo que matérias seriam mais vantajosas. Porém, a Sra. Baker queria que a filha ensinasse em sua própria comunidade. Ela estava com apenas 17 anos, mas obteve permissão de passar por exames para o professorado. Entretanto, ela não os fez.

Alma sempre achou que Deus havia operado dois milagres em seu favor. O primeiro, um pastor adventista ajudou a Sra. Baker a ver que a educação colegial era uma coisa boa. Segundo, seu pai recebeu uma considerável comissão sobre a venda de um rancho.

Embora não se interessasse por questões religiosas, o pai estava disposto a levar Alma para o Healdsburg College. Por conta de sua comissão, ele pagou dois anos de estipêndio para ela. Como não sabia se teria dinheiro para pagar os estipêndios das irmãs de Alma, seu pai disse esperar que ela as ajudasse. Alma estava mais que disposta a garantir-lhe que as ajudaria. O pai ficou com ela em Healdsburg até que Alma se matriculasse no colégio e se acomodasse na casa dos estudantes.

Finalmente, Alma Baker estava com "o povo de sua mãe". Foi a tão longamente esperada realização de um sonho.

Explosão no Laboratório de Química

Havia uma lei não escrita no Healdsburg College que ninguém poderia jamais recusar qualquer trabalho que lhe fosse designado. O Prof. William C. Grainger, reitor do colégio, chamava a Escola Sabatina de "escola prática do departamento normal", e esperava que os estudantes participassem dela.

"Na Escola Sabatina", ele lhes disse, "vocês aprenderão como ensinar a Bíblia a todas as faixas etárias. Comecem com as crianças e prossigam até os adultos."

No fim de seu segundo ano ali, Alma escreveu ao pai, perguntando se podia ficar mais um ano e concluir o curso normal. A resposta foi breve. Ele pensava que ela voltaria para casa e ensinaria na escola pública. Se ela quisesse ficar em Healdsburg mais um ano, seria por sua própria conta.

A essa altura, sua amiga Clara Coney propôs-lhe um plano que as beneficiaria. Clara pretendia fazer um curso de estudos avançados da

Bíblia. Se Alma achasse que podia ajudá-la em seu trabalho de secretaria, Clara dividiria seu salário com ela. Se o plano tivesse a aprovação do Prof. Grainger, ambas poderiam ir para a escola. Isso feito, elas continuariam suas aulas.

As coisas andaram bem por muitos meses, mas então Alma começou a sentir fortes dores na nuca. A dor lentamente se espalhou por toda a coluna vertebral. Ela não falou nada a ninguém, mas suportava a dor o mais que podia, nunca achando que isso poderia ser coisa mais séria. A causa das fortes dores foi descoberta, literalmente, por acidente.

Uma explosão no laboratório de química lançou-a violentamente contra a parede, produzindo-lhe cortes nas mãos e rosto. Depois de alguns dias ela estava melhor. Aparentemente não havia outros danos. Mas, certa manhã, ela se assentou para escrever uma carta, e subitamente ficou muito doente e sofreu convulsões.

O médico veio rapidamente e, após examiná-la, disse ao Prof. Grainger que Alma estava sofrendo de peritonite e meningite, a origem de todas as suas dores. Disse-lhe também que ela não viveria até o dia seguinte.

Aquela noite foi um pesadelo para Alma e aqueles que dela cuidavam. Ela sofreu uma convulsão atrás da outra. A Sra. Grainger e uma enfermeira ficaram com Alma durante toda a noite, uma de cada lado da cama, para evitar que ela caísse no chão.

Clara organizou uma vigília de oração na sala de estar do dormitório, onde as moças se reuniram e oraram a noite toda. O Prof. Grainger e outros professores oraram em seu gabinete.

Deus respondeu àquelas orações. A dor na coluna de Alma diminuiu e ela pôde descansar. Todavia, havia pouca esperança de que ela ficasse boa. O médico disse que o melhor que ela poderia esperar era viver pouco e ainda inválida. O Prof. Grainger escreveu para o pai de Alma, dando-lhe as más notícias e sugerindo que ele viesse e levasse a filha para casa. A resposta do Sr. Baker foi que ele entregara a filha aos cuidados dele. Se ela estava doente, era por causa do modo como os adventistas viviam. Assim, que cuidassem dela.

O Diploma e a Certidão de Casamento

Alma Baker e Edwin McKibbin foram bons amigos por algum tempo. Ele havia concluído a faculdade e estava ensinando no Healdsburg College. Ela havia deixado claro para ele que precisava ajudar as irmãs

na educação delas, antes que pudesse fazer planos para si mesma. "Eu esperarei", prometeu o sorridente jovem.

Mas agora Alma estava seriamente doente, sob um mau diagnóstico e sem ninguém para cuidar dela. Edwin falou com o Prof. Grainger e juntos consultaram o médico. Este não deu qualquer esperança de que ela viveria mais um ano.

Edwin disse que se casaria imediatamente com Alma e cuidaria dela. Os Grainger acharam esse um bom plano. Todavia, o médico pensava de modo contrário e aconselhou Edwin a não arruinar sua vida dando esse passo. A própria Alma resistiu à ideia de se casar com ele e lhe ser uma carga. Mas sua amiga Clara perguntou: "Você negaria algo bom a Edwin? E você tem algo bom para dar – amor e gratidão."

Alma pensou sobre isso e concordou. Ela se casaria com Edwin, e fez um voto para si mesma e para o Senhor: ela seria uma inválida feliz e animosa. Se morresse, Edwin se lembraria apenas de seus sorrisos e não de suas lágrimas.

O Prof. Grainger e sua esposa cederam sua casa para o casamento, e os amigos de Alma se movimentaram para torná-lo um evento feliz e admirável. Eles decoraram belamente a sala de estar com rosas e trepadeiras ornamentais, e prepararam deliciosos refrescos para servir na sala de jantar.

Pouco antes do rito cerimonial, o Prof. Grainger oficiou uma breve cerimônia – ele passou às mãos de Alma o seu diploma de faculdade. Embora ela não houvesse completado todo o curso, ele e sua esposa achavam que toda moça deveria concluir seu curso antes de se casar. Por causa das muitas atividades extracurriculares de Alma, especialmente com o trabalho da Escola Sabatina, a diretoria do Healdsburg College sentiu-se livre para conceder o diploma.

E assim Alma Baker, trajada com uma bela túnica e apoiada em travesseiros colocados numa cadeira superestofada, primeiro recebeu o diploma da graduação e depois se casou com Edwin McKibbin, numa bela cerimônia realizada na casa dos Grainger.

As Experiências de Alma com o Poder Curador de Deus

Edwin McKibbin vivia um pouco mais adiante da casa dos Grainger. Sua irmã Marian cuidava da casa para ele e seu irmão Wynford. Agora esse era o lar de Alma também, e por alguns meses ele foi um lar feliz

para todos eles. Então, Edwin, que não estava se sentindo bem, foi aconselhado a ir ao hospital em Sta. Helena para um *check-up*. As notícias que chegaram na sexta-feira pela manhã não eram nada boas. Edwin havia contraído uma tuberculose avançada.

Na tarde de sábado, um dia mais tarde, uma boa amiga de Alma, a Sra. Hafford, parou para visitá-la. Quando ela viu quão triste Alma se sentia, perguntou se Alma gostaria de assistir a uma reunião de oração numa casa situada no próximo quarteirão. Talvez ela se animasse. Alma estava ansiosa para ir, e pessoas bondosas a levaram até lá numa cama estreita. Ela apreciou a reunião e se sentiu fortalecida e animada pelas orações e testemunhos.

No fim da reunião, a Sra. Hafford fez um breve comentário:

"Todos ouvimos o relatório do hospital sobre o irmão McKibbin. Eu achava que a irmã McKibbin nunca mais ficaria bem. Estive a maior parte da noite passada em oração por ela e seu esposo, e estou profundamente impressionada de que se orarmos por ela com fé, ela será curada. Algum de vocês tem fé para orar comigo?"

O velho McElhany, um tio de J. L. McElhany, mais tarde presidente da Associação Geral, ajoelhou-se com a Sra. Hafford ao lado da cama de Alma. Eles oraram com simplicidade e fervor. Então a Sra. Hafford tomou a mão de Alma e disse: "Irmã McKibbin, em nome de Jesus de Nazaré, levante-se e ande!"

Então, Alma levantou-se de sua cama e andou ao redor da sala. Ela estava curada e desfrutou boa saúde dessa ocasião em diante, vivendo até 103 anos de idade.

Edwin teve condições de lecionar por alguns meses do novo ano letivo, mas sua tosse seca tornou-lhe necessário passar suas aulas para Alma. Ela lecionou em seu lugar pelo restante do ano, enquanto ele ficou com os parentes no clima ameno do sul da Califórnia. O clima quente ajudou e no ano seguinte ele pôde lecionar o ano inteiro.

Mais Tristezas Para os McKibbin

Por essa época, a ciência médica deu-se conta da natureza contagiosa da tuberculose, e a diretoria da escola resolveu que era muito perigoso para os jovens estar na mesma sala que Edwin. Assim, embora ele estivesse suficientemente forte para ensinar, perdeu seu cargo. Sem trabalho, eles não tinham renda. Assim, mais uma vez, os parentes do sul da Califórnia abriram as portas para Edwin e Alma.

Eles estavam esperando algo para aquele ano. Nasceu-lhes um menino. Mas essa felicidade se transformou em tristeza. O filho viveu apenas onze meses e foi um tempo de sofrimento. Ele era seu único filho e Alma se afligiu muito por ele.

Desafiados Pelos Anjos Maus

Muito embora os McKibbin estivessem vivendo com parentes, Alma achou que eles precisavam de alguma fonte de renda para ajudar na alimentação e moradia. Assim, ela arrumou um emprego como governanta e tutora de uma família de San Diego. Quando a Sra. S mostrou a Alma o seu quarto, um estranho sentimento de temor caiu sobre ela. Naquela noite, quando ela tentava ler sua Bíblia, não conseguia entender o sentido das palavras. Alma temeu fechar os olhos ao orar. Ela olhou ao redor da sala, mas parecia ser uma sala sem nada de incomum. Todavia, ela esteve inquieta e perturbada a noite toda e não pôde dormir.

Isso aconteceu durante três noites, e Alma estava ficando doente por falta de sono. Sentiu que não tinha outra escolha senão sair e contar à Sra. S que ela sentia muito, mas não poderia ficar. Antes que pudesse falar, a Sra. S perguntou: "O que você pensa sobre o espiritismo?"

A resposta de Alma foi ponderada: "Existem anjos bons e maus. Creio que o espiritismo é obra dos anjos maus."

Verificou-se que o pai da Sra. S era líder espírita em San Diego, e que ela mesma era espírita. Quando Alma lhe contou que estava doente, a Sra. S percebeu imediatamente a causa do problema. Ninguém havia sido capaz de dormir naquele aposento, desde que um pai bêbado surrara e matara seu filho doente ali. "O espírito do menino não permite que ninguém descanse naquele quarto", disse a Sra. S a Alma.

A Sra. S rogou que Alma ficasse. A família gostava dela e precisava de seu trabalho. Ela disse que eles não tinham outro quarto, mas que Alma poderia dormir na sala de estar.

Alma, contudo, tinha outra ideia. Agora que sabia a causa da perturbação, disse à Sra. S que não mais haveria problema. Ela pediria a Deus que expulsasse o mau espírito.

Alma apenas cumpriu as tarefas mais básicas naquele dia, e passou a maior parte de seu tempo orando e buscando orientação em sua Bíblia. Ela pediu a Deus que fortalecesse sua fé e que, por Seu tremendo poder, removesse o anjo mau daquele quarto. Naquela noite,

ela se ajoelhou ao lado da cama e pediu a Deus para ajudá-la a dormir toda a noite. O Senhor respondeu à sua oração. Ela dormiu profundamente a noite toda e se sentiu muito bem no dia seguinte. A má influência nunca mais a importunou.

Durante os meses seguintes, Alma tentou partilhar as coisas de Deus e Sua Palavra com a família. Eles receberam suas palavras amigavelmente, mas não pareciam ser capazes de compreendê-las. Afinal chegou o tempo em que o marido de Alma precisava dela e ela fez preparativos para retornar. Na última noite em que ela ficou com a Sra. S e sua família, o anjo mau fez mais uma tentativa de torná-la cativa. Quando todos estavam assentados à mesa do jantar, a Sra. S parecia estar vendo alguma coisa atrás de Alma. O Sr. S perguntou o que ela estava vendo.

"Vejo um barco levado pela corrente", respondeu ela, "um nenê dentro do barco está brincando com flores e o homem está segurando os remos, pronto para mover a embarcação. Ambos estão olhando para você, Sra. McKibbin. Eles não querem partir sem você."

Embora a Sra. S nunca houvesse visto Edwin McKibbin, ela o descreveu perfeitamente. Mas o conhecimento que Alma possuía das Escrituras e sua fé em Deus mantiveram-na firme e segura nEle, e ela não se virou para olhar. Alma ficou desapontada por não ter sido capaz de conduzir aquela família ao Deus do Céu.

Logo após essa experiência, o querido Edwin faleceu. Sua fé no Senhor era forte. Suas últimas palavras foram extraídas de Jó 19:25 e 26: "Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim Se levantará sobre a Terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus."

A Escola Experimental

Depois da morte de Edwin, a família Johnson convidou Alma para morar com eles. Ela estava feliz por aceitar o convite, pois estava totalmente exausta.

Nessa época, a importância das escolas paroquiais estava sendo apresentada numa série de artigos escritos por Ellen White para a *Review and Herald*. Alma e a Sra. Johnson liam e discutiam cada artigo, crendo que elas tinham uma importante mensagem para aquele tempo.

As duas mulheres decidiram experimentar alguns princípios educacionais que foram dados por Ellen White, a saber, que "a Palavra

de Deus deve ser tornada o fundamento e o assunto da educação". A cada semana, a *Review* trazia vários artigos sobre o assunto, e elas avidamente os liam.

Elas resolveram que tentariam esses princípios ao ensinar os gêmeos Johnson e seu priminho, de forma que a sala de estar se tornou sala de aulas para os três jovens estudantes. Essa foi uma experiência pedagógica exclusiva com ensinos bíblicos, e Alma preparou um pequeno livro de leitura baseado no primeiro capítulo do Gênesis. Ele continha lições de leitura, Bíblia e natureza. As crianças já sabiam matemática e como calcular o dízimo, pois tinham sua própria horta e plantavam e vendiam vegetais. A despeito das falhas, Alma e a Sra. Johnson ficaram satisfeitas com a experiência.

A Primeira Escola Sabatina da Califórnia

Não havia ainda nenhuma escola paroquial na Califórnia, e não havia ninguém para ensinar os professores a como aplicar os princípios expostos por Ellen White. Depois de ser persuadida pelo pastor George Snyder, Alma aceitou a direção divina para dar início a uma escola em Centralia, Califórnia. Mas as primeiras palavras que ela ouviu em sua chegada foram desanimadoras. A dona da casa onde Alma se alojava e fazia suas refeições deu uma olhada nela e avisou: "Você não vai aguentar nem duas semanas. Ninguém pode controlar esses rapazes de Centralia."

As perspectivas pareciam sombrias. A "escola" era uma pequena sala ligada aos fundos da igreja. Ela estava equipada com um quadro-negro – uma tábua de 30 cm pintada de preto – e dez carteiras duplas, obtidas de uma escola pública. O fogão fumaçava e a água para beber estava num balde com uma concha.

Cerca de 30 alunos compareceram para o primeiro dia de aula, distribuídos em nove séries. Um aluno da 9ª série era mais velho que Alma. Mas ela não teve nenhum problema em "controlar os rapazes de Centralia".

Alma improvisava ao ensinar, usando materiais que tinha à mão, e seus alunos se mostraram entusiasmados e cooperadores. Mesmo assim, não era fácil para ela ter quase tanto a fazer fora como dentro da classe. Ela redigia suas próprias lições bíblicas e esboços das lições sobre a natureza. Um dos rapazes amava a natureza e trouxe espécimes para que Alma utilizasse em classe. Alma percebeu que a

única pessoa que não queria a escola paroquial era a mulher com quem morava. A cada manhã a mulher perguntava a Alma: "Você realmente vai tentar outro dia?"

A resposta sorridente de Alma era: "Sim, um dia mais. Vivemos apenas um dia por vez, você sabe."

Com justiça, deve ser dito que o ano letivo se encerrou muito melhor do que havia começado, embora tivesse havido um caso de pneumonia para Alma e uma carta contundente enviada por sua amiga, a Sra. Johnson, ao povo de Centralia, para ajudá-los a compreender que estavam sobrecarregando sua professora.

De Volta a Healdsburg

De Centralia, Alma foi chamada a dar aulas para as primeiras quatro séries da escola primária de Healdsburg. Ela também deveria frequentar a escola de verão, uma gratificante recompensa. Ela estava emocionada por voltar a Healdsburg, pois junto com lembranças tristes, esse lugar continha lembranças de muitos tempos felizes e prazenteiros.

Ela estava feliz com a perspectiva de ensinar as primeiras séries, pois particularmente apreciava lecionar para crianças pequenas. Todavia, essa perspectiva era tudo que se tinha. Antes que ela pudesse mesmo montar um plano de aulas, foi-lhe dito que em razão de ela ser a única professora presente a qual havia lecionado numa escola paroquial, o Prof. E. S. Ballenger precisava dela como sua assistente na escola de verão. Seu trabalho: lecionar para onze professores sobre como ensinar.

Seu sonho de aprender princípios educacionais para a escola paroquial, através de um professor experiente, deu em nada.

Ensinando Professores

Ela já sabia que não havia lições bíblicas para os professores ensinarem. Ela também sabia que precisava de esquemas de lições bíblicas a fim de ensinar adequadamente seus alunos. Não tendo outro recurso disponível para seus alunos, ela mesma redigiu as lições, o suficiente para o ensino de cada dia. Ela fazia os esboços das lições em velhos e desgastados cadernos, e então, cada dia, passava os esboços para o quadro-negro. Começando com Adão e Eva, ela ensinava seus alunos diretamente da Bíblia. A aspirante tornou-se professora, e das boas. A necessidade é a mãe das invenções.

Livros Bíblicos com Cordões de Sapato

Não demorou muito para que os professores que foram fazer o curso de verão no Healdsburg College pedissem as lições bíblicas. Alguns deles se assentavam antes da aula e copiavam as lições de Alma. Isso levava muito tempo. Assim, o Prof. M. E. Cady insistiu que as lições fossem impressas.

Outro desafio tornou a impressão das lições uma necessidade. Alguns professores das novas escolas primárias adventistas não queriam nem tentar ensinar a Bíblia porque não possuíam lições prontas. Eles não sabiam como prepará-las e, além disso, não tinham tempo. Mas, se as classes bíblicas não faziam parte do currículo, então para que estabelecer escolas paroquiais? Em que elas diferiam das escolas públicas?

Uma vez mais Alma Baker McKibbin foi convocada a fazer algo novo: escrever livros de lições bíblicas e publicá-los. Os primeiros livros foram impressos à custa de Alma. A gráfica do colégio era muito pequena. Eles não possuíam muito equipamento; assim, imprimir era um longo e tedioso processo. Se as lições bíblicas deviam ser impressas, Alma tinha que assumir total responsabilidade como autora, revisora e empresária.

E assim ela se viu dando ordens para os professores da escola paroquial. Eles precisavam tanto de livros que Alma lhes enviava cadernos do livro, de dezesseis páginas cada, assim que saíam da impressora. Os professores não poderiam esperar pelo livro completo.

Realmente, ela não pôde abrir mão de ensinar e de outras responsabilidades. Mas, além disso, quando os cadernos eram impressos, ela passava as noites levando-os à agência do correio. O primeiro livro era composto de doze cadernos. Isso significava que Alma fazia uma longa caminhada de quase vinte quilômetros até a agência do correio, para enviá-los aos professores. É claro que, após cada postagem, ela enfrentava outra caminhada extensa de volta para casa.

Aqueles primeiros cadernos eram o começo do livro. As páginas eram perfuradas e Alma incluía cordões de sapato nas embalagens enviadas para juntar as páginas. Ela informava os professores de que "os outros cadernos seguirão tão logo sejam impressos". Caderno após caderno era remetido, o qual deveria ser juntado ao anterior. No fim, eles teriam um livro completo.

Assim foi como os professores da escola paroquial conseguiram os primeiros livros religiosos: eles juntavam os cadernos e os prendiam

com cordões de sapato. Por isso, deram-lhes o nome de "os livros com cordão de sapatos". Depois de vários cadernos terem sido impressos e remetidos, Alma preparava capas revestidas de tecido marrom, confeccionadas para ajudá-los a juntar tudo. Posteriormente, seus livros eram encadernados com as mesmas capas de tecido marrom, mas sem cordões de sapato. Apenas uns poucos exemplares dos "livros com cordões de sapato" existem hoje.

Não é fácil executar uma obra pioneira. Mas, graças a Alma Baker McKibbin, os professores daquelas primeiras escolas puderam ter livros de estudo da Bíblia para dar suas aulas.

O Chamado da Família

Num domingo pela manhã, Alma ouviu batidas na porta de sua casa. Para sua surpresa, ali estava sua família, vinda do Colorado – pai, mãe e o irmão caçula, Alonzo (apelidado Lonnie), a quem ela nunca havia visto. Ela ficou felicíssima em vê-los. Lonnie era da mesma idade que seu filho teria se houvesse sobrevivido. Ela imediatamente o amou como se fosse seu próprio filho.

A saúde da mãe de Alma não estava bem. A família havia vindo do Colorado com a esperança de que a baixa altitude de Healdsburg pudesse recuperá-la. Caso contrário, ela deixaria Lonnie aos cuidados de Alma. No ano seguinte, a avó de Alma foi morar com ela. Ela havia perdido a memória e frequentemente se perdia, tentando voltar para casa. Eles tinham que manter as portas fechadas para sua segurança.

Depois de dois anos, o Sr. Baker ficou tão doente que deixou a família com Alma e voltou para sua casa no Colorado. Alma tinha agora total responsabilidade por duas pessoas inválidas (uma com problemas mentais) e um garotinho, todos dependendo de um salário anual de 330 dólares. Ela dizia não ser especialista em altas finanças, mas se atribuía especialização em baixas finanças! Apesar dessas dificuldades, Deus abençoou sua fidelidade e ela foi capaz de atender às despesas.

A Gerente do Correio

Uma garoa fria caiu durante todo o dia e prosseguiu pela noite. Mas, não obstante o mau tempo, Alma precisava enviar doze livros para a Austrália. Depois de cuidar de sua mãe e da avó, Alma empacotou os livros e pôs os endereços neles. Essa era uma tarefa desanimadora,

pois ela sabia que teria problemas com a gerente do correio, que não gostava de remessas para o exterior porque tomavam muito do seu tempo para calcular a tarifa.

A agência do correio ficava a um quilômetro e meio de distância, e o vento frio e a chuva tornavam a noite mais negra. Alma agasalhou-se bem para enfrentar o tempo, deixando Lonnie encarregado da casa. Ela sabia que Lonnie manteria o fogo aceso e colocaria uma lanterna na janela para ela. Alma estava muito grata por seu fiel cuidado.

Passava das 18h quando Alma chegou à agência do correio, mas a gerente ignorou sua presença. Alma esperou em silêncio até às 19h, então tentou novamente.

– Desculpe-me – disse gentilmente.

A gerente sequer ergueu os olhos.

– Será que você não percebe que estou ocupada? – resmungou ela.

– Sim, mas eu vim de longe e está muito escuro esta noite.

Não houve resposta. Às 20h a mulher terminou seu trabalho com a papelada e atendeu Alma. Quando ela viu o endereço, explodiu em ira:

– Austrália! Que livros são esses que você está enviando para lugares tão distantes? Quem os escreveu? Onde são impressos?

Alma respondeu: – Eles são livros escolares. São lições bíblicas para as crianças. Eu as escrevi e elas são impressas na gráfica do colégio.

A face da mulher se abrandou levemente. Ela própria havia escrito histórias e tinha algum respeito por autores. Então calculou a postagem e Alma pagou a tarifa. Houve um breve silêncio, então a mulher comentou: – Notei que você é boa em inglês. Poderia me dizer onde posso encontrar um bom livro sobre o assunto?

Alma cuidou em responder cortesmente:

– Eu assino uma revista chamada *Inglês Correto*. Ela é muito útil. Amanhã mando meu irmão trazer-lhe alguns exemplares.

– Oh, muito obrigada, Sra. McKibbin. E desculpe-me por atendê-la tão tarde e estar tão escuro!

As bondosas palavras foram apreciadas, mas elas não tornaram a noite menos escura. Alma também sentia muito.

Enquanto caminhava penosamente para casa, ela decidiu tomar um atalho, mas, para seu desalento, a trilha estava toda enlameada. Caminhando com dificuldade, ela ficou tão cansada que achou não poder tirar os pés da lama novamente. Estava prestes a desistir, quando ouviu passos sobre a ponte próxima. Era um cão enorme. Ele parecia

saber que Alma estava em dificuldades. Achegou-se a ela na lama o mais que podia, parecendo dizer: "Segure em mim e eu a tirarei daqui."

Alma colocou seu peso sobre as musculosas costas e ombros do animal e procurou tirar os pés da lama.

Ela ficou feliz com a companhia do cão e juntos caminharam, com sua mão pousada no largo dorso do animal. Quando estavam próximos de uma grande casa a cujos residentes o cão pertencia, ela pensou que o cão iria deixá-la e seguir em direção ao portão da casa. Mas não o fez. Ele seguiu avante, mantendo-se a seu lado até que Alma chegou em casa. Parou e olhou para ela como se dissesse: "Tudo bem. Você está sã e salva agora!"

Alma tomou a cabeça do animal entre as mãos e, fitando-o nos olhos, disse-lhe brandamente: "Obrigada. Você é um cavalheiro de Deus!"

Com grande dignidade, o animal voltou-se e sumiu na escuridão.

Já em casa, Alma viu que sua mãe e a avó dormiam profundamente e que Loonie cochilava sobre seus livros escolares. Tudo estava bem e ela se sentiu renovada e forte novamente. Alma cria que Deus havia enviado aquele cão não apenas para tirá-la do atoleiro, mas também para restaurá-la e encorajá-la.

Logo em seguida, a irmã mais moça de Alma veio de Denver para ajudar a família. Foi um grande alívio saber que seus doentes não precisavam ficar sozinhos novamente. Cerca de um ano depois, sua avó morreu, aos 92 anos de idade.

Na Terceira Idade

O Healdsburg College fechou em 1908. A igreja sempre dependera da ajuda dos professores do colégio, e como Alma era a única professora remanescente ali, novamente a igreja a chamou para fazer coisas para as quais ela não havia sido preparada. O presidente da Associação aconselhou-a a fazer tudo quanto a igreja pedisse e aumentou-lhe o salário de 30 dólares para 40 dólares por mês. Ela fez um trabalho pioneiro na igreja de Healdsburg, ocupando até o cargo de pregadora. Sob sua liderança, mal-entendidos e diferenças que haviam separado alguns membros foram resolvidos e perdoados, e novos membros acrescentados ao rol da igreja. Durante esse tempo, a irmã de Alma se casou e foi morar com ela.

Em 1910, Lonnie partiu para o Pacific Union College. Depois que a mãe de Alma morreu e seu trabalho na igreja de Healdsburg terminou,

ela foi lecionar no Pacific Union College. Ficou ali até 1921, indo depois lecionar na Mountain View Academy, onde ficou até a aposentadoria. Ali ela possuía uma pequena casa, o primeiro imóvel próprio. Nos dezessete anos em que viveu em Healdsburg, morou em doze diferentes casas, uma das quais pertenceu a Ellen White.

Alma McKibbin teve a distinção de ostentar dois "primeiros" na história adventista: ela foi a primeira professora da escola denominacional na Califórnia, e foi autora do primeiro livro escolar bíblico – o livro com "cordões de sapato".

Alma McKibbin deixou um permanente legado à Igreja Adventista do Sétimo Dia – suas obras realmente a seguem.

Detalhes

Num determinado ano em Healdsburg, Alma foi designada para ensinar nas primeiras quatro séries. Ela se sentiu animada, pois gostava de ensinar crianças pequenas. Essa missão durou duas semanas inteiras. Então, um dos outros professores teve que partir subitamente para a Austrália, e Alma foi chamada para dar aulas numa classe de grau superior. Uma professora recém-chegada ocupou o lugar de Alma nas primeiras e preciosas quatro séries.

Infelizmente, ela não foi avisada dessa súbita decisão. Alma foi simplesmente solicitada a deixar sua classe mediante breve explicação, e escoltada pelo corredor até uma classe de estudantes maiores. Havia ali cinquenta alunos! O Prof. Cady apresentou-a como a nova professora e saiu.

Antes de Alma abrir a boca ou começar a se ajustar mentalmente a essa mudança, um jovem da 7ª série se levantou e polidamente lhe deu boas-vindas. Em seus comentários posteriores ele pareceu perguntar: "Se a senhora está qualificada para nos ensinar, poderia, por favor, explicar algumas afirmações bíblicas que nós não entendemos?"

Alma o reconheceu como sendo de Oakland. Ela sabia que a mãe do jovem era adventista do sétimo dia, mas seu pai era um advogado cético. Quando pôde falar, Alma perguntou que questões eram essas.

O rapaz disse: "Uma delas é sobre a ressurreição. Não entendemos como a ressurreição é possível, pois um cadáver torna-se pó e passa a fazer parte da terra, como era no início. Algumas vezes, o corpo é comido por animais selvagens."

Alma fez uma breve prece pedindo orientação. Então se lembrou de que essa classe era interessada em fisiologia. No mesmo momento, ela

notou na sala dois alunos que haviam estado em sua classe de Escola Sabatina, sete anos antes.

Ela olhou na direção deles. "Aqui estão John e Nellie, não é mesmo?", disse. "É estranho que eu possa reconhecê-los uma vez que não há uma partícula de matéria em seus corpos, ou no meu, que estava lá quando nós nos conhecemos, há sete anos. A identidade não depende da matéria, mas do caráter e da personalidade. A única coisa que podemos levar para o Céu é o caráter. Nós teremos novos corpos. Estou feliz porque terei um corpo novo, incorruptível e imortal, que não sofrerá doenças, dor ou morte."

A classe se mostrou satisfeita com a resposta e ela ficou feliz em ser aceita como sua nova professora.

***

Noutra vez, ela estava dando aulas de corte e costura. Alma ficou surpresa por ver que os rapazes também estavam interessados em corte e costura. A classe fez colchas para seu projeto missionário. Uma das lembranças favoritas de Alma era a de cinquenta moços e moças costurando com entusiasmo os retalhos da colcha.

***

Era início de primavera, não muito quente e nem muito fria também, num dia em que Ellen White veio pregar na igreja de Healdsburg. Os membros da igreja local, no norte da Califórnia, haviam passado pelo que eles consideravam um longo e frio inverno. Embora aquele não fosse o que poderia ser chamado de um dia frio, todas as portas e janelas da igreja estavam bem fechadas. Não havia ar fresco penetrando o recinto; os membros temiam contrair pneumonia se respirassem ar fresco.

A Sra. McKibbin conta uma breve história de Ellen White começando seu sermão sem dizer uma palavra sobre a ausência de ar fresco. Depois de alguns minutos de sua pregação, ela parou e disse: "Parece estar um pouco abafado aqui. Gostaria de saber se os diáconos não se importariam em abrir as janelas deste lado da igreja."

Os diáconos ficaram felizes em ser solicitados a abrir as janelas daquele lado da igreja. Ellen White retomou seu sermão. Depois de alguns instantes ela parou novamente e disse:

"Parece-me que ainda está um pouco abafado aqui. Gostaria de saber se os diáconos não se importariam em abrir as janelas do outro lado da igreja."

Os diáconos abriram as janelas do outro lado. Quando Ellen White concluiu seu sermão naquele dia, todas as portas e janelas da igreja de Healdsburg estavam totalmente abertas. Mas ela não fez nenhuma menção a "ar fresco". A Sra. McKibbin disse que ninguém contraiu pneumonia e todos entenderam a questão. Todos aprenderam ali uma lição de diplomacia e tato.

***

Segundo uma história que circulou, Ellen White disse algo sobre anjos maus ocupando os assentos fronteiros da igreja. Foi Alma McKibbin quem contou essa história. Ela relatou um exemplo quando a Sra. White se levantou para falar e notou que os assentos da frente estavam vazios. Ela disse: "Irmãos, se vocês não ocuparem estes assentos da frente, os anjos maus o farão. Vocês querem que os anjos maus estejam entre vocês e eu e subtraiam a mensagem endereçada a vocês?"

Todos, de imediato, foram para a frente.

***

Jim Nix conta a respeito de sua entrevista com a Sra. McKibbin, cerca de setenta anos após a morte do marido dela. Ele perguntou de seu marido e filho, e seus olhos brilharam de amor e recordações enquanto falava sobre eles. Ela disse o quão maravilhoso foi imaginar estar com eles através de toda a eternidade no reino celestial. Ela amava Edwin por desposá-la e cuidar dela em sua enfermidade. Alma nunca pensou em se casar novamente. Sua mente estava concentrada no breve retorno de Cristo, quando ela, Edwin e seu filho serão reunidos e viverão para sempre com Ele.

CAPÍTULO 15

Stephen Smith:

O Testemunho Indesejável no Baú

Dizer que era difícil entender-se com ele é colocar as coisas em termos bem suaves. Ele era antissocial e seu temperamento explosivo irrompia muito frequentemente. Stephen Smith era conhecido em Washington, New Hampshire, como um "obstinado morador da Nova Inglaterra, que gostava muito de uma boa briga". Ele era conhecido por dizer que veio para a igreja para "bater na colmeia a fim de ouvir as abelhas zumbirem".

Stephen Smith aceitou a mensagem do terceiro anjo em 1850, e ele, a esposa e filhos se tornaram membros ativos da igreja de Washington, New Hampshire.

No entanto, ele logo começou a minar a confiança nos líderes da mensagem do advento. Smith julgava haver recebido "nova luz" através de um dos movimentos dissidentes havia pouco surgido. Tiago e Ellen White eram seus alvos favoritos. Embora houvesse visto a Sra. White em visão, isso não era suficiente para convencê-lo de que as mensagens dela provinham de Deus. Ele não queria ter nada a ver com ela, exceto, de fato, usá-la como pedra de amolar para seu espírito crítico.

Na segunda quinzena de outubro de 1851, estava sendo levada a efeito pelos crentes adventistas uma série de conferências em Washington, New Hampshire. Cerca de 75 pessoas, incluindo o pastor Tiago White e a Sra. White, vieram das áreas circunvizinhas bem como de outros estados. Stephen Smith não tinha receio de proclamar seus novos pontos de vista.

Num sábado à tarde, enquanto o Sol se punha no horizonte, a Sra. White teve uma visão referente aos membros da igreja de Washington. Depois de falar com franqueza sobre o que Deus lhe havia mostrado, todos os ouvintes aceitaram o conselho vindo diretamente de Deus – todos, exceto Stephen Smith e E. P. Butler.

Durante toda a reunião Smith se mostrou tão sarcástico, rejeitando as visões e a obra de Tiago e Ellen White, que a congregação toda achou ser necessário excluí-lo da igreja até que se pusesse em harmonia com o corpo de crentes.

No ano seguinte, ele pareceu ter passado por uma transformação de coração e foi aceito de volta no grupo. Mas isso não demorou muito. Ele cria no sábado, mas não via razões para as visões dadas por Deus. Como resultado, estava pronto para aceitar qualquer partido dissidente reivindicando ter algo novo.

Primeiro se aliou ao Partido Mensageiro, mas este logo se desfez. Então ele foi para o grupo que marcava a segunda vinda para 1854, e lá ficou até que este também acabou. Daí foi para o Partido Marion e seus ensinos contrários ao santuário, à organização e ao Espírito de Profecia. A igreja iniciante reconheceu claramente a verdadeira natureza desses ensinos dissidentes, pois o Senhor lhes mostrara, através das visões de Ellen White. Mas Stephen Smith sentia estar acima desses ensinos e advertências.

A despeito de sua aversão, o Senhor ainda amava Stephen Smith. De fato, Ele o amava tanto que deu a Ellen White uma visão, para que Smith pudesse compreender o perigo.

Ela cuidadosamente escreveu tudo o que lhe havia sido mostrado, e encerrou a carta com um apelo a Stephen Smith para retornar ao Senhor. Então a enviou.

Poucos dias mais tarde, o encarregado da agência postal entregou a carta a Stephen. Ele reconheceu a caligrafia e sabia que havia um testemunho para ele.

Que atrevimento o dela! A Sra. White lhe escreveu um testemunho quando ele não desejava qualquer testemunho! Seu temperamento agressivo mandava o sangue para a cabeça, enquanto ele lutava para conter a ira. Determinado a não ler a carta, ele a colocou no bolso e furiosamente caminhou para casa. Quando chegou em casa, ele viu um baú num canto. Estava tão furioso que mal podia se controlar, mas logo decidiu o que iria fazer. Erguendo a tampa do baú, Stephen lançou a carta fechada no fundo, cobrindo-a com colchas e quinquilharias. Ele fechou a tampa ruidosamente e girou a chave da fechadura do baú. Pronto! Isso cuidaria do indesejável testemunho!

Por 28 anos aquele testemunho jazeu no fundo do baú, fechado, não lido.

AFC

Possivelmente Stephen Smith tenha se tornado mais birrento. Quem o conheceu muito bem disse dele: "Stephen Smith tinha a língua mais contundente e devastadora que qualquer homem que já ouvi. Ele podia dizer as coisas mais malignas e da maneira mais malvada, mais cortante, que qualquer pessoa que conheci."

Podemos estar seguros de que a Sra. White e o Espírito de Profecia concorreram para o bem daquela língua contundente.

Stephen Smith gastou o que poderia ser os melhores anos de sua vida tornando miserável a vida dos outros. A despeito da atitude de seu marido, a Sra. Smith manteve-se fiel à igreja. Mas ela e os filhos levaram uma vida muito infeliz.

Os anos se passaram. Os cabelos de Stephen Smith se embranqueceram e seus ombros tornaram-se curvos. Certo dia, em 1884, ele estava passando pela sala e viu um exemplar da *Review and Herald* sobre a mesa. Olhando furtivamente ao redor para ver se alguém da família estava em casa, ele apanhou a revista e a folheou. Notou o nome de Ellen G. White em um dos artigos. Resolveu lê-lo e quando terminou, pensou: *"Esta é a verdade!"*

Na semana seguinte havia outro exemplar sobre a mesa. Ele o leu e, quando terminou outro artigo da Sra. White, disse para si mesmo que o artigo falava a verdade.

As semanas se passaram e Stephen Smith continuou a ler a *Review* e, possivelmente, outros materiais da igreja. Lentamente ele começou a suavizar suas palavras e atitudes. Sua esposa e vizinhos notaram a mudança. Será que a esposa deixara propositadamente a revista sobre a mesa, semana após semana? Será que ela sabia que Stephen a estava lendo?

No verão de 1885, foi feito um anúncio avisando que Eugene Farnsworth estava voltando para realizar reuniões de reavivamento em sua antiga igreja de Washington, New Hampshire. William Farnsworth, seu pai, havia aceitado o sábado na mesma pequenina igreja, em 1844. Nessa igreja, Ellen White havia repreendido publicamente William para que abandonasse o fumo e se tornasse o cristão que ele professava ser. Esse episódio teve efeito sobre Eugene e ele se tornou pastor – um rapaz

da cidade que promovia o bem. Havia uma grande excitação quando circulou a notícia de que ele estava vindo para fazer reuniões.

Smith gostava de Eugene quando ele era garoto. Ele pensava que seria bom vê-lo novamente e ouvi-lo pregar, e no dia marcado estava na congregação.

Quando o pastor Farnsworth terminou o sermão, Stephen Smith se levantou. Farnsworth sabia da experiência de altos e baixos de Smith e ele nunca sabia o que esperar, provavelmente mais críticas. Mas o que ele ouviu foi muito diferente.

Stephen Smith falou do passado, confessando seu envolvimento com os partidos divisionistas, sua oposição à organização da igreja e a quase tudo mais. Contou que viu esses partidos se desintegrarem e desaparecerem. Admitiu que ele e os outros oponentes ao trabalho da igreja não haviam chegado a lugar algum, e que os que se apegaram à fé cresceram espiritualmente e estavam mais próximos de Deus.

Agora, quase no fim da vida, ele havia descoberto que mais do que qualquer outra coisa, precisava estar em harmonia com o povo do advento.

A congregação ficou surpresa ao ouvir as palavras daquele homem. Eles conheciam tudo sobre o passado dele, e conquanto procurassem acreditar nele é perfeitamente compreensível que possam ter se mostrado duvidosos.

Depois de sua confissão pública, Smith começou a pensar em seu passado. Lembrou-se, então, da carta que havia lançado no fundo do baú. Ele nem se lembrava dela, e pela primeira vez em todo esse tempo, quis saber o que ela dizia.

Com mãos tremulas por causa da idade e da ansiedade, ele girou a chave na fechadura e levantou a tampa. Meteu a mão no fundo do baú, procurando sentir o papel que lá pusera com tanta fúria muitos anos antes. Quando, afinal, apanhou a carta, apenas olhou para ela. Abruptamente, afundou-se numa cadeira de balanço que estava próxima e começou a ler o papel amarelado, agora quebradiço por causa do tempo.

Lágrimas rolavam por sua face, à medida que lia a detalhada descrição do que seria sua vida se ele continuasse no caminho que havia escolhido. Havia um quadro preciso de amargura e desapontamento – exatamente o que sua vida tinha sido, pois ele não mudara sua temerosa atitude.

A carta se encerrava com um fervente apelo para o retorno a Deus.

No sábado seguinte pela manhã, Smith estava de volta à igreja. Embora o pastor Farnsworth nada soubesse da experiência de Smith na

semana anterior, ele havia escolhido falar sobre o Espírito de Profecia. Mal se havia encerrado o sermão, e o velho Sr. Smith se levantou do assento. E que testemunho ele deu!

"Recebi um testemunho 28 anos atrás, levei-o para casa, tranquei-o em meu baú e nunca o li até a última quinta-feira. Eu não cria que o testemunho fosse verdadeiro; embora não soubesse uma palavra do que havia nele. Acho que estava receoso de lê-lo, temendo que ele me deixasse louco. Mas eu fui louco quase o tempo todo!"

Finalmente ele admitiu:

"Irmãos e irmãs, cada palavra do testemunho é verdadeira, e eu o aceito. Cheguei a um ponto em que finalmente cri que os testemunhos vêm de Deus. Se tivesse ouvido aquele que Deus me enviou... teria mudado todo o curso de minha vida e teria sido um homem diferente... Os testemunhos estavam certos e eu estava errado."

E concluiu: "Irmãos, estou muito velho para desfazer o que fiz. Estou muito fraco para ir às nossas grandes reuniões, mas quero que vocês contem ao nosso povo em toda parte que outro rebelde se rendeu."

Aquela carta ficou em seu baú todos aqueles anos com a mensagem que Deus enviou para poupá-lo de uma vida de ira e ódio. Uma mensagem não lida e não ouvida. De acordo com seu próprio testemunho, se ele houvesse lido e aceitado de coração a mensagem, ela o transformaria e Smith teria vivido de forma piedosa e útil.

Por meio de Sua maravilhosa graça, Deus aceitou Stephen Smith quando ele finalmente se rendeu. Smith viveu seus últimos anos de um modo muito diferente do que o fez naqueles 28 miseráveis anos, quando o testemunho jazeu no baú, mas, infelizmente, os melhores anos de sua vida foram desperdiçados em amargura e ódio.

Detalhes

Um homem chamado Willard Saxby também recebeu um testemunho de Ellen White. Mas o resultado foi muito diferente da experiência de Smith.

Foi numa reunião campal que o irmão Saxby recebeu o testemunho que Ellen White lhe enviou, detalhando algumas das mais graves falhas de seu caráter. Esse lhe foi entregue em mãos e lido pelo pastor A. Durante a leitura do testemunho, o irmão Saxby objetou quatro vezes dizendo: "Não, não; não é assim!"

O pastor A sugeriu que se ele fosse dizer que isso não era assim, então o Senhor o ajudaria a ver que a coisa era assim.

Saxby levou a carta para sua barraca no acampamento. Sua esposa já havia ido deitar-se. Ele estava tão agitado que insistiu em ler um parágrafo que dizia respeito ao casal. Depois de lê-lo, continuava repetindo que isso não era assim. A esposa assentou-se na cama e, apontando o dedo para ele, afirmou com gravidade: "Willard, é assim! Por certo é assim!"

Ele começou a pensar seriamente que se sua mulher disse que é assim, se o pastor A disse que é assim e, acima de tudo, se o próprio Senhor lhe enviou a mensagem através de Sua serva, devia ser mesmo assim.

Então, Willard Saxby aceitou o conselho do Senhor, dizendo: "Três contra um. Deve ser assim!"

Quão maravilhoso teria sido para a obra de Deus se Stephen Smith houvesse tido a mesma atitude.

CAPÍTULO 16

John Loughborough (parte 1): O Jovem Pregador

Mesmo em idade avançada, John Norton Loughborough se lembrava nitidamente de uma noite extremamente fria, quando sua família foi para a igreja de trenó, com seus sininhos tinindo, enquanto o cavalo trotava. Recordava-se do ar enregelante que lhe batia na face e do som da neve triturada sob os deslizadores do trenó. Ele se lembrava também do texto que o pregador havia lido naquela noite: "Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo", deixando claro que o tempo do julgamento estava às portas.

Enquanto o trenó deslizava, John ouviu casualmente um de seus primos fazer uma observação irônica sobre a vinda de Jesus. Seu avô também a ouviu e com voz calma disse: "Jovem, você deveria ser mais cuidadoso com o modo como trata esse assunto, antes de saber sobre ele."

John também se lembrava de que, enquanto os crentes saíam da igreja naquela noite, haviam tido um vislumbre que os deixara temerosos e fascinados. Havia uma faixa de luz estendida nos céus, que parecia tão larga quanto a Lua. Com a Lua quase cheia brilhando e a faixa de luz lançando seu misterioso brilho no céu, essa era uma visão incomum e impressionante. Paradas em silêncio, as pessoas contemplaram a cena por longo tempo. Elas se lembraram da profecia de Joel: "O Sol se converterá em trevas, e a Lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor" (Jl 2:31). Sem dúvida, esse era o sinal de que Jesus voltaria em breve.

O rapaz que havia feito a brincadeira olhou para o céu noturno com solene assombro. Com voz trêmula, confessou: "Tio Nathan, o senhor e os pregadores adventistas estão certos. Esse é um sinal de que Jesus voltará em breve."

O pregador adventista continuou seus sermões sobre a segunda vinda de Cristo, e a família Loughborough assistiu a todas as reuniões. Com renovado interesse e esperança, o grupo olhava agora ao futuro, para o dia 22 de outubro de 1844, a data que alguns estudiosos da Bíblia haviam fixado como o tempo em que Jesus apareceria com toda a Sua glória.

Porém, juntamente com muitos outros, a família Loughborough sofreu grande desapontamento quando o dia 22 de outubro de 1844 veio, passou, e Jesus não apareceu.

Entretanto, quando maior luz veio sobre os crentes, o jovem John ficou mais feliz do que nunca, pois sua confiança e esperança estavam em Jesus e em Suas promessas.

Uma Família Cristã

John Norton Loughborough nasceu num lar cristão, em 26 de janeiro de 1832, em Victor, Nova York. Embora não fossem pastores ordenados, seu pai e seu avô eram pregadores leigos da Igreja Metodista Episcopal local. Eles foram muito prestativos no estabelecimento de uma pequena congregação e na construção de uma igrejinha em sua comunidade.

Uma das primeiras lembranças de John era a dos cultos familiares da manhã e da tarde. Havia cinco crianças na família e seu pai lia e explicava as palavras da Bíblia, de modo que mesmo as mais jovens podiam entender. Os pequenos gostavam de ir à igreja, mas sua mãe estava frequentemente doente, e nos dias em que ela não podia levá-los aos cultos, eles brincavam de igreja em casa. O pequeno John sempre fazia as pregações e orações.

O pai de John, Nathan, era não apenas um pregador leigo, mas um carpinteiro capaz, que construía armários e cadeiras, bem como edifícios. Ele também era o único fazedor de caixões funerários de toda a comunidade. Algumas vezes, depois de completar seu trabalho na igreja tarde da noite, ele chegava em casa e encontrava um pedido para confeccionar um caixão que seria usado no dia seguinte. Por necessidade, ele passava o restante da noite fazendo o caixão, pois os sepultamentos eram feitos pouco tempo após a morte.

Com a idade de 35 anos, Nathan Loughborough contraiu febre tifoide. O tratamento padrão daquele tempo era sangrar o paciente e ministrar-lhe uma dose de calomelano ou protocloreto de mercúrio. Não se permitia ao paciente tomar água ou respirar ar fresco.

Não é de admirar que o amado pai não sobrevivesse ao tratamento médico. Registros da época revelam que cerca de duas mil pessoas assistiram ao funeral.

John tinha sete anos de idade quando seu pai morreu. Para ajudar a mãe enferma a lidar com as dificuldades e para cuidar dos outros quatro filhos, Johnny foi enviado para morar com seu avô, que tinha uma fazenda não muito distante. O avô tinha muito trabalho para manter o jovenzinho ocupado, e ele gostou de montar o cavalo puxador de arado. Empoleirado no alto do cavalo, ele podia olhar para trás e ver o arado sulcando a terra escura. Ele gostava de viver com os avós e, embora fosse muito novo e muito pequeno para sua idade, não receava trabalhar.

Algumas pessoas da cidade não eram muito amistosas com os cristãos metodistas e, ocasionalmente, até lhes criavam problemas. Um dia, vovô Loughborough encontrou derrubadas várias partes de sua cerca e o gado do vizinho desfrutando uma saborosa refeição em seu milharal. Mas, como um cavalheiro cristão que era, sem dizer uma palavra, seu avô levou o rebanho de volta. Embora o proprietário e seus filhos rissem e fizessem observações maldosas, ele fez os necessários reparos na cerca. Então foi para casa e orou por aquela gente que havia deixado o gado invadir sua propriedade.

Noutra ocasião, a família voltava da igreja para casa e viu que suas cerejeiras carregadas haviam sido mutiladas por serras e machados. E aquela havia sido a melhor safra de cerejas em anos. Semanas mais tarde, os galhos decepados com cerejas apodrecidas foram encontrados numa área densamente arborizada, a cerca de oitocentos metros de distância. A mesma coisa aconteceu com as peras de uma grande pereira; e pior: as peras já estavam vendidas. O avô de John não fez qualquer acusação pública, mas orou fervorosamente por aqueles homens que estavam tão decididos a persegui-lo. Finalmente sua bondade cristã teve êxito e aqueles homens se tornaram seus leais defensores.

Os valores morais de John Loughborough foram formados por aqueles que ele viveu em sua família: "Faça aos outros o que vocês querem que os outros lhes façam."

A Educação é Necessária

Estando plenamente convicto de que seu neto deveria ter uma boa educação, vovô Loughborough fez planos para que John tivesse a necessária formação.

John estava ansioso por ir à escola e ele também queria se tornar um talentoso artesão. Um de seus primos tinha um violino e John achava que poderia aprender a tocá-lo. Não tendo dinheiro para comprar um, ele fabricou o seu, usando madeira de faia para moldar o corpo do delicado instrumento. O violino estava bem proporcionado e equilibrado, como aqueles vendidos nas lojas de instrumentos musicais. Seu som deve ter sido muito bom, porque o médico que vivia na cidade comprou-o por um valor significativo.

As habilidades de carpintaria de John eram mais desenvolvidas que as musicais, e ele nunca aprendeu a tocar muito bem.

Aos 15 anos de idade, John foi viver com seu irmão e a cunhada, a fim de obter uma boa formação educacional que ele e seu avô haviam planejado. O projeto previa que ele trabalhasse na oficina de construção de carruagens do irmão durante o verão, e fosse para o colégio no inverno. Mas o plano falhou. Sete meses mais tarde, seu irmão fechou a loja e se mudou para Adams Basin, Nova York, onde foi trabalhar com outro construtor de carruagens.

Isso deixou John sem trabalho e ele voltou para casa para viver com a mãe e estudar no colégio da localidade. Ele trabalhou como zelador, limpando salas de aula, fazendo lareiras e tocando a sineta, em troca de seu estipêndio.

Algum tempo depois de sua volta para casa, seu tio Norton foi vê-lo.

Ele disse com um sorriso: "John, estou indo visitar seu irmão em Adams Basin. Você gostaria de viajar comigo? Ficaremos lá por todo o fim de semana."

"Ó, tio Norton, gostei disso! Estou certo de que mamãe não se importará. Vou perguntar a ela."

Assim John e seu tio Norton foram para Adams Basin. No domingo, John ansiosamente foi a uma reunião de um dia de duração, realizada por Phinehas Smith, um pregador adventista. John ficou tão interessado no que ouviu que mudou seus planos para poder assistir às reuniões das semanas seguintes. Arranjou um trabalho numa oficina local de ferreiro, onde aprenderia a construir carruagens. Ele poderia conseguir um quarto no próprio local de trabalho e ainda assistir às reuniões adventistas.

John voltou para casa a fim de fazer as malas e, com certa tristeza, disse adeus à sua mãe. Ele tinha um trabalho; mas será que poderia frequentar a escola também? Decidido a seguir a orientação do Senhor

– que por enquanto parecia ser essa – voltou para Adams Basin para começar seu novo trabalho.

Enquanto se ocupava das tarefas na oficina de ferreiro, John mantinha a Bíblia perto de si para poder estudá-la nos momentos vagos. Ele ouvia a pregação de Phinehas Smith à noite e no dia seguinte revisava todos os textos que o pastor havia utilizado. Quando o trabalho diminuía, John frequentemente ia até um galpão atrás da oficina e ali orava. Estava seguro de que Deus queria que ele propagasse as boas-novas da vinda de Cristo, e isso aconteceu somente um pouco antes de tomar a importante decisão de entregar sua vida a Deus. Ele e outro homem foram batizados pelo evangelista Smith num canal profundo, unindo-se aos adventistas do primeiro dia.

Usando um velho fole e um martelo de bigorna, o trabalho na oficina de ferreiro era quente e pesado, mas John fielmente fez sua parte em cumprir o acordo com o homem que o havia contratado. Quando os fregueses iam à oficina, John tentava falar com eles sobre a verdade bíblica que estava aprendendo. Alguns se mostravam interessados e receptivos, mas a maioria zombava.

A oficina do ferreiro estava próxima do Canal Erie. Atrás da oficina havia uma lagoa rasa, criada pelo transbordamento das águas do canal quando os barcos passavam. Essa lagoazinha de água suja era o lugar perfeito para um criadouro de mosquitos transmissores de malária. Dizer que esse era um ambiente insalubre é colocar a coisa em termos muito brandos.

O ferreiro havia prometido a John um treinamento em construção de carruagens. Mas promessas, promessas – foi apenas o que ele teve. Durante o tempo em que ele ali trabalhou, nenhuma carruagem chegou para reparos. Ele nada aprendeu sobre construção de carruagens, uma arte que ele esperava aperfeiçoar a fim de abrir um negócio.

Depois de trabalhar por três meses, ele finalmente rescindiu seu contrato com o proprietário, por descumprimento de sua parte no acordo. Seus rendimentos brutos daqueles três meses foram um quarto, comida e um surrado avental de pele de bezerro.

Parecia que tudo estava contra ele. John não estava se sentindo bem, e estava completamente desanimado. Nada mais havia a fazer senão voltar para a casa de sua mãe. Em alguns dias, John começou a suar muito e tremer por conta de uma temível malária. A mãe cuidou dele em meio aos graves calafrios e febre, orando com ele e por ele.

A cada surto de calafrios e febre, ele se sentia fortemente impressionado a falar aos outros sobre as maravilhosas verdades que havia aprendido na Bíblia. Quando o calafrio passava, ele dizia para si mesmo: "Como pode um garoto de 16 anos pregar? Quem iria ouvi-lo?"

Então, um dia, ele sofreu dois fortes calafrios, um após o outro. John estava certo de que morreria. Enquanto orava, ouviu uma voz que lhe dizia para sair e pregar. Ele respondeu:

"Senhor, interrompe estes calafrios e a febre e eu sairei e pregarei tão logo me sinta suficientemente forte para fazê-lo." Depois daquele dia não houve mais calafrios e ele começou a se recuperar lentamente.

John tinha feito a promessa de ir, mas como Deus lhe tornaria possível pregar? Ele não tinha dinheiro ou mesmo roupas apropriadas para se levantar diante do público e pregar. Sua longa enfermidade o deixara debilitado e fragilizado. Ele não tinha forças para cortar madeira ou realizar outra tarefa pesada para ganhar dinheiro, mas fez pequenos serviços.

O tempo passou. Nos dias em que John se sentia muito fraco para trabalhar, ele estudava sua Bíblia e escrevia sermões. Ele queria começar a pregar tão logo fosse possível. Um dia, quando ele se sentiu um pouco mais forte, o vizinho ofereceu-lhe um trabalho de serrar madeira, pelo qual lhe pagou um dólar. Esse dólar era o único dinheiro que tinha, embora fizesse o máximo para ganhar e economizar.

Ele sentia que precisava pregar sobre a breve volta de Jesus; ele tinha que pregar! Mas ainda não tinha dinheiro e roupas suficientes. Como fazê-lo?

Sabendo de seu desesperado desejo de propagar o evangelho, o mesmo vizinho que lhe havia dado trabalho, deu-lhe também um colete e um par de calças. Mas o vizinho era um homem grande, com 1,83 m de altura, e John Loughborough não era muito grande ou alto. As calças eram 18 cm mais longas. Assim, esse excesso foi cortado, mas ainda as calças não serviam – elas eram muito largas.

Mas John as vestiu e ficou feliz com elas. Seu irmão lhe deu um casaco, também muito grande. Cortado e justaposto na frente, ele se tornou um sobretudo com duas fileiras de botões. Ele teria de servir como um casaco de terno também.

Assim trajado – calças muito compridas, camisa pendendo em seus magros ombros, um sobretudo recortado formando um casaco de terno,

com as mangas cobrindo-lhe as mãos – John Loughborough estava pronto para sair e pregar.

Somente uma pessoa no mundo – seu irmão – sabia de sua decisão de sair e pregar. Seu plano era começar num lugar distante cinquenta quilômetros de casa. John raciocinava que se ele fracassasse, ninguém de sua cidade jamais ouviria sobre isso. Mas se o Senhor abençoasse seus esforços com o sucesso, ele saberia que estava fazendo a vontade divina.

Um Amigo de seu Pai

Então, certo dia, Caleb Broughton,[1] um velho amigo da família, foi visitá-lo. E perguntou-lhe:

– John, o que você vai fazer no inverno?

– O homem para quem trabalhei durante o verão quer que eu volte para sua oficina de carruagens – respondeu John respeitosamente. – Mas ele sequer me pagou pelo trabalho que fiz. Acho que ele é de pagar pouco.

– Tudo bem – volveu o Sr. Broughton –, mas o que você vai fazer?

– Bem, meu irmão me pediu para ficar com ele, ir à escola e fazer trabalhos para custear um quarto e refeições.

– Sim – repetiu o Sr. Broughton. – Mas o que você vai fazer?

– Pois bem, irmão Broughton – John respondeu de maneira cuidadosa –, estou decidido a ir para o oeste de Rochester e tentar pregar.

Finalmente! Até que enfim ele havia falado sobre seu acariciado sonho. Ele esperava que o amigo não risse e dissesse que tudo isso soava com um monte de tolices.

John ficou surpreso ao erguer os olhos e ver um amplo sorriso na face do Sr. Broughton.

– Agradeça ao Senhor! – ele exclamou. – Era isso mesmo que eu esperava que você fizesse: tornar-se um pastor do evangelho.

Então contou a John uma história que o jovem nunca havia ouvido antes.

– Um dia eu estava visitando seu pai. Você ainda não tinha dois anos de idade e estava brincando no chão com blocos de madeira. Seu pai estava me falando de suas esperanças com relação a seus irmãos mais velhos. Ele estava certo de que seu irmão se tornaria um bom mecânico e sua irmã uma ótima professora. Perguntei-lhe: "Nathan, e o que o nenê vai ser?" Com voz séria ele respondeu: "Irmão Broughton,

[1] Broughton e Boughton foram usados para indicar a mesma pessoa.

esse garoto vai ajudar a soar a trombeta do evangelho."Agora, John, tenho observado você todos esses anos, e não posso dizer o quão feliz me sinto porque você está saindo para pregar.

Após pensar um pouco, ele perguntou:

– Como você vai se arrumar com o dinheiro? Eu sei que você ficou doente.

John disse-lhe que tinha um dólar. Isso pagaria sua passagem para Rochester e ainda sobrariam 25 centavos. Ele faria a pé o restante do caminho até Kendall Corners, Nova York, e começaria a trabalhar ali.

O Sr. Broughton tirou três dólares de seu bolso e os colocou na mão de John.

– Isso o ajudará em seu caminho.

John ficou muito animado pelas bondosas palavras do homem, bem como com sua expressão prática de confiança ao dar-lhe dinheiro. Essa atitude lhe deu a necessária segurança de que estava em missão para Deus pregando o evangelho.

Começando a Pregar

Aquele foi um dia muito importante – pouco antes de seu décimo sétimo aniversário – quando John tomou o trem para Rochester. Portava um embrulho com literatura dos adventistas do primeiro dia, no valor de cinco dólares, esperando vendê-la a fim de ajudar a custear suas despesas. Ao chegar a Rochester, ele caminhou 16 quilômetros até a casa de seu irmão em Adams Basin, onde passou a noite. O irmão deu-lhe um pequeno saco para carregar a literatura, sua Bíblia, um hinário e uns poucos itens pessoais.

Que coragem deve ter tido o jovem John Loughborough para caminhar 16 quilômetros de Rochester até Adams Basin, e então outros 25 quilômetros até Kendall Corners! O inverno estava na metade e suas vestes muito longe de prover calor. Quão cortante deve ter sido o vento passando por aquelas calças largas e casaco fino! Mas em anos posteriores ele não se lembrava de haver passado frio ou se sentido desconfortável. Dureza era um modo de vida naqueles dias, e ele estava ansioso para se pôr a caminho a fim de pregar a mensagem da breve volta de Jesus. O que era um friozinho ou desconforto quando um chamado tal estava perante ele!

Seu Primeiro Sermão

Obtendo permissão para usar uma pequena igreja batista em Kendall Corners, Nova York, John Loughborough pregou seu primeiro

sermão no dia 2 de janeiro de 1849. Circularam notícias na comunidade dando conta de que um "rapazinho" iria pregar. A igreja ficou repleta e cada pessoa ansiosa por ouvir o sermão do jovem pregador sobre o Jardim do Éden, a desobediência de Adão e Eva, e sua torturante perda por causa de escolhas erradas.

Enquanto John contemplava os rostos sérios no auditório, Deus lhe deu a certeza de que o estava usando, e o Espírito Santo impressionou os corações. Nem sua idade, nem a maneira cômica com que estava trajado pareciam prejudicar sua mensagem. Talvez o Senhor fizesse com que os olhos do povo não notassem como John estava vestido. Mas foi bom que ele não viesse a saber, senão posteriormente, que havia sete pastores na congregação naquela noite.

Ele pregou por duas noites na pequena igreja, citando cuidadosamente a Escritura para provar seus pontos de vista. As pessoas aceitaram com avidez o que John disse, pois podiam ver que ele provava tudo com a Bíblia. Mas os pastores não gostaram do que estava acontecendo, e no fim da segunda reunião houve um anúncio de que aulas de canto estariam começando na noite seguinte, na igreja. A igreja não mais estaria disponível ao jovem pregador.

Algumas pessoas no auditório sabiam que as aulas de canto haviam sido rapidamente arranjadas com o propósito de interromper as reuniões, e elas prontamente convidaram John para fazer suas reuniões no prédio da escola, oito quilômetros mais ao sul. Um dos administradores morava próximo à escola, e ele convidou o jovem pregador para ficar com sua família e continuar as reuniões. John aceitou imediatamente o convite e pediu ao administrador para marcar um sermão para a próxima noite.

Na manhã do dia seguinte, quando John estava quase para sair da escola, recebeu uma mensagem dizendo que algumas pessoas do vilarejo queriam falar com ele. Quando chegou ao lugar da reunião, encontrou muita gente discutindo acerca da reunião da noite anterior. Ele gostou de conversar com eles e responder-lhes as perguntas. Então chegou um pastor batista. Ele olhou John de alto a baixo, observando-lhe as roupas muito largas, incluindo o sobretudo recortado que servia de casaco. "Você teve grande assistência na última noite?", perguntou com desdém.

"Sim, de fato", respondeu John, "e as pessoas pareciam muito interessadas."

O pastor disse que elas, provavelmente, estavam curiosas para ouvir um jovem pregador. E prosseguiu: "Diga-me, Sr. Loughborough, ouvi você dizer que quando uma pessoa morre, ela não vai para o Céu?"

"Sim, está correto. Foi o que eu disse."

Essa era uma verdade bíblica recém-descoberta, e nem todos os adventistas criam nela ainda. Mas John Loughborough a havia estudado cuidadosamente e sabia ser ela uma verdade divina.

"Bem, jovem", volveu o pastor, "como você explica o texto que diz: 'E irão estes para o castigo eterno, a morte que nunca termina'?"

"Senhor", replicou o jovem pregador respeitosamente, "metade do texto que o senhor citou está no hinário metodista e a outra metade está na Bíblia. A expressão 'a morte que nunca termina' não está na Bíblia."

O pastor insistiu que havia um texto dizendo o que ele havia afirmado e que poderia ser encontrado em Apocalipse 25.

Para o grande prazer de todas as pessoas que estavam presenciando o diálogo, o jovem respondeu: "Meu bom senhor, há apenas 22 capítulos no Apocalipse. Seu texto deve estar três capítulos mais fora da Bíblia!"

O pastor aproximou-se com todo o seu tamanho e olhou bem alto, além do "garoto". Então trovejou: "Digo-lhe que ele está no vigésimo quinto capítulo do Apocalipse. Dê-me a Bíblia e eu lhe mostrarei."

Ele pegou a Bíblia e começou a folhear as páginas do Antigo Testamento. Afinal, perguntou: "Hum! Onde está o Apocalipse?"

"Olhe perto da contracapa da Bíblia", John disse-lhe calmamente. "O Apocalipse é o último livro da Bíblia e, como o senhor pode ver, há apenas 22 capítulos.

Confuso, o pastor olhou para a Bíblia por um momento e então observou: "Bem, eu gostaria de conversar com você por mais tempo, jovem, mas tenho um compromisso." E em silêncio deixou a sala.

Ele havia dito às pessoas que iria mostrar ao "jovem pregador" em cerca de dois minutos onde ele estava errado. O pastor pode ter lido muitos livros, mas, aparentemente, não estava muito familiarizado com sua Bíblia.

Do Primeiro Para o Sétimo Dia

Em 1851, quando John estava com 20 anos, ele se casou com Mary J. Walker. Logo eles se mudaram para Rochester, Nova York, onde ele trabalhou como pintor de residências. Ele também era um pregador leigo para os crentes adventistas que ainda adoravam no primeiro

dia da semana. Ele tinha três igrejas, duas delas a muitos quilômetros de Rochester, e ele visitava cada uma delas a cada fim de semana. Seu tempo era gasto em pintar casas durante a semana e visitar e pregar aos sábados e domingos. Ele também vendia fechaduras da marca Arnold para janelas, que lhe davam dinheiro suficiente para viver e pagar suas despesas de viagem.

Durante esse tempo, John estudou o que a Bíblia diz sobre o santuário de Deus e procurou evidências bíblicas para a guarda do domingo. Certa noite, ele teve um sonho no qual parecia estar numa reunião numa sala enfumaçada e parcamente iluminada. De lá ele podia ver uma sala limpa, bem iluminada, cheia de pessoas que tinham Bíblias em suas mãos, apreciando com avidez a Palavra de Deus. Ele também viu um gráfico com figuras de animais estranhos. Ao lado do gráfico estava um homem alto, que parecia dedicado à Palavra de Deus. Em seu sonho, John entrou na sala iluminada. Ele despertou, então, com a impressão de que logo encontraria grande luz sobre a questão que havia estudado do santuário.

Num brilhante dia de setembro de 1852, Jonathan Orton, um bom amigo de John, convidou-o para uma reunião que seria realizada à noite. Orton já tinha decidido lançar sua sorte com os guardadores do sábado, e queria que John chegasse à mesma conclusão por meio do estudo particular do tema.

Quando convidou John a acompanhá-lo, Jonathan mencionou que duas das congregações de John haviam se unido ao "povo do sétimo dia", e que o Sr. Andrews estava fazendo palestras sobre o sábado. Ele sugeriu que talvez John pudesse levantar algumas questões sobre essa nova mensagem, citando os textos que ele havia reunido, os quais mostravam que a lei havia sido abolida. Como já havia pensado sobre isso, John achou que era uma boa ideia. Ele e seu amigo Jonathan foram juntos à reunião.

Quando entraram no salão, John ficou surpreso em ver o gráfico que ele tinha visto em seu sonho. Então ele reconheceu J. N. Andrews como o homem que havia visto. Quando o pastor Andrews apresentou seus pontos de vista sobre o sábado, ele usou os mesmos textos que Loughborough possuía em sua lista para observar o domingo. Um por um, John se sentiu forçado a eliminar os textos, pois Andrews provava seus pontos de vista com os próprios versos que ele havia anotado para provar ideias contrárias.

Quando a reunião terminou, John Loughborough estava convencido de que ele havia estado muito enganado ensinando que a lei moral havia sido abolida. Ele descobriu que havia duas leis – a lei cerimonial, que dizia respeito aos sacrifícios e a outras cerimônias, e a lei moral, conforme apresentada nos Dez Mandamentos. A lei cerimonial é que havia sido abolida e não os Dez Mandamentos.

Mais tarde ele descreveu esse acontecimento com sendo algo similar a uma magnificente visão numa bela expansão de luz. John estava mais do que grato a Deus por guiá-lo. Ele sentiu a certeza de que havia muito mais ainda a aprender. Encerrando seus compromissos com os adventistas do primeiro dia, Loughborough se uniu ao pequeno grupo dos observadores do sábado, em Rochester. Esse grupo se reunia na Avenida Mount Hope, 124, no lugar onde os adventistas observadores do sábado faziam seus impressos e onde os obreiros viviam.

Jonathan Orton

Jonathan Orton, o homem que havia convidado John Loughborough para a reunião conduzida por J. N. Andrews, tinha como meio de vida conduzir um táxi – veículo de transporte puxado por um cavalo. Certa noite, em março de 1866, ele chegou em casa e disse para sua esposa que ia levar os cavalos para o celeiro. Seu filho Alva deveria se casar no domingo seguinte, e como estava esperando que Jonathan voltasse para casa para ajudar nos preparativos finais, Caroline sentiu uma curiosa mistura de felicidade e temor. Felicidade pela proximidade do casamento do filho e temor pelo futuro.

Depois de esperar uns vinte minutos pelo marido, Caroline foi até o celeiro para ver o que estava acontecendo. Ela o encontrou com o lado direito da cabeça e face esmagado e sangrando. Em resposta aos gritos dela, os vizinhos vieram rapidamente e o levaram para dentro de casa. O médico veio, a polícia chegou, mas havia pouca coisa que o médico pudesse fazer, e Jonathan Orton faleceu por volta da meia-noite.

Em lugar de um casamento feliz para aquele domingo de março, a família Orton sepultou o esposo e pai.

John Loughborough fez o que pôde para consolar a família. Ele lembrou Caroline da impressiva visão que Ellen White havia tido no último mês de dezembro.

Tiago e Ellen White haviam estado em Our Home de Hillside, um retiro de saúde de Dansville, onde Tiago havia sido enviado para

repouso e restabelecimento de um grave derrame. Todavia, Ellen não estava satisfeita com o tratamento e o levou de volta para Battle Creek. Ele estava ainda muito fraco e a viagem lhe foi penosa. Assim eles fizeram uma parada em Rochester, em sua viagem de volta para casa, onde os membros da igreja se reuniram para orar por ele duas vezes por dia. Jonathan Orton foi um dos membros da igreja de Rochester que orou pela recuperação de Tiago White.

Durante uma reunião de oração no dia de Natal, Tiago recebeu uma notável bênção de Deus. Mais tarde, Ellen White teve uma visão na qual foi instruída a advertir o povo adventista de Rochester de que a ira de Satanás se havia levantado contra eles enquanto oravam por seu marido. Ela lhes disse: "Satanás está determinado a desferir um poderoso ataque sobre vocês." Passados mais ou menos três meses, essa visão se cumpriu quando Jonathan Orton foi assassinado. O mistério nunca foi solucionado.

Depois da morte do marido, Caroline Orton entrou em profunda depressão da qual nunca, realmente, se recuperou. Ela faleceu em 1873. J. N. Andrews escreveu na *Review*:

"Em 1866, um terrível golpe foi desferido contra ela com o assassinato de seu esposo. Foi mais do que ela podia suportar. Incredulidade e irreconciliação acrescentaram à grande agonia em sua taça um fel ainda mais amargo. As palavras não podem expressar a angústia que ela sofreu. Com o passar dos anos, todavia, a luz gradualmente irrompeu em sua mente. Em sua enfermidade derradeira, que foi acompanhada de grande dor, sua mente estava completamente submetida a Deus... Não podemos duvidar de que ela dorme em Jesus."

Para mais detalhes sobre a história de Jonathan Orton, ver Roy Graybill, "O Assassinato de Jonathan Orton", *Insight*, 5 de novembro de 1978.

John Loughborough Encontra-se com Tiago e Ellen White

John Loughborough encontrou-se com Tiago e Ellen White em setembro de 1852, logo após retornarem de extensas viagens pelo oeste do país. John estava assistindo a um culto no sábado, e essa foi a ocasião em que ele proclamou publicamente sua crença no sábado.

Naquele mesmo dia, os White convidaram John para se juntar a eles numa cerimônia de unção de Oswald Stowell, seu impressor, que estava muito doente de pleurisia. O médico disse que nada

poderia fazer pelo paciente; sua morte era certa. Quando eles se ajoelharam ao lado da cama naquele sábado, o pastor White o ungiu com óleo "em nome do Senhor Jesus". Eles sentiram o Espírito de Deus muito próximo, e Oswald Stowell foi curado instantaneamente. Loughborough conta:

"Quando nos levantamos da oração, ele estava sentado na cama, batendo em seus flancos, que antes estavam tão doloridos, e dizendo: 'Estou totalmente curado. Sinto-me capaz de ir trabalhar na impressora amanhã.'" Dois dias mais tarde, ele já estava no trabalho.

Enquanto eles estavam orando, Ellen White teve uma visão. Depois ela falou sobre algumas coisas que lhe haviam sido reveladas. Antes de tudo, ela havia recebido informações especiais para John Loughborough, e nós podemos estar certos de que ele as ouviu atentamente. Loughborough escreveu:

"Ela me falou a respeito do trabalho de minha mente antes de aceitar a verdade do sábado. Ela conhecia até os pensamentos que eu nunca revelei a ninguém. Falou-me sobre o modo como eu havia sido tratado por meus antigos companheiros e da maneira descortês com que haviam falado comigo."

Enquanto a ouvia falar dessas coisas, disse a si mesmo: "Certamente há um poder sobre-humano ligado a essa visão."

O Negócio de Ferrolhos Para Janelas

Depois de John Loughborough aceitar o sábado, suas vendas de fechaduras para janelas começaram a cair. A despeito de suas orações para que o Senhor mantivesse seu negócio prosperando, John tinha a clara impressão de que Deus o queria dedicando todo o seu tempo ao ensino das verdades bíblicas que havia aprendido. Parecia que Deus o estava chamando. Mas continuava achando que deveria trabalhar duro para poder dar suporte financeiro a outros pastores, que poderiam fazer a obra de Deus melhor do que ele.

Todavia, quanto mais trabalhava, menos vendas fazia. Os construtores lhe diziam que estavam planejando utilizar os ferrolhos de janelas, mas que levaria algum tempo antes de estarem prontos para fazer os pedidos. Nesse meio-tempo, suas economias se esgotaram e ele estava apenas com uma moeda de prata de três centavos no bolso.

No sábado seguinte, John foi para casa após a reunião e subiu para orar. Sua oração foi: "Senhor, se Tu abrires o caminho, eu vou pregar."

Enquanto orava, sua fé cresceu um pouco mais e ele se dispôs a dizer: "Eu obedecerei, Senhor, e Tu abrirás o caminho."

Imediatamente sentiu-se aliviado e agradeceu a Deus. Sua mensagem para si mesmo era: "O Senhor me disse para ir e Ele proverá."

Dois ou três dias depois, sua esposa se aprontou para ir à cidade. Ela lhe disse que tinha que comprar fósforos e linha, e precisava de dinheiro para isso. Pondo a mão no bolso, John tirou a pequenina moeda de prata.

"Mary, eis uma moeda de três centavos", disse ele, estendendo a mão para dá-la à esposa. "É todo o dinheiro que temos no mundo. Compre um centavo de fósforos e gaste somente outro centavo. Traga um centavo de troco para que não fiquemos inteiramente sem dinheiro. Tenho tentado fazer negócios, mas simplesmente não dão certo."

Essas palavras inesperadas foram mais do que ela podia suportar, e Mary desatou a chorar. John contou-lhe o problema que havia perturbado seu coração e como, finalmente, o havia exposto diante de Deus.

"Mary, minha querida, estou certo de que a razão desse negócio de fechaduras não ser bem-sucedido é que não tenho me dedicado integralmente à pregação da verdade. Quando eu estava orando sozinho em nosso quarto, no sábado, tão logo me comprometi a obedecer ao chamado do Senhor, Ele me deu a certeza de que abriria o caminho. Eu não sei como Ele fará isso, mas sei que o fará."

Mary fez uma breve oração, pôs o casaco e foi para a cidade. John assentou-se à mesa e continuou seu estudo da Bíblia.

Cerca de meia hora depois, bateram à sua porta. John atendeu e convidou o estranho a entrar, e o homem foi diretamente ao propósito de sua visita.

"Sou o Sr. Green, de Middleport. Estou me mudando para Ohio por causa da saúde. Quero iniciar um pequeno negócio para passar o tempo e pagar minhas contas. Thomas Garbut me disse que o senhor vende ferrolhos Arnold para janelas. Eu pago 80 dólares pelas fechaduras e peço ao senhor que selecione um sortimento do qual eu possa precisar. Amanhã eu pegarei os ferrolhos e farei o pagamento."

Pasmo, Loughborough só pôde ficar olhando para o homem. Então, recompondo-se, fechou o negócio com o Sr. Green, que logo seguiu seu caminho. A comissão sobre essa venda perfazia mais de 26 dólares, muito dinheiro para aquele tempo. Agora Mary poderia comprar

todos os fósforos de que precisasse! Quando ela voltou para casa, ouviu-o cantando.

"Mary", disse John, "enquanto você estava na cidade, o Senhor abriu o caminho para eu sair e pregar."

Aqueles 26 dólares atenderam a todas as necessidades deles, e John se sentiu livre para dedicar seu tempo ao trabalho para o qual Deus o estava chamando a realizar.

O Início do Ministério Itinerante de Loughborough

No sábado seguinte, o Senhor impressionou Hiram Edson, um fazendeiro pregador de Port Gibson, Nova York, a ir imediatamente a Rochester. A impressão era tão forte que Edson nada pôde fazer senão sair imediatamente. Naquela mesma noite ele pegou o trem para Rochester, chegando lá às 21 horas.

Tomando uma carruagem-táxi para a Avenida Mount Hope, 124, Edson bateu à porta. Quando Tiago White abriu, Edson perguntou: "O que você quer de mim? O Senhor me disse para vir imediatamente."

Tiago White não titubeou. "Desejamos que você apanhe o velho cavalo Charlie e a carroça", disse ele, "e transporte o irmão Loughborough para um circuito de seis semanas, desde Nova York até a Pensilvânia. Queremos que você o leve para começar a pregar a mensagem do terceiro anjo."

E foi assim que Deus abriu o caminho! Edson e Loughborough passaram seu primeiro sábado do circuito em Orangeport. Uma tremenda nevasca tornou-lhes impossível viajar de carroça, e ela foi trocada por um trenó fechado de quatro deslizadores, chamado "pung". Na véspera do Natal de 1852, eles chegaram a Búfalo sob uma tempestade de neve. Loughborough não tinha sobretudo. De fato, ele nunca teve um. Hiram Edson parou numa loja e comprou o tão necessitado casaco. Então eles seguiram para Fredonia, onde realizaram reuniões durante alguns dias.

Na pequena cidade de State Line, Nova York, Lewis Hacket tinha combinado com Loughborough para falar na tarde e noite de domingo no prédio escolar. A reunião da manhã devia ser comandada por outro pastor. Edson e Loughborough decidiram assistir a essa reunião para ver o que o pastor tinha a dizer. Isso também lhes daria oportunidade para fazer anúncios de suas reuniões.

Todavia, quando aquele pastor não compareceu, Loughborough foi solicitado a falar no domingo de manhã também. Havia grande

interesse na congregação, e tanto as reuniões da tarde quanto da noite estavam lotadas.

Os homens tiveram uma calorosa recepção ao longo de seu itinerário. Muitas pessoas aceitaram a mensagem do sábado, da breve volta de Jesus e entregaram a vida a Deus.

Rumo ao Lar, Afinal

O tempo começou a melhorar e a neve derreteu rapidamente. Era hora de os dois pregadores itinerantes pegarem o trenó e voltar para Rochester. Eles passaram o sábado na casa de uma família de crentes. O dono da casa se mostrava desejoso de pregar a mensagem do advento, mas eles não foram capazes de dar a ele maior encorajamento, pois o homem parecia ser muito vagaroso para ser bem-sucedido na pregação. Sua esposa estava fora cortando lenha para fazer o jantar, enquanto ele se assentava na varanda com os pés apoiados, cantando sobre a vida cômoda que esperava ter no Céu. Ele parecia encontrar grande satisfação no verso: "Nada teremos a fazer, senão marchar ao redor de Jerusalém quando chegarmos ao lar." O homem concentrava seu espírito nesse verso, para não ter muito a ver com os afazeres e o trabalho duro na Terra!

Hiram Edson e John Loughborough haviam viajado por cerca de seis semanas e visitado mais de uma dúzia de grupos de observadores do sábado, bem como muitos crentes dispersos. Aquela foi a primeira viagem missionária de J. N. Loughborough para a futura Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A jornada havia chegado ao fim e, quando os dois chegaram a Attica, Nova York, a neve havia-se derretido toda na estrada e eles tiveram que andar os últimos quilômetros para aliviar um pouco o peso do velho Charlie, ao puxar o pesado trenó sobre o terreno seco. Quando chegaram a Rochester, Loughborough montou Charlie sem sela nos últimos oitenta quilômetros até Orangeport, para pegar a carroça que eles haviam deixado lá em dezembro.

O Velho Cavalo Charlie

O cavalo do pastor Tiago e da Sra. White, Charlie, era popular e bem conhecido dos observadores do sábado nos estados do Leste. Em 1850, os membros da igreja de Sutton, Vermont, levantaram 175 dólares para comprar um cavalo e uma carroça como amoroso reconhecimento

e apoio ao casal White. As viagens de diligência eram duras e complicadas, e esgotavam as energias dos viajantes. Seria muito melhor para os White ter uma carroça e um cavalo próprios.

Os White tinham que escolher entre pelo menos três cavalos. O primeiro era um animal fogoso, cor de canela, e o anjo assistente da Sra. White disse: "Não. Não é esse!"

O próximo era um grande animal acinzentado. O anjo também disse não para esse.

Então veio um belo cavalo castanho e o anjo disse: "Esse é para vocês!" Seu nome era Charlie e, a despeito de seu dorso curvo, ele os serviu bem e fielmente durante muitos anos. Ele os levou não apenas através de toda a Nova Inglaterra, mas também ao Canadá e ao Oeste.

Charlie gostava muito de maçãs. Enquanto eles viajavam pelo Maine e New Hampshire, onde pomares ladeavam as estradas, Charlie se deliciava em escolher uma boa maçã que havia caído na estrada. Ele a apanhava com seus fortes dentes, erguia a cabeça no ar e saía galopando celeremente pela estrada. Sim, o velho Charlie era bem conhecido e muito amado pelos crentes adventistas.

Os Pastores Perdem seu Caminho

John Loughborough e M. E. Cornell estavam fazendo uma viagem de pregações em 1853, algumas vezes realizando reuniões por dois ou três dias no mesmo lugar. Certa vez, quando eles estavam prontos para atender ao próximo compromisso, um homem veio com um pedido urgente:

"Meu filho está doente com febre alta", disse. "Vocês podem ir e orar por ele? Ele tem apenas 10 anos e diz que se vocês forem e orarem por ele, Jesus o curará."

Já era tarde e ir tão longe de seu caminho tornaria impossível chegar ao seu destino antes do cair da noite. Depois de andar com sua charrete por cerca de uma hora, chegaram a um portão do outro lado da estrada. Eles o abriram e logo puderam ver uma pequena casa.

O homem que lhes havia pedido para ir e orar por seu filho saiu correndo da casa. "Oh, estamos muito felizes porque vocês decidiram vir. O Timmy está perguntando por vocês."

Loughborough e Cornell estavam tão interessados em discutir o trabalho do Senhor que não haviam notado quando o cavalo fez uma volta não programada e os levou diretamente à casa do menino doente.

Eles oraram pelo rapazinho e o Senhor o curou imediatamente. A febre o deixou e ele saiu da cama sentindo-se forte e saudável novamente. Não apenas o rapaz foi curado, mas os pastores não tiveram problema algum em chegar ao local de sua próxima reunião, antes que ficasse escuro para enxergar o caminho.

Ordenado

A primeira reunião evangelística numa tenda foi realizada em Battle Creek, Michigan, em 1854, com cerca de mil pessoas na assistência. Após as reuniões, alguns obreiros se reuniram para orar por direção sobre onde e quando realizar mais encontros. Quando se ergueram da oração, Tiago White fez um importante pronunciamento:

"Irmãos, creio que chegou o tempo de o irmão John ser ordenado ao ministério evangelístico. Se vocês concordam comigo, faremos a cerimônia de ordenação agora, nesta mesma noite."

Houve concordância e novamente o grupo se ajoelhou, desta vez cercando o jovem John Loughborough, com os pastores White e Cornell impondo as mãos sobre a cabeça do jovem pastor. Eles oraram para que o Senhor abençoasse seus esforços e trouxesse muitas pessoas para o reino através de seu trabalho.

Havia outros ministros na obra, naquele tempo, que haviam sido ordenados em outras denominações antes de se juntarem aos crentes adventistas, mas J. N. Loughborough se tornou o primeiro homem ordenado ao ministério daquela que se tornaria a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Desapontamento

No verão de 1856, Loughborough estava desanimado. Ele não sabia como iria realizar reuniões no próximo inverno. Ele parecia haver se esquecido do modo como o Senhor o havia conduzido no passado não tão distante. Loughborough recebera uma carta de J. N. Andrews que, juntamente com trinta outros, haviam se mudado para Waukon, Iowa, para ali fixar residência. O plano era dedicar-se à agricultura e espalhar a mensagem do terceiro anjo, fazendo o trabalho de missionários, bem como de fazendeiros. Loughborough e a esposa decidiram se unir ao grupo. Pensavam que essa seria a maneira de conseguir um lar, ganhar a vida e, ao mesmo tempo, proclamar o evangelho.

John e Mary embalaram seus pertences e se mudaram para Iowa. Chegando a Waukon, ficaram muito desapontados em ver um pequeno vilarejo no meio do nada, cercado por uma pradaria interminável, com apenas umas poucas fazendas espalhadas aqui e ali. Havia pouca oportunidade para pregar. E logo depois de chegarem ali, caiu uma nevasca. Então houve alternadamente degelo, geadas e mais neve. Logo o solo estava coberto por três camadas de gelo e neve. Ir de um lugar para o outro era quase impossível.

Quando o clima se tornou mais moderado, Loughborough comprou algumas ferramentas de carpintaria e começou a trabalhar. Um dia, ele e Hosea Mead – um dos crentes que se havia mudado de Washington, New Hampshire, para Waukon – estavam trabalhando num prédio comercial, quando ouviram alguém chamá-los pelos nomes.

"Desçam!", eles ouviram um homem chamar. "O irmão Tiago, a irmã White e o irmão Hart estão aqui em um trenó."

Mead ficou animado. "Essa é a voz de Elon Everts! Eu a reconheceria em qualquer lugar." (Everts era um fiel membro da igreja de New Haven, Vermont, que havia viajado até Waukon com os White.)

Os dois homens rapidamente depuseram as ferramentas e se apressaram a encontrar os visitantes. Tão logo Loughborough se postou ao lado do trenó, a Sra. White solenemente perguntou: "Que fazes tu aqui, Elias?"

Ela lhe fez a mesma pergunta três vezes, com ênfase em uma palavra diferente cada vez, pois as respostas de Loughborough não foram obviamente satisfatórias.

"*Que* fazes tu aqui, Elias?"

Então: "Que *fazes* tu aqui, Elias?"

E: "Que fazes *tu* aqui, Elias?"

John Loughborough ficou envergonhado. Ele não sabia o que dizer. Ele sabia, e Ellen White também, que martelar pregos na fachada de uma loja não era a obra que Deus o havia chamado a fazer.

Uma noite antes do Natal, todas as famílias adventistas em Waukon se reuniam na casa de John e Angeline Andrews. As reuniões prosseguiam todas as noites até 31 de dezembro. Numa das reuniões, Ellen White teve uma visão mostrando o que havia ocorrido com o grupo durante os meses em que lá estavam. Entre outras coisas, eles haviam falhado em propagar as boas-novas da breve volta de Jesus, e pareciam haver perdido seu primeiro amor. Estavam tão ocupados e cansados

com seu sustento que tinham pouco tempo e energias para falar aos vizinhos sobre o amor de Jesus. Além disso, logo começaram a achar faltas uns nos outros, criticando e enchendo-se de amargura.

Os Loughborough estavam convencidos de seu erro e ambos confessaram suas falhas. "Aposentei meu martelo e preguei meu último prego", John prometeu. Ele voltou para Illinois com Tiago e Ellen White, enquanto Mary permaneceu em Waukon até que ele pudesse providenciar uma moradia para eles.

Logo em seguida, J. N. Andrews também deixou a fazenda e voltou a pregar. Outros do grupo de Waukon o seguiram. Andrews e Loughborough foram resgatados para a obra de Deus e nunca mais foram tentados a deixá-la.

Nosso Lar em Hillside

O ano de 1865 encontrou o pastor Loughborough literalmente desgastado por suas constantes viagens, pregações e por ingerir "alimento impróprio para o consumo humano", como ele mesmo disse. Durante uma de suas viagens, ele teve notícia da enfermidade de Tiago White, e foi imediatamente para Battle Creek. Os médicos aconselharam tanto Loughborough quanto White a se tratarem no Our Home on the Hillside [Nosso Lar na Encosta do Monte], em Dansville, Nova York. Eles passaram cerca de dois meses ali, recuperando-se das enfermidades causadas pelo excesso de trabalho. Poucos anos mais tarde, Loughborough fez um curso de um ano de duração sobre cuidados médicos, e posteriormente escreveu um livro intitulado "Handbook of Health" [Manual da Saúde]. Era um pequeno livro sobre métodos simples para viver saudável – higiene, alimento saudável, ar puro, etc. Essa obra era barata o suficiente para que todos pudessem adquiri-la e foi escrita em linguagem que todos podiam compreender. Loughborough falou sobre o que havia aprendido no curso médico e de sua própria experiência.

O Laço Rompido

Através dos anos, os Loughborough e os White foram amigos chegados. Os homens frequentemente viajavam e trabalhavam juntos, e as mulheres faziam visitas umas às outras em seus lares. Em 1859, Ellen White passou quase um mês viajando pelo Michigan com John, Mary e sua filhinha, Teresa, então com dez meses de idade. Tiago uniu-se

a eles no fim da primeira semana, mas sua pesada carga de trabalho o manteve em Battle Creek. Viajar com um bebê era realmente uma dureza naqueles dias. As estradas eram acidentadas, algumas vezes nem existiam, e a alimentação era escassa. Certa vez, eles não tinham nem leite para sua pequena Teresa, e ela não hesitou em manifestar sua frustração. Todos ficaram muito felizes quando finalmente voltaram para Battle Creek e conseguiram retomar a rotina normal.

Poucos meses mais tarde, no segundo dia de 1860, logo pela manhã o pastor Tiago e a Sra. White foram chamados à casa dos Loughborough. Teresa estava gravemente enferma e tudo parecia indicar que iria morrer. Foi um dia muito triste, com os White velando ao lado da cama da pequenina e tentando confortar seus aflitos pais enquanto a criança morria. Ela foi sepultada no cemitério de Oak Hill, em Battle Creek.

Em 20 de setembro, naquele mesmo ano, o quarto filho dos White, John Herbert, nasceu. Ele viveu menos de dois meses. Um ano mais tarde, Ellen White escreveu para Mary:

"Eu fui até o cemitério de Oak Hill e dei uma arrumada nas sepulturas dos nossos bebês e também no de Clara [Bonfoey]. Deixei-os bem parecidos. Coloquei algumas tamareiras e murtas sobre os túmulos, e ao pé da estaca coloquei um maço de musgo alto. Achei que ficaram bonitos. Voltaremos brevemente para ver se as flores estão em ordem."

A segunda filha de John e Mary Loughborough nasceu em 24 de junho de 1867. Tragicamente, após o nascimento, algo saiu errado e a mãe morreu uma hora depois. John pôs na menina o nome de Mary, como sua mãe. Os Loughborough foram casados por mais de 16 anos.

O irmão do pastor Loughborough e sua esposa saíram de Nova York para cuidar de seu filho Delmer, que tinha quase três anos de idade, e seus bons amigos Myron Cornell e sua esposa cuidaram da recém-nascida.

CAPÍTULO 17

John Loughborough (parte 2): Olá, Califórnia!

Na sessão da Associação Geral em Battle Creek, em maio de 1868, Tiago White perguntou de modo lamentoso: "Ninguém tem alguma impressão de dever relativo ao campo da Califórnia?"

De fato, John Loughborough havia pensado na Califórnia por muitos meses. Quando o pastor White fez a pergunta, John se levantou e disse que estava disposto a ir. Daniel T. Bordeau se levantou de sua cadeira e disse que iria com ele. Realmente, antes de ir para a reunião, Bordeau havia sido impressionado com o senso de que ali haveria grandes mudanças em seus compromissos de trabalho. Ele e a esposa tinham vendido todos os pertences antes de viajar para Battle Creek, e estavam preparados para ir aonde quer que os Senhor os enviasse.

Loughborough, também, havia tido alguns sonhos nos quais parecia embarcar num navio saindo de Nova York rumo ao Istmo do Panamá, e tomando outro navio para a Califórnia. O Canal do Panamá ainda não havia sido construído e a viagem por mar era via istmo. Ele disse em seus sonhos que provavelmente faria aquela viagem umas vinte vezes naquele inverno.

Esse parecia um movimento corajoso. Em 1868, a Califórnia dava a impressão de ficar muito longe, do outro lado do mundo. Ir para lá não era fácil e ninguém sabia o que eles poderiam encontrar quando chegassem. Depois de muita oração e aconselhamento, John Loughborough e D. T. Bordeau tomaram a decisão de navegar para a Califórnia, rumo a um futuro desconhecido.

Os dois homens, juntamente com o pequeno Delmer Loughborough e a Sra. Bordeau, deixaram a cidade de Nova York no dia 8 de junho. Eles levaram duas semanas comprando os suprimentos necessários para a viagem, bem como uma tenda evangelística para seu novo trabalho na Califórnia. Foi em Nova York que John Loughborough se

casou com Margaret Newman, com o pastor Bordeau oficiando a cerimônia nupcial.

Um amigo de Battle Creek, que havia feito a viagem para a Califórnia três vezes, deu-lhes valiosas informações sobre a aquisição de passagens a bom preço. Conseguiram economizar mais de 200 dólares seguindo esse conselho. Eles chegaram a Nova York em 24 de junho de 1868. Ao embarcarem, o chapéu novo do pastor Bordeau, que custara cinco dólares, caiu na água. Loughborough disse que "ele se afligiu com isso todos os dias, até chegarmos ao Panamá". Aparentemente, houve uma "grande aflição" que perdurou por toda a viagem ao Panamá. Afinal de contas, cinco dólares eram muito dinheiro.

O navio chegou em Aspinwall no dia três de julho e eles foram levados por um rebocador até um navio a vapor chamado *The Golden City*, que estava ancorado a um quilômetro e meio da praia. Passaram-se dois dias antes de viajarem para São Francisco, lá chegando no dia 18 de julho, após 28 dias de viagem desde Nova York. A viagem havia sido dura, mas os missionários finalmente chegaram em segurança ao seu destino. Foram logo planejando as reuniões, que deveriam começar em Petaluma.

O Sonho do Sr. Wolf

Mesmo antes do grupo de Loughborough embarcar para a viagem rumo ao Oeste, um tal Sr. Hough, lá na Califórnia, estava estudando a Bíblia com um grupo, procurando a verdade na Palavra de Deus. Um membro do grupo recebeu um jornal de Nova York, noticiando que dois pastores estavam realizando reuniões religiosas numa tenda próxima a São Francisco. O grupo do Sr. Hough fez desses dois pastores objeto de orações em seu encontro semanal.

Certa noite, após a reunião de oração, outro membro do grupo, o Sr. Wolf, sonhou que estava em campo aberto numa noite escura. Em seu sonho, dois homens, que ele entendeu serem dois pastores, estavam acendendo uma fogueira. O fogo logo se tornou brilhante, iluminando todo o campo. No sonho ele viu vários homens tentando apagar o fogo, lançando galhos cortados sobre ele. Isso tornou o fogo mais brilhante ainda.

Os dois pastores acenderam mais fogueiras e outro homem tentava apagá-las. Logo havia cinco fogueiras queimando. O Sr. Wolf reconheceu aqueles homens que estavam tentando apagar as fogueiras como

pastores das igrejas da comunidade. Ele ouviu um deles dizer: "Vamos deixá-los em paz. Isso não funciona. Quanto mais tentamos apagar as fogueiras, mais brilhantes elas se tornam."

Em seu sonho, o Sr. Wolf também ouviu que aqueles que estavam ateando as fogueiras eram os dois evangelistas vindos de Nova York com a tenda.

O Sr. Hough foi mandado para procurar os dois pastores de Nova York. Como se pode imaginar, isso seria como procurar agulha num palheiro. Mas Deus milagrosamente o guiou pelo caminho. Quando chegou em São Francisco, o Sr. Hough foi diretamente para o cais da companhia Pacific Mail e perguntou onde estava uma tenda vinda do Panamá em seu navio, o *Golden City*. Nesse instante, o entregador que havia levado recentemente a tenda a seu lugar de destino retornou ao armazém. Ele contou ao Sr. Hough onde poderia encontrar os pastores e sua tenda.

Quanto aos dois missionários, eles somente poderiam agradecer a Deus por responder às suas orações e abrir o caminho. O Sr. Hough pediu aos pastores Loughborough e Bordeau que fossem a Petaluma no dia seguinte, para se reunirem com seu grupo. Quando foi encontrá-los na estação ferroviária, ele disse que ficariam em sua casa naquela noite, mas seriam recepcionados com um almoço na casa do Sr. Wolf, que desejava ver se aqueles eram os mesmos homens que ele vira em sonhos. Quando os viu chegando à sua casa, exclamou: "Querida, *lá estão eles*. Esses homens são *idênticos* aos que vi no sonho!"

Os pastores trouxeram suas famílias para Petaluma, e o Sr. Hough os ajudou a encontrar casas e um bom lugar para a tenda. Então ele arrumou madeira para fazer assentos para a tenda. Na reunião do segundo domingo à noite, não havia assentos suficientes para as pessoas que foram. O Sr. Rice, que havia um pouco relutantemente emprestado a madeira para eles, estava tão feliz com o sucesso das reuniões que lhes ofereceu todas as tábuas pelo tempo que precisassem.

O Senhor operou muitos milagres enquanto John Loughborough e D. T. Bordeau davam início ao seu trabalho na Califórnia. Eles escreveram na *Review and Herald*:

"Um amigo que vivia naquelas paragens já por treze anos contou-nos que ele nunca havia visto tão grande interesse na discussão de temas bíblicos. Os membros das igrejas já estão alarmados por virem seus congregados assistindo a nossas reuniões. Eles tentam mantê-los

distantes, mas esses californianos são muito independentes da lei da mordaça. Eles dizem aos seus líderes: 'Vocês podem dizer o que quiserem, mas eu estou indo às reuniões de qualquer jeito!'"

A Dra. Parrot é Curada

Os pastores Loughborough e Bordeau deram início a uma série de reuniões na tenda, com duração de seis semanas, no dia 22 de abril de 1869, em Santa Rosa, Califórnia. Quando chegou a ocasião de os evangelistas apresentarem a doutrina bíblica dos dons espirituais, o pastor de uma das maiores igrejas locais disse aos seus paroquianos que aqueles dons não eram mais concedidos. Disse ainda que tais dons foram dados apenas até que a igreja cristã se tornasse estabelecida. Mas não demorou muito até que um milagre local pusesse sua teoria em dúvida, e trouxesse mesmo maior afluência de pessoas às reuniões na tenda.

Poucos dias antes do início das reuniões, a Sra. Skinner ficou gravemente enferma e mandou chamar a Dra. Parrot, uma médica com especialização na Europa. Cerca de duas semanas depois, a Sra. Skinner havia melhorado tanto que a Dra. Parrot achou que deveria dar alta à sua paciente e voltar para sua casa em Windsor. Antes de retornar, todavia, ela planejava passar alguns dias em Santa Rosa para poder assistir às reuniões. Já era tarde da noite quando ela estava pronta para ir embora. Havia um cavalo arreado e selado para ela. O plano era que Oliver Skinner, filho da mulher que havia sido curada, acompanhasse a Dra. Parrot e trouxesse o cavalo de volta para casa.

O animal cedido à Dra. Parrot era muito manso, seguro e acostumado a mulheres que cavalgavam de lado. Entretanto, quando ela o montou, ele começou a empinar violentamente, lançando-a ao solo. Em seguida, ele caiu sobre ela, com a sela atingindo seus braços e peito com tal força que o apoio da sela curvou-se totalmente. Os homens da família Skinner ergueram a Dra. Parrot e a levaram para sua casa, mas pensavam que ela já estava morta.

Posteriormente, ela recobrou a consciência, mas não podia falar senão sussurrando. Alguém sugeriu que ela fosse levada a um médico, mas ela lhes disse que um médico não poderia ajudá-la. Ela lhes pediu que chamassem os pastores que estavam fazendo reuniões na tenda. Se eles viessem e orassem, o Senhor a curaria.

Oliver Skinner dispôs-se a ir até os pastores e chegou à tenda justamente quando a reunião estava prestes a se iniciar. Os pastores

Loughborough e Bourdeau achavam que não seria bom encerrar a reunião e mandar a grande congregação para casa. Assim, eles prometeram ir até a casa dos Skinner bem cedo na manhã seguinte. Jackson Ferguson prontamente concordou em levá-los de carroça logo que houvesse luz suficiente. Assim, no dia seguinte, antes do amanhecer, o pastor e a senhora Loughborough estavam a caminho para ver a mulher ferida.

À sua chegada eles souberam que quatro pessoas haviam cuidado da Dra. Parrot durante a noite. Quando ela percebeu que os Loughborough estavam ali, sussurrou: "Unjam-me e orem, e o Senhor me curará." Eles começaram a orar mais fervorosamente, entregando-a aos cuidados do Grande Médico, e a Sra. Loughborough ungiu-lhe a testa com óleo.

Poucos instantes depois, a Dra. Parrot começou a orar em voz alta, não mais com sussurros. Ela bateu palmas e em voz clara anunciou: "Estou curada! Estou curada!" Ela se levantou da cama, vestiu-se e caminhou até a sala próxima para ver a Sra. Skinner, que estava muito melhor, mas ainda presa à cama. Então a Dra. Parrot foi até à cozinha, onde ajudou a preparar a refeição.

O Senhor havia operado de modo maravilhoso no enfrentamento dessa emergência, e naquele mesmo dia a Dra. Parrot viajou para Santa Rosa com os Loughborough. Ela se assentou numa cadeira colocada no vagão para madeira e, quando chegaram à tenda, Parrot desfrutou cada momento da pregação. Ela estava completamente curada e não sofreu qualquer efeito negativo por causa de sua queda. Em acréscimo, Oliver Skinner, que se considerava um descrente, ficou tão impressionado com o que havia testemunhado que se tornou uma firme testemunha diante de todos aqueles que perguntavam sobre as circunstâncias do acidente da Dra. Parrot. A questão dos "dons espirituais" ficou esclarecida para toda aquela comunidade.

Jackson Ferguson, o homem que havia conduzido o pastor Loughborough e sua esposa à casa dos Skinner em sua carroça de madeira, tinha uma cunhada inválida e incapacitada de assistir às reuniões. Ela pediu que os pastores Loughborough e Bourdeau fossem à sua casa e lhe ensinassem alguma coisa do que estavam pregando na tenda. Eles ficaram felizes com isso e foram lá uma vez por semana, durante várias semanas. Quando seu sogro ia ser batizado, ela disse ao pastor Loughborough que queria ser batizada também.

A Sra. Ferguson estava vestida e assentada numa cadeira posta na carroça, a qual ia ser mergulhada no rio. Os dois pastores a levaram

com cadeira e tudo para as águas, onde foi batizada. Quando ela e sua cadeira foram emersas da água, ela deu um grande e alegre brado. Então, levantou-se de sua cadeira, ficou em pé por um momento e depois caminhou através da água para a carroça sem qualquer ajuda. De volta à sua casa, ela tirou as vestes encharcadas, pô-las para secar e declarou-se curada de sua enfermidade. Então preparou um almoço para seus convidados. No sábado seguinte, a congregação na reunião da tenda ficou surpresa em ver a Sra. Ferguson chegar numa carroça de madeira, acomodar-se nos assentos de madeira dura e acompanhar todos os serviços, e então retornar para a reunião da noite – sem qualquer sequela de enfermidade.

Em 1871, cinco igrejas haviam sido estabelecidas em Sonoma County, uma em Santa Rosa, onde a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia, a oeste das Rochosas, foi construída em 1869. J. N. Loughborough foi um dos primeiros presidentes da Associação da Califórnia, servindo durante a década de 1870 e novamente no fim da década de 1880.

Os White Chegam à Califórnia

Tiago e Ellen White chegaram à Califórnia pela primeira vez no fim de 1872. Eles estavam felizes por se associarem novamente à obra do evangelho com seu velho amigo John Loughborough. Tiveram bons tempos visitando o lar de Loughborough, onde conheceram a segunda Sra. Loughborough, Margaret (ou Maggie). Ellen White descreveu a casa como grande, apropriada, de um andar e meio, e os White foram convidados a torná-la seu próprio lar quando desejassem. Ela também achou os dois filhos do casal os melhores, "mais quietos e pacíficos" que já havia visto. John e Maggie pareciam ser muito felizes e isso deixou os White felizes por eles.

Mais Mortes na Família Loughborough

As duas crianças de que a Sra. White falou eram os filhos de John, Delmer e Mary. Sua mãe, Mary Loughborough, havia morrido uma hora após a pequena Mary nascer. Delmer não tinha ainda três anos naquele tempo. Seu pai desposara Maggie Newman um ano mais tarde. Ao tempo da visita dos White à sua casa, no outono de 1872, a nenê de John e Maggie, Elizabeth Eunice, havia morrido recentemente com a idade de cinco meses.

Num triste lance do "destino", Maggie Loughborough havia contraído tuberculose. Sua irmã veio do Leste para cuidar dela, a fim de que John pudesse continuar em sua obra pioneira para o Senhor. Eles se mudaram para Woodland, Califórnia, e depois para Santa Helena, onde o clima parecia mais propício para ela. Quando chegou o tempo de as reuniões de Yountville começarem, alguns homens levantaram uma pequena tenda para que Maggie pudesse ficar em sua cama e ouvir tudo o que era dito do púlpito. Ela estava especialmente interessada nos relatórios da obra missionária em vários lugares do Oeste, e seu coração batia mais rápido ao ouvir do progresso da mensagem da verdade que ela amava tão ternamente.

Mesmo na enfermidade, Maggie Newman Loughborough permaneceu firme e feliz em sua fé na bendita esperança de que Jesus viria em breve. Ela faleceu no dia 24 de março de 1875, confiante na esperança de que Jesus voltaria logo e a levaria para o glorioso lar que Ele está preparando para todos os Seus filhos.

A Obra do Evangelho Avança

Em 1875, havia igrejas ativas e progressistas tanto em Oakland como em São Francisco, e planos para levantamento de fundos estavam a caminho para a construção de uma casa publicadora em Oakland. Uma nova revista, a *Signs of the Times*, seria publicada ali. As reuniões da tenda e as campais prosperavam não apenas na Califórnia, mas também no Oregon, em Nevada e em outros estados.

Já em 1874, Tiago White havia conversado com Loughborough sobre a possibilidade de sua ida até a Inglaterra, para dar início à obra do Senhor naquele país. Naquele tempo, John não podia ver qualquer bom senso nesse plano, mas se comprometeu a seguir a guia e a vontade do Senhor nesse assunto. Então eles oraram juntos e depois separadamente sobre o problema. E no dia 6 de junho os dois foram até as montanhas da Califórnia, onde oraram pedindo direção para o problema que estavam enfrentando. O pastor White precisava saber se deveria ir para o Leste a fim de arrecadar fundos para a nova casa publicadora; Loughborough queria saber qual era a vontade de Deus para ele naquele momento.

Quando se ergueram dos joelhos, ambos tinham de modo claro na mente onde estavam seus deveres: Tiago White devia ir para o Leste e levantar fundos para começar a publicar a *Signs of the Times*.

Loughborough deveria vender sua casa em Santa Rosa (eles não mais viviam ali por causa da enfermidade de Maggie), mas não adquirir outra em qualquer lugar. Ele não deveria radicar-se num lugar, mas ficar livre para ir aonde o Senhor o mandasse.

Novamente, Tiago perguntou-lhe se ele gostaria de ir para a Inglaterra, mas John respondeu que ainda não havia recebido luz indicando que seu lugar era lá. Todavia, pôs imediatamente sua casa nas mãos de um agente imobiliário. O homem lhe disse que não havia muita procura por esse tipo de propriedade, mas veria o que dava para fazer. Dentro de duas semanas, a propriedade foi vendida pelo preço pedido. Logo no início do ano seguinte, Maggie Loughborough faleceu de tuberculose e John ampliou seu itinerário de viagem. Além de seus outros deveres, foi-lhe pedido para atuar como presidente da nova Pacific Press Publishing Association.

Novo Casamento

Pode ter sido durante o quarto encontro campal realizado na Califórnia, em setembro de 1875, que John Loughborough desposou Anna M. Driscol, secretária e tesoureira da Pacific Press, com Tiago White oficiando a cerimônia. Os White haviam se mudado para Oakland no início do ano, e estavam presentes a essa reunião campal. De qualquer maneira, John e Anna estavam casados em 1875.

Para John, os três anos seguintes foram repletos de muitas viagens pela Costa Oeste, realizando reuniões evangelísticas em tendas e reuniões campais, bem como desempenhando seus deveres administrativos.

Bem cedo, no dia 17 de julho de 1878, o fatigado Loughborough embarcou no trem rumo ao Reno, Nevada, onde ele devia realizar uma reunião evangelística na tenda. Ele logo adormeceu, ainda orando por luz com respeito à viagem à Inglaterra. Uma hora mais tarde, ele foi despertado pelo que parecia ser uma mão sacudindo-o pelo ombro. Pensando que fosse o condutor, ele apanhou sua passagem, mas não havia ninguém próximo. Embora ele não tenha ouvido uma voz audível, foi como se alguém lhe houvesse falado claramente: "Ponha seus bens à venda e tome providências para ir à sessão da Associação Geral e para a Inglaterra, se assim for decidido por ela." Isso contrariava seus próprios pensamentos, mas ele estava disposto a deixar a questão com Deus.

Ele apanhou caneta e papel em sua valise e escreveu imediatamente para o pastor White em Battle Creek, contando-lhe sua experiência.

Então escreveu para sua esposa Anna, falando-lhe a respeito e pedindo que ela anunciasse que suas coisas estavam à venda. Eles esperariam e veriam então o que iria acontecer. Se o Senhor considerasse adequado abrir o caminho para a venda, então John saberia que era seu dever ir até a sessão da Associação Geral em Battle Creek.

John cumpriu seus deveres em Reno e voltou para Oakland, a fim de se preparar para as reuniões campais planejadas para o Norte e o Sul da Califórnia.

Tão logo a Sra. Loughborough recebeu a carta, ela falou com seus amigos que todos os seus pertences estavam à venda, desde artigos de mesa até frutas em conserva. Em poucos dias um homem que estava planejando se casar quis comprar tudo o que eles tinham. Alegremente pagou o preço pedido.

Em dez dias contados após a partida de John Loughborough do Reno, todos os seus bens domésticos, exceto roupas e livros, haviam sido vendidos, e a Sra. Loughborough estava na casa de J. I. Tay. John e Anna sentiram que tudo isso era definitivamente a mão do Senhor, e acharam que deveriam assistir à sessão da Associação Geral e tomaram o trem de Oakland, em 19 de setembro de 1978. Embora a viagem durasse doze dias, foi mais curta do que a viagem de um mês, de Nova York até São Francisco, dez anos antes.

Trabalhos na Inglaterra

Naquele ano, a sessão da Associação Geral votou iniciar a obra evangelística na Inglaterra, onde William Ings, um colportor, havia preparado o caminho para um trabalho maior e mais profundo. Foi solicitado que o pastor Loughborough e sua senhora se encarregassem desse trabalho, e fizessem preparativos para viajar a partir de Boston, no navio *Homer*, da Warren Line. Todavia, quando eles chegaram às docas, o agente de viagens, Sr. O'Hara, transmitiu-lhes a notícia de que o capitão estava se recusando a levar passageiros. De qualquer forma, a companhia os transferiria sem despesas para o *Nevada*, da Williams and Guion Line. Ele partiria de Nova York no dia seguinte.

Isso estava bom para os Loughborough, e no dia seguinte lá estavam eles cerca de quarenta metros do píer em que John partira em 1868, rumo a São Francisco. Depois de doze dias de dura viagem, eles chegaram a salvo em Southampton, no dia 30 de dezembro.

O *Homer*, no qual eles deviam viajar no início, perdeu-se no mar e nunca mais se ouviu falar dele. Especulou-se que havia naufragado durante uma tempestade. Agora ele jaz no fundo do oceano.

John e Anna Loughborough passaram cinco anos na Inglaterra, fundando uma igreja em Southampton. Foi durante esse tempo que Maude Sisley, a primeira missionária solteira chamada para servir além-mar, saiu da Suíça para ajudar o pastor Loughborough em seu trabalho.

A primeira sessão da Associação Geral após a morte de Tiago White foi realizada em dezembro de 1881. Foi feito um pedido para que Loughborough a assistisse e levasse com ele para a Inglaterra uma equipe de obreiros, que seriam treinados lá e depois mandados de volta para a América. Aqueles que voltaram da Inglaterra com ele incluíam o pastor A. A. John e esposa, George Drew, Jennie Thayer e o filho e a filha de Loughborough, todos os que fizeram parte da obra evangelística naquele país.

Retornando à América em 1883, o pastor Loughborough viajou como representante da Associação Geral através da região do Pacífico Norte. Durante os doze anos seguintes, ele ocupou vários postos em diversas Associações. Foi presidente em cinco delas e serviu por dois mandatos à Associação da Califórnia. Seu último cargo presidencial foi no Illinois, de 1891 a 1895.

Escrevendo e Publicando

Na maior parte de sua vida, John Loughborough manteve um diário, e muitos incidentes da história adventista inicial foram preservados através de seus escritos. Ele escreveu dezenas de artigos para os periódicos denominacionais e, em certa época, editou o *Pacific Health Journal*. Ele escreveu o primeiro livro sobre história denominacional, publicado em 1892, e o intitulou *O Surgimento e o Progresso dos Adventistas do Sétimo Dia*. Ele foi revisado em 1905 e recebeu o título de *O Grande Movimento do Segundo Advento*. Entre outros livros que trazem seu nome estão *A Igreja, Sua Organização, Ordem e Disciplina*, publicado em 1907. Esse livro foi o precursor do manual da igreja.

Uma Visita à Escandinávia

A visita de Loughborough à Escandinávia, em 1896, teve um começo bastante desagradável. Seu navio aportou em Southampton, Inglaterra. De lá ele viajou de trem para Londres, esquecendo-se de

que a Inglaterra não tinha o mesmo sistema de controle de bagagem que a América. Quando chegou a Londres, foi imediatamente atender a um compromisso, deixando sua mala tipo baú no carro das bagagens. Ele planejava apanhar seu baú quando voltasse e comprasse a passagem para a Suécia. Mas, sem que soubesse, seu baú fora colocado na plataforma da enorme estação de Waterloo. Loughborough não possuía qualquer documento ou papel para provar que tinha um baú, e os encarregados da bagagem não encontraram nenhum vestígio dele. A única marca no baú de que ele podia se lembrar era: "Topeka, Kansas".

Ele gastou uns dois ou três dias procurando ansiosamente seu baú. Ele estava especialmente aflito porque nele havia ficado a única cópia que ele possuía de um manuscrito, e não haveria maneira de reescrevê-lo.

Completamente exausto por causa da busca de sua bagagem, ele voltou para a casa do pastor W. A. Spicer e sua esposa, com os quais estava morando, e afundou no sofá, dormindo rapidamente. Quando ele despertou, meia hora mais tarde, estava alegre e feliz. Ele contou à Sra. Spicer que havia tido um sonho e que tudo ficaria bem. Ele acharia seu baú na Suécia. Toda a ansiedade se foi, pois Deus lhe havia dado a certeza de que daria tudo certo. Como esperava, quando desembarcou na Suécia, seu baú estava num galpão das docas.

Anna

John e Anna se mudaram para Mountain View, Califórnia, no início da década de 1900, onde construíram uma pequena casa e plantaram árvores e flores. John estava com 70 anos e eles esperavam viver felizes até que o Senhor voltasse. Mas seu sonho se desfez quando Anna faleceu no dia 31 de maio de 1907. Eles haviam estado casados por 32 anos, e agora John estava sozinho novamente. Mas sua esperança e fé na ressurreição não sofreu abalo, e ele ainda tinha coisas a fazer para o seu Senhor.

Ao Redor do Mundo

Quando o pastor Loughborough estava com 76 anos de idade, a comissão da Associação Geral pediu-lhe para fazer uma viagem de dezesseis meses ao redor do mundo. Ele visitou várias missões e igrejas, bem como hospitais e casas publicadoras. Durante essa viagem, ele percorreu quase 49.000 km por mar e 28.000 km por terra, pregando 352 vezes. Falando posteriormente dessa turnê, ele disse que

não ficou doente nem um dia sequer e não perdeu uma refeição. De fato, ele disse que se sentiu quase jovem novamente.

O Funeral de Ellen White em Elmshaven

John Loughborough havia sido amigo e associado de Ellen White por longo tempo. Quando ela morreu, em 1915, a primeira das três cerimônias fúnebres foi realizada no gramado de sua casa em Elmshaven. O pastor Loughborough foi convidado a ler um esboço da vida dela.

Cerca de 400 pessoas se reuniram no gramado para dar seu adeus à "pequena senhora de cabelos brancos que sempre falava tão amorosamente de Jesus". Foi uma cerimônia singela, na qual participaram pastores que estiveram ligados à Sra. White por muitos anos. No resumo da vida de Ellen White, Loughborough mencionou que Deus havia dado a ela uma visão poucas horas antes de ele se encontrar com ela pela primeira vez, em 1852. Então, ele contou outras experiências que havia testemunhado através dos anos.

Ele Andou Humildemente com seu Deus

Alonzo Baker contou uma experiência que ele e um amigo haviam tido com o pastor Loughborough, quando eram adolescentes. Loughborough estava realizando uma série de reuniões noturnas na igreja de Healdsburg, Califórnia. Era inverno e a igreja tinha seu aquecimento provido por grandes fogões a lenha, um na parte de trás do santuário e outro na parte da frente. Alonzo Baker, então com 15 anos de idade, e Bennie Grant, com 13, eram os zeladores e estavam assentados na última fila do santuário. Eles ficavam ali para manter os fogões acesos.

Como os garotos fazem, eles estavam cochichando e rindo, não prestando atenção ao orador. Repentinamente perceberam que o pastor Loughborough havia parado de falar e estava olhando para eles. Depois de uma longa pausa, falou-lhes diretamente: "Gostaria que Lonnie Baker e Bennie Grant parassem com seus sussurros lá perto do fogão, pois estou falando algumas coisas que penso precisam ouvir a fim de ser melhores jovens cristãos."

De fato, todos se voltaram para ver o que estava acontecendo. Entre eles estavam a mãe de Bennie, duas de suas tias e a irmã de Alonzo, Alma Baker McKibbin. É desnecessário dizer que ambos receberam um sermão em seu caminho para casa.

Catorze anos mais tarde, em 1923, Alonzo recebeu uma carta do pastor Loughborough, escrita no Sanatório de Santa Helena, onde ele estava morando então. Nessa época, Alonzo era o editor-associado da revista *Signs of the Times*, em Mountain View, Califórnia. Bennie Grant era médico formado pela que é agora a Escola de Medicina da Universidade de Loma Linda. Em sua letra caligráfica, o pastor Loughborough pedia desculpas:

"Caro pastor Alonzo Baker:

Treze anos atrás, quando eu estava realizando uma série de reuniões na igreja de Healdsburg, fui desnecessariamente áspero e severo com você e o Bennie Grant. Eu humilhei vocês na frente daquela grande congregação, algo que eu não deveria ter feito.

"Estou agora revendo minha vida a fim de me preparar para encontrar o Senhor algum dia, e o episódio de Healdsburg, em 1909, vem-me de modo vívido à mente. Peço a você e ao Bennie Grant que me perdoem. Já pedi perdão a Deus por essa lastimável coisa que fiz. Considerando que não tenho o endereço de Bennie Grant, você poderia enviar-lhe esta carta?

"Espero que minha repreensão não tenha desencorajado vocês em sua experiência cristã, pois quero encontrar ambos no reino celestial.

"Em sincera penitência, seu irmão, J. N. Loughborough."

O pastor Baker sentiu que ele e Bennie haviam merecido a repreensão e que o velho pregador não havia sido desnecessariamente duro e severo com eles. Isso foi bom para eles, disse. Mas a experiência de 1909 juntamente com aquela carta de 1923, pareceu-lhes uma prova positiva do caráter e da humildade do pastor Loughborough.

O Último dos Pioneiros

Como mencionado anteriormente, o Sanatório de Santa Helena foi um lar para John Loughborough durante seus últimos anos de vida. Ele desfrutava o ar puro do solário e passava ali algum tempo cada dia. Certa tarde, enquanto estava lendo a *Review*, uma jovem enfermeira se aproximou e lhe disse que ouvira que ele havia lido todos os números da *Review* já impressos. Com um piscar de olhos, o velho cavalheiro replicou que isso não era verdade. A enfermeira ergueu as sobrancelhas em surpresa e, após uma breve pausa, Loughborough completou: "Depois de eu terminar de ler esta, então as terei lido todas."

J. N. Loughborough morreu no dia 7 de abril de 1924 – o último dos pioneiros do movimento adventista. Todos eles na tumba esperam que

Jesus venha e os chame para a vida eterna, descansando sob a bênção de Apocalipse 14:13: "Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor, [...] para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham."

As obras de John Norton Loughborough certamente o seguem e seguramente ele "verá seu Senhor retornando".

Bibliografia

Ellen G. White, Patrimônio – arquivos de documentos, cartas, manuscritos e perguntas e respostas, arquivos.

Ford, Mark, *The Church at Washington, New Hampshire*. Hagerstown: Review and Herald, 2002.

Gordon, Paul A., e James R. Nix. *Laughter and Tears of the Pioneers*. Brushton: Teach Services, 1987.

Hook, Milton. *Flames Over Battle Creek*. Washington, DC: Review and Herald, 1977.

Insight, 5 de dezembro de 1978.

Knight, Anna. *Mississippi Girl*. Nashville: Southern Publishing Association, 1952.

Lantry, Eileen. *Miss Marian's Gold*. Mountain View: Pacific Press, 1981.

McKibbin, Alma E. *Step by Step*. Washington, DC: Review and Herald, 1964.

Ministry, dezembro de 1975.

Nix, James R. *Early Advent Singing*. Hagerstown: Review and Herald, 1994.

Pacific Union Recorder, 3 de abril de 1967; 26 de agosto de 1968; 9 de dezembro de 1968.

Review and Herald, 25 de novembro de 1851; 19 de março de 1857; 15 de setembro de 1868, 13 de maio de 1873; 25 de março de 1884; 3 de fevereiro de 1885; 18 de maio de 1916; 31 de março de 1958.

Robinson, Ella M. *Lighter of Gospel Fires*. Mountain View: Pacific Press, 1954.

_____. S. N. *Haskell: Man of Action*. Washington DC: Review and Herald, 1967.

Robinson, Virgil. *James White*. Washington, DC: Review and Herald, 1976.

Seventh-day Adventist Encyclopedia. Hagerstown: Review and Herald, 1996.

Spalding, Arthur W. *Footprints of the Pioneers*. Washington, DC: Review and Herald, 1947.

_____. *Pioneer Stories of the Second Advent Message*. Nashville: Southern Publishing Association, 1822, 1942.

_____. *Pioneer Stories Retold*. Washington, DC: Review and Herald, 1956.

Spicer, William D. *Pioneer Days of the Advent Movement*. Review and Herald, 1941.

_____. *The Spirit of Prophecy in the Advent Movement*. Review and Herald, 1927.

Wehtje, Myron F. *And There Was Light*. South Lancaster: Atlantic Press, 1982.

Wheeler, Gerald. *James White*. Hagerstown: Review and Herald, 2003.

White, Arthur L. *Ellen G. White*. Washington, DC: Review and Herald, 1981-1986. Volumes 1-6.
White, Ellen G. *Colporteur Ministry*, Mountain View: Pacific Press, 1953.
_____. *Early Writings*, Mountain View: Pacific Press Pub. Assn., 1882.
_____. *Life Sketches*. Mountain View, Califórnia: Pacific Press, 1915.
_____. *Selected Messages*. Washington, DC: Review and Herald, 1958, 1980. Volumes 1 e 3.
William C. White, arquivos de correspondência.

A vida dos pioneiros adventistas foi cheia de dificuldades, tristezas e alegrias enquanto seguiam a direção divina, fazendo seu melhor para divulgar as novas da breve volta de Jesus.

Anna Knight viajou mais de 600 quilômetros para ser batizada. N. D. Faulkhead esteve intimamente ligado aos maçons e outras sociedades secretas, até que teve um sonho certa noite. Stephen e Hetty Haskell, no lugar e no tempo certos, desafiaram um movimento fanático.

O choro do bebê de Leonard e Elvira Hastings e as batatas não colhidas resultaram num testemunho incomum. Maude Sisley Boyd aprendeu a compor numa linguagem que ela desconhecia. Marian Davis foi a principal auxiliar de Ellen White no preparo de materiais para seus livros.

Frederick Wheeler foi o primeiro pastor ordenado a pregar sobre o sábado. Stephen Smith escondeu uma carta num baú por 28 anos, a qual poderia tê-lo poupado de uma vida de aborrecimentos e ódio. Alma Baker McKibbin, frequentemente chamada para fazer o que não sabia, realizou tudo da melhor maneira.

John Loughborough fez uma viagem de 16 meses ao redor do mundo quando tinha 77 anos de idade, viajando 49 mil quilômetros e pregando 352 vezes. E Ellen White manteve a promessa feita a seu falecido marido de levar avante a obra.

Conheça os detalhes dessas emocionantes histórias.

Norma Collins *gosta muito de falar sobre a história adventista para* todos que a queiram ouvir. Ela se aposentou após 30 anos de trabalho no Ellen G. White Estate. Mulher de muitos talentos, Norma pilota avião, faz acabamento em móveis, coleciona objetos de vidro e cuida de canteiros de flores em Hagerstown, nos Estados Unidos.

casa

ISBN 978-85-345-1374-6

9 788534 513746

Biografias